



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES

SÍLVIO CÉSAR LOPES DA SILVA

**Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de  
aula de Língua Portuguesa da Educação Básica**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

SÍLVIO CÉSAR LOPES DA SILVA

**Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de aula de Língua Portuguesa da Educação Básica**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós graduação em Formação de Professores, área de concentração em Educação como requisito para obtenção do título de Mestre.

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, Sílvia César Lopes da  
Produção textual e tecnologias [manuscrito] : um estudo  
etnográfico de uma sala de aula de língua portuguesa da  
educação básica / Sílvia César Lopes da Silva. - 2014.  
107 p. : il. color.

Digitado.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Formação de  
Professores) - Universidade Estadual da Paraíba, Seleção,  
2014.  
\*Orientação: Profa. Dra. Paula Almeida de Castro,  
Seleção\*.

1. Tecnologia Educacional. 2. Produção textual. 3. Sala de  
aula I. Título.

21. ed. CDD 371.334

SÍLVIO CÉSAR LOPES DA SILVA

**Produção textual e tecnologias: um estudo etnográfico de uma sala de  
Língua Portuguesa da Educação Básica**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual  
da Paraíba, como parte das exigências do Programa  
de Pós graduação em Formação de Professores,  
área de concentração em Educação como requisito  
para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 31 de 03 de 2014

Banca Examinadora:

*Assinatura do orientador*

---

Orientador (a): Prof. Drª Paula Alcinda de Castro  
Universidade Estadual da Paraíba

*Paula Alcinda de Castro*

---

Prof. Drª. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

*Carmen Lúcia de Mattos*

---

Prof. Drª. Morgana Lígia de Farias Freire  
Universidade Estadual da Paraíba

*Morgana Lígia de Farias Freire*

---

Prof. Drª. Patrícia Cristina de Araújo Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba

CAMPINA GRANDE – PB

2014

## DEDICATÓRIA

Pensar em quem ou a quem dedicar esse trabalho não é nada fácil, pois, voltar o olhar para o início de tudo me faz ver que muitas pessoas até aqui chegaram comigo, minha família, meus amigos, meus alunos, meus colegas de turma, meus professores... é uma lista infinita.

Mas, sei que foi com você, que eu aprendi a repartir tesouros, respeitar os outros. Com você, posso dizer que aprendi a lição que você fez comigo. Não sei como agradecer tudo o que tens feito por mim. Sua voz, seu silêncio, a cada dia, indicavam-me os caminhos por onde andar. Espero não esquecer as lições que contigo aprendi, pois sei que: “pra alcançar as estrelas, não ai ser fácil, mas se eu te pedir. Você me ensina como descobrir, qual é o melhor caminho.” E sei que contigo posso contar.

A você minha eterna orientadora, **Paula de Almeida Castro**. Meu obrigado!

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por a cada instante me inspirar, fortificar e ensinar a ter paciência para seguir em frente, com objetivos e perseverança.

À minha orientadora, Paula Castro, que com sua competência, sonhos e inteligência inspira-me a cada dia a acreditar na educação. Meu eterno obrigado.

Aos meus pais, meus irmãos e minha irmã, minha base, meu eixo, minha régua e compasso. Vocês que me ensinam nas folhas da vida a escrever minha história.

Aos meus amigos e amigas que, entre críticas, leituras, orientações e conselhos foram aos poucos me ensinando com seus jeitos a ver o mundo com os olhos mais fraternos e com os pés no chão. Escolher um, dentre tantos é uma responsabilidade imensa, mas sei que neste todos estarão representados. E são vocês, que desde o princípio me inspiraram e estiveram, a me dar força a cada conquista, com paciência liam meus textos e com críticas pontuais revelava-me saídas para tantos entraves. E em momentos de desânimos, pude contar com a palavra amiga de vocês. Meu muito obrigado a você André Campos e a você Maria Raquel Silva (Quel).

A direção da E.E.E.F.M Major Veneziano Vital do Rego, na pessoa da diretora Terezinha Bruno de Albuquerque Pontes, que com sua dedicação, compromisso e companheirismo, a todo instante esteve a colaborar com a pesquisa e ao mesmo tempo a facilitar nossa permanência nas dependências da escola.

A professora e alunos da turma, estes foram fundamentais para a realização da pesquisa. Meu muito obrigado, pois sei que sem a existência de vocês, eu não conseguiria dar passos significativos para a concretização desta pesquisa.

Aos professores e à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba. Em particular as professoras Patrícia Aragão por fazer parte do programa, ser minha professora e participar da banca examinadora. E a professora Morgana Lígia, que passei a conhecer e admirar, por sua simplicidade, seu companheirismo e sua sinceridade. Muito grato por vocês existir em minha vida.

E não posso deixar de mencionar a professora Carmem Mattos, que com sua disponibilidade, mesmo a distancia, esteve presente em momentos significativos de minha conquista acadêmica, me orientando, animando e encorajando.

Todos vocês fazem parte de mim. Se sou o que sou. Se cheguei onde estou. É por que vocês ao longo desta caminhada foram caminhando comigo. Se aprendi o que vocês me ensinaram, o tempo me dará as respostas, mas a certeza tenho, muita coisa vocês me ensinaram e sei que a qualquer momento que precisar, poderei contar com todos.

*“O saber  
A gente aprende  
Com os mestres e com os livros  
A sabedoria,  
Se apreende é com a vida  
E com os humildes...”  
Cora Coralina*

## RESUMO

O objeto de estudo, identificado como produto do mestrado profissional em formação de professores, pautou-se no uso das tecnologias educacionais a partir das produções textuais de alunos de uma turma de Língua Portuguesa em uma escola pública da rede estadual de ensino. A pesquisa surgiu das observações realizadas em sala de aula. Observações estas a partir do uso ou não das tecnologias e de suas interferências no processo ensino-aprendizagem na sala de aula de Língua Portuguesa, possibilitando coletar os dados da análise e, por conseguinte a reflexão dos mesmos a partir da etnografia. Para tal, observamos in-loco a produção textual dos alunos e através desta criamos um questionário online, o qual nos permitiu observar as produções textuais online e ao mesmo tempo sinalizou-nos alguns resultados, tais como o não uso das tecnologias na sala de aula e a falta de acesso no referido ambiente. Dessa forma, surge à necessidade de se refletir questões atuais que envolvam o aluno, seu contexto, suas necessidades e ao mesmo tempo os faça interagir no cotidiano da sala de aula. É partindo desse pressuposto que a produção textual in-loco e online motivou-nos a pensar o tema como processo construtivo no que se refere ao ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na sala de aula e seu reflexo em nossa prática na condição de professor da educação básica, além das possíveis contribuições que o mesmo poderá dar aos demais profissionais da educação. Para tanto, ao longo desse trabalho, tecemos considerações teóricas, os quais desenvolvem pesquisas qualitativas, etnográficas e educacionais, que contribuíram para o entendimento sobre o processo de escolarização e, ao mesmo tempo, da inclusão/uso das tecnologias na sala de aula.

Palavras-chave: Tecnologia Educacional. Produção textual. Sala de aula.



## ABSTRACT

The object of study, identified as the product of professional master's degree in teacher education, was based on the use of educational technologies from textual productions of students in a class Portuguese Speaking at a public school in the state schools. The research arose from observations in the classroom. These observations from the use or not of the technologies and their influence on the teaching-learning process in the classroom Portuguese Language room, enabling collect data analysis and therefore the reflection of the same from the ethnography. To this end, we observe in-place text production students and through this we create an online questionnaire, which allowed us to observe the online textual productions and at the same time signaled us some results, such as not using technology in the classroom and lack of access in that environment. Thus arises the need to reflect current issues involving the student, their context, their needs and at the same time make them interact in everyday classroom. It is under this assumption that textual production on-site and online motivated us to think about the subject as a constructive process with regard to the teaching and learning of English Language in the classroom and its reflection in our practice room on the condition of teacher education basic, in addition to possible contributions that it may give other education professionals. For that, throughout this work, we weave theoretical considerations, which develop qualitative, ethnographic and educational research that contributed to the understanding of the educational process and at the same time, inclusion / use of technology in the classroom.

Keywords: Educational technology. Textual production. Classroom.

## **LISTA DAS FIGURAS E GRÁFICOS**

### **FIGURAS**

**Figura 1 – modelos de textos não verbais distribuídos aos alunos com o objetivo da produção textual.**

**Figura 2 – Modelo da produção escrita da aluna Micaelle**

**Figura 3 – Modelo da produção escrita da aluna Renally**

**Figura 4 – Foto de capa do facebook dos alunos da E.E.E.F.M Major Veneziano Vital do Rego**

**Figura 5 – Foto do grafite no muro da escola. Foto da participação dos alunos na gincana escolar.**

**Figura 5 – Participação dos alunos no grupo do facebook.**

### **GRÁFICOS**

**Gráfico 1 – Análise da utilização das tecnologias**

**Gráfico 2- A vivência das tecnologias no dia a dia.**

**Gráfico 3 – A frequência de acesso a internet**

**Gráfico 4 – O uso da internet como atividade extra- classe**

# SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	CONSTRUINDO UM PERCURSO TEÓRICO: DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	14
1.1	O processo educacional brasileiro.....	16
1.2	O professor e seu papel diante do novo-desafio .....	22
2	A ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	29
2.1	Etnografia e Educação.....	32
2.2	Sobre o objeto.....	37
2.3	Lócus da pesquisa.....	38
2.4	Caracterização dos sujeitos e do processo da pesquisa.....	43
2.5	Os sujeitos: alunos do 2º ano do Ensino Médio.....	44
2.6	Os instrumentos da pesquisa.....	47
2.6.1	A observação participante.....	48
2.6.2	A utilização do questionário.....	50
2.6.3	Preceitos éticos em pesquisa.....	53
2.6.4	Procedimentos para o estudo.....	54
2.6.5	Sobre o processo de análise de dados.....	56
3	A PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DAS PERSPECTIVAS INTERATIVAS: ENTRE O PRESENCIAL E O VIRTUAL.....	59
3.1	O texto enquanto prática social.....	59
3.2	O texto na sala de aula: do escrito aos gêneros textuais.....	63
3.3	A produção textual: a prática desenvolvida .....	66
3.4	Novas produções: o texto virtual e a interação nas redes sociais .....	70
4	AS TECNOLOGIAS, AS REDES SOCIAIS E A SALA DE AULA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS .....	77
4.1	O contexto e as possibilidades de reflexão .....	78
4.2	O uso do questionário online: uma ferramenta possível .....	79
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
	REFERÊNCIAS.....	93
	APÊNDICES .....	96

## INTRODUÇÃO

Quando pensei em um dia ter esse olhar mais de observador que de agente para a sala de aula, não pensava na dimensão que é o contexto escolar. Suas trocas simbólicas, suas regras, seus emaranhados de significados para os sujeitos neste inseridos. Isso não quer dizer que não foi preciso esquecer o envolvimento com a práxis diária, pelo contrário, esta sinalizou-me olhar para a sala de aula não apenas com o olhar de professor, de artífice, mas sim, com o olhar de pesquisador, ou entendedor, que diante dos fatos, das evidências, do trivial, busca respostas as mais diversas indagações.

Pensar em uma introdução que contemple todas as questões que nos instigaram a chegar até aqui, nos faz perceber que nada está acabado e que há sempre um recomeço. Como dizer o que começou e não está concluso? Ao chegarmos ao final desta etapa teremos todas as respostas? Só o tempo nos dará a resposta certa para as inúmeras questões sinalizadas.

Assim, aos poucos fui construindo o percurso, o qual me daria respostas as mais diversas indagações e sentido à dissertação a qual me propus no ontem escrever. Olhando para a escola, os alunos, tornei-me um, com eles. Dessa forma, fui pensando nos caminhos possíveis que levassem ao encontro das coisas que esperava, das inesperadas, e daquelas que inda não havia pensado ou estava preparado a superar.

Neste caso, olhando para a sala de aula de Língua Portuguesa, seus desafios diários, pensamos em um estudo que nos sinalizasse algumas respostas, desde o comportamento, participação, envolvimento a interação da turma com o conteúdo desenvolvido mediados pela professora. Assim, fomos nos envolvendo com a pesquisa de abordagem etnográfica, uma vez que a mesma nos possibilitou analisar os dados coletados e entender a importância do uso das tecnologias como ferramenta pedagógica no processo ensino-aprendizagem dos alunos. Assim, a nossa pesquisa foi se configurando a partir de nossas indagações, dos sujeitos envolvidos e das análises dos dados coletados e, por conseguinte mediados sua leitura pela teoria escolhida.

Para tantos, iniciaremos nossa reflexão pensando um pouco sobre a formação do professor de educação básica. Olhando para as transformações ocorridas nas últimas décadas. Vamos perceber com tudo isso que por mais que tenham sido implementadas inúmeros investimentos para a educação básica e a formação de professores, observa-se que persistem problemáticas pontuais que afetam o cotidiano de alunos e professores.

Dai recaírem, sobretudo nas condições de trabalho, desfavoráveis, levando ao desestímulo de todos os sujeitos, além da ausência de políticas de gestão que possam implementar mudanças necessárias para o enfrentamento das dificuldades junto à comunidade escolar.

Fica-nos evidente que ensinar nestas condições é um desafio na sociedade moderna. Ao professor cabe as responsabilidades de estar atento às demandas educacionais de seus alunos, ao passo que dá respostas as angústias e anseios dos mesmos, indo desde a aquisição das habilidades de leitura, escrita e cálculos até questões mais complexas como o entender e interagir com a sociedade nos seus discursos sociais, reais ou virtuais.

É a partir deste olhar e dessas questões, que no Capítulo 1, propomos uma reflexão sobre os avanços das tecnologias no contexto da sala de aula e no cotidiano escolar como um todo. A observação dos limites e possibilidades de tal prática nos permitirá ao mesmo tempo, assinalar aquilo que os autores discutem em relação ao tema, destacando os diferentes posicionamentos em relação ao uso ou não das tecnologias. Nesse sentido, apresenta-se, ainda, uma reflexão acerca do processo educacional brasileiro, fazendo um recorte histórico do mesmo contribuindo para o entendimento do uso das tecnologias educacionais.

No Capítulo 2 temos a escolha da abordagem metodológica para a realização desse estudo. Fomos pensando numa metodologia que facilitasse nossa busca e ao mesmo tempo nos desse base de sustentação para análise e reflexão dos dados.

Optamos pela abordagem qualitativa já que a mesma nos permite refletir as mais diversas questões que norteiam as pesquisas, que tem por base o contexto escolar, desde a relação professor-aluno, as questões de currículo, gestão, processo ensino-aprendizagem dentre outros. Isso nos faz voltar nosso olhar para um foco específico, as interações na sala de aula e, por conseguinte o método etnográfico.

Assim, ao assumir a etnografia como uma das ferramentas de pesquisa a concebemos como um caminho teórico-prático possível, dentre outros tantos, porém, as hipóteses, as respostas as perguntas assumem configurações diferenciadas, pois, a partir dos dados coletados e do envolvimento do pesquisador, os resultados ajudarão a entender os objetivos da pesquisa como um todo.

O objeto dessa pesquisa consiste em analisar o uso das tecnologias no contexto da sala de aula da disciplina de Língua Portuguesa através da produção textual dos

alunos. Essa observação permitirá entender como a linguagem vai influenciando a escrita dos alunos, ao passo que sinalizando o lugar de onde estes escrevem.

Para tanto, para que a pesquisa se configurasse como tal, esta foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino, na Paraíba a EEEFM Major Veneziano Vital do Rego que fica na cidade de Campina Grande-PB. Escola com um número significativo de alunos matriculados – 1.583 (mil quinhentos e oitenta e três), devido a sua localização geográfica e a demanda crescente, a cada ano há uma procura significativa por vaga. Assim, neste capítulo teremos a descrição do percurso metodológico o qual favoreceu significativamente a construção, coleta e análise dos dados.

Nosso propósito no Capítulo 3 é refletir sobre o processo pelo qual acontece a produção textual na sala de aula, mais especificamente, como os alunos interagem neste espaço, entre a produção textual in-loco e a produção online. Para tanto, faremos uma leitura das questões que envolvem os gêneros textuais, sua concepção e como os mesmos estão presentes nas práticas desenvolvidos no cotidiano da sala e aula. A partir destas observações, explicaremos a atividade realizada, com imagens, produção escrita em sala, e as postagens feitas pelos alunos junto a um grupo do facebook.

Como estratégia metodológica, utilizaremos alguns modelos de textos verbais e não-verbais, que serviram como material de análise, distribuídos pela professora aos alunos além das produções feitas a partir destes textos não-verbais. Nosso trabalho aconteceu junto a uma turma do ensino médio da rede Estadual de Ensino do turno da noite. A escolha da turma deu-se devido a sua interação e envolvimento com a escrita, ao passo que nos possibilitou ver a importância que os mesmos dá a produção textual, tendo em vista que são alunos que estão em fase de conclusão do ensino médio e em preparação para exames e seleções, tais como vestibular e ENEM.

O Capítulo 4 tem por objetivo refletir o uso das tecnologias e do acesso as redes sociais em sala de aula, a partir do que foi analisado junto a um questionário online feito com os alunos. Perceberemos com isso que este torna-se um desafio para o modelo de escola que temos hoje em dia, já que mesmo observando os avanços tecnológicos, acessos e outros, percebe-se que a realidade da escola difere das práticas vivenciadas pelos alunos fora deste ambiente.

Essas observações nos levaram a perceber o tipo de questionário que iríamos compor para apresentar aos alunos norteando nossa busca e ajudando a compreensão dos dados neste assinalados, uma vez que o uso ou não de tais tecnologias na sala de aula nos sinalizavam algumas direções. A partir deste, foi possível ouvir a voz do aluno

no processo formativo e ao mesmo tempo, reconhecer seu posicionamento acerca do uso das tecnologias e da internet no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa.

Vamos perceber, contudo, que neste caso, o que deveria ser incluído acaba ficando a margem, os espaços para a reflexão e uso de novas ferramentas acabam não existindo e o ensino continua a ser nos moldes tradicionais. E são essas marcas de individualidades impregnadas nos rincões da sala de aula e em todos os espaços escolares os quais não favorecem ao melhor aproveitamento daquilo que se ensina. Isso nos faz pensar como as práticas desenvolvidas na escola têm proporcionado novas formas de lidar com a vida e com os desafios do cotidiano. Pensar esses desafios foi um dos objetivos dessa pesquisa, para entender o emaranhado simbólico e complexo que é a sala de aula de Língua Portuguesa.

Os resultados do estudo realizado apresentam indicativos de que a escola caminha, mais uma vez, na contramão de seu processo histórico de produção do conhecimento, enquanto a sociedade avança, vislumbra outros meios que favorecem a comunicação, as relações sociais e até mesmo a aprendizagem. Observamos que as práticas desenvolvidas na sala de aula não conseguem superar a “mesmice” de ontem e vivenciar o futuro no hoje.

Desta feita, teceremos nossas Considerações Finais tendo por base os dados a metodologia, coletados, as análises feitas e os resultados obtidos

É nesse contexto que se configurou nossa pesquisa, e o produto final do Mestrado Profissional em Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba.

## **1 CONSTRUINDO UM PERCURSO TEÓRICO: DESAFIOS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

As reformas educacionais ocorridas nas últimas décadas têm trazido mudanças significativas, sobretudo, na educação básica e no ensino superior, podemos observar grandes transformações tais como a universalização do acesso à escolarização, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), as políticas e os programas voltados para a qualidade nos processos educacionais envolvendo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPS) dentre outros. Estas transformações refletem na produção acadêmica, ao mesmo tempo, que tem motivado os professores a voltar o seu olhar para tais questões e delas tentar participar ativamente.

Entretanto, ainda que tenham sido implementadas inúmeros investimentos para a educação básica e a formação de professores, observa-se que persistem situações problemáticas que afetam o cotidiano de alunos e professores. Estas, recaem, sobretudo nas condições de trabalho, na maioria das vezes desfavoráveis, levando ao desestímulo dos alunos e professores, a remuneração docente, ausência de políticas de gestão que possam implementar mudanças necessárias para o enfrentamento das dificuldades junto à comunidade escolar (ARROYO, 1999).

Neste cenário, o professor é um dos culpabilizados pela má qualidade do ensino e, por conseguinte, pelo fracasso escolar de seus alunos, sendo ele mal formado para o desempenho de suas atividades docente. Assim, persiste o entendimento de que o professor é o culpado excluindo outros fatores podem conduzir a este resultado.

Percebe-se, que a cada dia, ensinar é um desafio na sociedade moderna. Ao professor cabe as responsabilidades de estar atento às demandas educacionais de seus alunos, ao passo que da respostas as angústias e anseios dos mesmos, indo desde a aquisição das habilidades de leitura, escrita e cálculos até questões mais complexas como o entender, e interagir com a sociedade nos seus discursos sociais, reais ou virtuais. A busca por respostas, nesse contexto, é algo que tem motivado o interesse de alguns professores a refletir sobre o seu lócus de trabalho como algo mais promissor, em desenvolvimento e em constante mudança. Tal consciência tem oportunizado ao aluno correlacionar conteúdos à sua vivência e, ao mesmo tempo, perceber que a



aprendizagem acontece de forma interativa nas mais diversas situações sociais e não somente nas quatro paredes da sala de aula ou dentro dos muros da escola.

Entretanto, é preciso ressaltar a dificuldade de alguns profissionais em não abrir-se ao novo, ou seja, sentem-se desmotivados a inovar e encarar a situação como desafio para transformá-la em algo melhor, mais promissor e participativo. É preciso sair da zona de conforto a qual se encontra e enxergar no novo como auxílio para seus dilemas cotidianos. Destaca-se, ainda, que o cotidiano escolar passa por transformações as quais o professor não está preparado ou se preparando para as mesmas, ou seja, a não-busca de alternativas dificultará ainda mais o entendimento das questões e a interação com estas.

Moran (2000) refletindo a questão do ensino e aprendizagem inovadores, a partir de recursos tecnológicos, sinaliza-nos que:

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (MORAN, 2000, p.11).

Neste caso, o autor chama-nos a atenção para o fato em que as tecnologias devem ser associadas à necessidade e ao mesmo tempo a prática cotidiana do professor. Situação a qual não se reflete e na maioria das vezes é deixada de lado.

É nesse dilema que velhas práticas e novas alternativas passam a caminhar no contexto da sala de aula, pois, é preciso ressaltar que as tecnologias têm exercido papel significativo, uma vez que ao longo dos anos vem se revelado um grande parceiro do professor no processo ensino-aprendizagem e na adequação dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. E na condição de ferramenta, tem ampliado as questões de tempo e distância além de motivar esse processo complexo que é o ensino-aprendizagem como tal. Contudo, cabe adequar o uso a necessidade e fazer destes a comunhão perfeita.

É a partir desse olhar, que neste capítulo, propõe-se uma reflexão a propósito do avanço das tecnologias no contexto da sala de aula, no cotidiano escolar como um todo. Esta se dá pela observação dos limites e possibilidades de tal prática e, ao mesmo tempo, assinalar aquilo que os autores discutem em relação ao tema, destacando os diferentes posicionamentos em relação ao uso. Nesse sentido, apresenta-se, ainda, uma

reflexão acerca do processo educacional brasileiro, fazendo um recorte histórico do mesmo contribuindo para o entendimento do uso das tecnologias educacionais.

## 1.1 O processo educacional brasileiro

Desde o final do século XIX as discussões sobre o acesso à escola tem sido pauta de ações governamentais ao passo que desperta na sociedade o interesse pelas questões educacionais como um todo. Ao mesmo tempo em que este acesso ampliou-se, também, assistimos a uma variabilidade expressiva de crianças e adolescentes que apresentam as mais diversas trajetórias escolares, algumas marcadas pelo abandono, outras por reprovações e pela distorção idade-série, o sucateamento e abandono das instalações físicas, bem como a má remuneração salarial e formação dos professores (SOARES, 1987; MORAN, 2000; SAVIANI, 2000; TARDIF, 2009) Observa-se, assim, que pensar o tema tecnologias educacionais, o acesso bem como o seu uso, é algo que vai além dos muros da escola, uma vez que envolve formação adequada, incentivo ao uso, acesso as tecnologias dentre outros.

Contudo, vamos nos dar conta que a educação no Brasil passou e passa por processos de transformações e adaptações significativas, da expansão do sistema de ensino, dedicado as camadas sociais mais pobres da sociedade a expansão da oferta de escolas para os mesmo, ou seja, ao longo dos anos observa-se que foi criado e propagado com tais iniciativas um discurso<sup>1</sup> voltado para uma educação popular dando as camadas mais pobres da sociedade a oportunidade de aprender e com isso ter a ascensão social. E como bem assinala Saviani (2000) a salvação de todos os problemas que foram se acentuando na sociedade, fica sob a tutela da educação, como se a mesma tivesse as respostas para cada situação. Assim:

A ênfase que se vem dando ultimamente à educação como instrumento para o desenvolvimento exprime, embora de maneira difusa e frequentemente unilateral, essa dependência. Entretanto, agarra-se à educação como uma

---

<sup>1</sup>Não é nosso propósito aqui, fazer análise do discurso, porém, quando usamos a palavra discurso, concordamos com Orlandi (1999), o qual a concebe como o lugar em que se pode observar a relação entre a língua e a ideologia, ou seja, ela não perpassa apenas a interpretação, mas sim, seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Em síntese, observa-se que todo discurso se delinea na relação com outros discursos, são os dizeres presentes e os dizeres que se alojam na memória, mostrando assim que há em todo discurso uma formação discursiva. ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

espécie de tábua de salvação para os problemas nacionais representariam uma posição ingênua, destruída de criticidade. Isso porque, se de um lado, ela se constitui num possível ponto de rompimento do chamado “círculo vicioso” do subdesenvolvimento, por outro lado, ela própria se apresenta como que encerrada dentro do mesmo “círculo”. Daí, as deficiências do processo educacional, constantemente apoiadas, raramente sanada e frequentemente agravadas (SAVIANI, 2000, p.02).

Vamos perceber assim, que tal processo veio caminhando na contramão da realidade, uma vez que a escola que se pensou, ou se criou, não se adéqua a realidade do aluno que aos poucos vai chegando e se familiarizando com o ambiente escolar. Como consequência disso, os mais diversos problemas vão surgindo, desde a superlotação das salas de aulas a condições mínimas que condigam com a educação em si.

Partindo da mesma reflexão, Soares (1987) chega à conclusão que:

No Brasil, o discurso em favor da educação popular é antigo: precedeu mesmo a proclamação da república. Já em 1882, Rui Barbosa, baseado em exaustivo diagnóstico da realidade brasileira da época, denunciava a vergonhosa precariedade do ensino para o povo no Brasil e apresentava propostas de multiplicação de escolas e de melhoria qualitativa do ensino (SOARES, 1987, p.08).

A afirmação da autora nos direciona a algumas reflexões dentre elas a questão da qualidade do ensino, bem como as condições básicas que envolvem a escola pública como um todo. Isso nos leva a crer que por mais que a reflexão seja antiga, os problemas continuam atuais. Dando continuidade a sua análise, a autora chega à conclusão que sendo este um assunto que envolve desde a República, ou seja, um assunto antigo e amplamente discutido na época chega aos dias atuais, com uma nova roupagem, porém, com as mesmas problemáticas, as quais vão se acentuando e ganhando novas proporções. Daí ela ainda afirmar que:

Desde então, e até hoje, diagnósticos, denúncias e propostas de educação popular têm estado sempre presentes no discurso político sobre educação, no Brasil. E também desde então, e até hoje, esse discurso vem sempre inspirado nos ideais democrático-liberais: o objetivo é a igualdade social, e a democratização do ensino é visto como instrumento essencial para a conquista desse objetivo (SOARES, 1987, p.08).

O que é possível captar na afirmação da autora é que acompanhada às ideias de capital humano outras estão a esta atreladas, tais como, investir em educação é investir na mão de obra e, por conseguinte dar ao cidadão a condição de trabalhador, qualificado

e bem remunerado para exercer determinada função ou serviço. Ou seja, o discurso se constitui ideologicamente, formando mão de obra e não mentes pensantes, uma vez que conduzir a força do trabalho daquele que não pensa e não tem tempo para pensar se torna mais fácil.

É dessa forma que todo um discurso ideológico vai se formando ao longo dos anos, e se intensificam no decorrer das décadas de 1930 a 1964. Já que era sentido, diante da necessidade um ideal de sociedade, e para a concretude de tal desejo tornou-se necessário mudanças específicas na forma de produção e para tal empreitada acontecer efetivamente como desenvolvimento social significativo, foi o investimento do capital estrangeiro na economia além da substituição do agrário pelo fabril, que deu sentido ao mesmo. Essa transição vai afetar diretamente todos os setores sociais, uma vez que a mudança traz consequências marcantes que vão caracterizar um novo modelo social. Uma sociedade que antes era voltada para o campo ou local deixa de ser o que é, e começa concentrar todas as suas mudanças e investimentos no coletivo que foi se formando nas cidades.

A mudança, a nosso ver, é radical, já que o agrário tradicional, da cana-de-açúcar, do café e do leite, passa a ser substituído pela máquina, pela imediatez e produção em escalas. A indústria é quem dita à regra, mesmo que esta seja para o lucro de empresas e para o armazenamento de supérfluo, porém, tudo almejando um único objetivo, o lucro. Assim, o que antes era feito pelo uso das mãos, agora é pelo uso da máquina. Ao voltarmos nosso olhar atentamente para esse período histórico, perceberemos que o país passa por uma série de mudanças institucionais infra e superestruturais que acabaram por constituir os fundamentos de uma nova organização social e política a qual tem seu modelo de desenvolvimento regido pelo capitalismo ocidental. Daí a necessidade de se entender o contexto no qual o modelo educacional vai se configurando ao longo dos tempos (ROMANELLI, 1998, p.23).

Vamos perceber com isso que o Estado passa a assumir um papel importante nesse processo. Ele acaba interferindo nas políticas públicas sociais como um todo e assume o poder de controle de tudo o que seria dever social, a manutenção e medição dos mesmos. Ou seja, voltando-se para as comunidades baixas e pobres, para a massa urbana, ele procura dar soberania e apoio as mesmas, para que estes se sintam seguros e, por conseguinte depositem toda a sua confiança neste. Porém, esse apoio não sai sem o devido retorno, já que o Estado é capitalista, tornou-se industrializado e por si só ideológico, ou seja, existe todo um jogo de interesses que dita até onde o apoio deve

chegar e quais os reais propósitos que estão por trás do mesmo. Percebe-se com esse processo que o instante em que as massas são incluídas, automaticamente as exclui, uma vez que o que é ofertado como serviço deixa os indivíduos dependentes dos mesmos, pois, a qualidade dos serviços acaba sendo aquém da real necessidade. Assim, a população acaba aceitando passivamente sem questionar os serviços e qualidade dos mesmos.

Como fica a educação nesse ínterim? Em relação à educação esse período compreendido entre as décadas de 1930 e 1964 é marcado por grandes reflexões e debates sobre Manifesto da Educação Nova de 1932 e da LDB da educação de 1961. Percebe-se que, tanto um quanto o outro, mesmo tendo em pauta a homogeneização do sistema educacional tem em suas bases novas mudanças econômicas, sociais e políticas. Ou seja, essas constituições se referem ao avanço significativo e a concretização de uma política educacional de âmbito nacional. A escola aqui passa a assumir o papel fundamental do desenvolvimento econômico e social integrando a sociedade capitalista, urbana e industrial. Assim, a partir do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, as mazelas da educação brasileira foram todas postas em relevo, denunciadas e anatematizadas. No entanto, é chocante constatar que as mesmas críticas formuladas em 1932 são quase todas cabíveis ainda hoje, tendo em vista que pensar nesse sistema educacional, é pensar em uma educação efetiva voltada para o povo brasileiro (SAVIANI, 2000, p.02).

Gentili (2001, p.14) chama-nos a atenção para o fato que o ensino destinado aos pobres remonta às escolas de caridade do século XVIII e às escolas populares do século XIX; mas os modernos programas datam basicamente dos anos 1960 e têm uma história específica, pois, as mesmas tinham como princípio a segregação, por raça, gênero e classe social, escolas acadêmicas e técnicas, públicas e privadas. Porém, é preciso observar que, a mesma ideia perpassa as atuais iniciativas voltadas para a educação, já que aqueles que a fomentam sempre a têm como algo compensatório e caridoso, no qual ofertar educação é fazer caridade com os pobres.

Sendo a educação uma atividade de mediação cujo objetivo é consolidar o processo de interação social, aprendizagem, humanização do ser e solidificar suas relações com a natureza, o outro e consigo mesmo, por outro viés, vamos perceber que o processo de escolarização na maioria das vezes não leva em consideração tais situações, uma vez que sua base é a homogeneização, das relações, do pensamento e dos sujeitos.

Ao olharmos para a realidade cotidiana de nossas salas de aula, nos damos conta que esta é cheia de questionamentos, impasses, incertezas, dentre outros desafios, os quais na maioria das vezes conduzem a todos a não acreditar em seu potencial transformador e dar respostas significativas a tal situação. Vamos perceber, contudo, que a escola acaba assumindo muitas responsabilidades pessoais e sociais, com a intenção de homogeneizar a tudo, do acesso ao ensino, porém, os desníveis educacionais se tornam a marca mais evidente de tal situação. Neste caso a ideia de homogeneizar não dá conta de tal dinâmica. O autor Romanelli (1998), chama-nos a atenção para tal situação ao afirmar-nos que:

A necessidade de manter os desníveis sociais teve, desde então, na educação escolar, um instrumento de reforço das desigualdades. Nesse sentido, a função da escola foi a de ajudar a manter privilégios de classes, apresentando-se ela mesma como uma forma de privilégio, quando se utilizou de mecanismos de seleção escolar e de um conteúdo cultural que não foi capaz de propiciar às diversas camadas sociais sequer uma preparação eficaz para o trabalho (ROMANELLI, 1998, p.24).

Considerando que a escola deveria ser o local por excelência onde o aluno encontra a oportunidade para pensar, refletir, expressar seu pensamento tendo por base os conhecimentos ensinados neste espaço e os que foram adquiridos com a convivência diária. Assim, vamos perceber que a escola tem perdido esse poder de espaço transformador, daí concordarmos com Soares (1987) ao afirmar-nos que:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político e econômico, contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social (SOARES, 1987, p. 73).

Para que a escola e o ensino nesta executado, venha a ser transformador e assuma um compromisso com a emancipação do sujeito, é preciso a articulação e harmonia de todos os conhecimentos adquiridos e ensinados ao aluno. Assim:

A articulação de conhecimentos produzidos por diferentes teorias se faz a partir de uma concepção política da escola, vista como espaço de articulação de forças que podem levá-la a contribuir na luta por transformações sociais (SOARES, 1987, p.75).

É essa escola, ativa e de participação, que a autora chama-nos a atenção, uma escola que esteja inserida na sociedade e leva o sujeito a refletir sua condição de agente transformador, na qual pensa, articula, reflete e luta por seus direitos. Cremos que a importância social da escola só acontece quando o que se ensina se é articulado com as experiências individuais e coletivas, e na junção destes se faz a ação de algo mais concreto e efetivo na sociedade. Percebe-se dessa forma que é quando o sujeito passa a ter consciência que o processo de aprendizagem foi significativo para sua vida. Neste caso, sendo o indivíduo consciente de seu processo formativo e tendo a escola assumido o seu papel neste processo, isso fará com que a sociedade volte seu olhar para a escola e reconheça o quão é importante ter um sistema educacional funcionando de forma adequada e com condições mínimas de ser o espaço de formação e fomentador de sonhos.

É preciso entender que a educação como processo, nasce das necessidades humanas de adaptar-se a realidade, da curiosidade do ser humano em querer entender determinados processos, de sua interação com a natureza para dominá-la e interagir de forma dinâmica e consciente. Assim, para continuar cada vez mais a existir e ser enquanto tal, o homem precisa estar continuamente produzindo sua própria existência através do trabalho, e é essa tal produção que determinará o modo como ele produz sua existência no mundo.

É também necessário considerar que a escola é o local que deve possibilitar aos alunos condições mínimas para que possam apropriar-se dos conhecimentos nela ensinados e que os mesmos sirvam de instrumentos de intervenção na realidade social e na vida de cada educando. À escola cabe assumir seu papel de formar cidadãos conscientes, dar aos alunos os reais ensinamentos que estes necessitam para suas vidas. Trabalhar e interagir neste mundo de transformações, bem, como reeditá-los para a vida como um todo.

Assim, considerando a escola como espaço por excelência o qual os desafios do cotidiano são intensos, as relações permeadas de trocas simbólicas e dialógicas é preciso está atento e aberto ao novo, que aos poucos passa a ganhar espaço no contexto da sala de aula, no universo escolar, como o caso das tecnologias da informação e comunicação.

## 1.2 O professor e seu papel diante do novo-desafio

Nos últimos anos nossa sociedade vem experimentando um número cada vez mais crescente de novidades tecnológicas nas mais diversas esferas e situações, desde a indústria às pesquisas de ponta. E estando nossas escolas inseridas nesse contexto social, elas não podem ficar distantes à presença real e constante das tecnologias em seu cotidiano. Quanto aos nossos estudos nesse novo contexto vamos perceber que estes requerem ou exigem ferramentas que se adéquem as necessidades da pesquisa como um todo, desde o uso das ferramentas às tecnologias disponíveis. Daí a real necessidade de se investir em tecnologias da informação e comunicação e, por conseguinte obter resultados mais precisos.

Não é tão raro nos depararmos em nossas salas de aula com alunos antenados e abertos ao novo, as mais diversas ferramentas e tecnologias, as quais dominam e não tem receios em usar. Por mais que a escola não disponibilize acesso a computadores ou a outras ferramentas tecnológicas, o aluno procura meios para suprir tal carência já que busca as mais diversas formas para ter acesso ao computador em sua residência ou nas *LAN houses*, bem como se conectar a *web* com facilidade, a um custo mínimo, muitas vezes via celular. Observa-se que a curiosidade e o fascínio pelo novo, natural a essa faixa-etária, desperta no aluno o interesse e a motivação para incorporar tais recursos e linguagens no seu contexto sem restrições ou receios quanto ao uso.

Essa situação faz-nos perceber qual o papel da escola em meio a esse emaranhado de informações, ferramentas, usos e manuseios de todos esses recursos em um contexto, como o da sala de aula, que por si só é dinâmico, convidativo e complexo. Percebe-se dessa forma, que as constantes mudanças sociais têm forçado a escola a se adaptar a nova realidade que aos poucos vai tomando conta de todos os espaços da escola e da sociedade. Estando aberta a todas essas situações e necessidades da sociedade, a escola poderá fazer o diferencial para o jovem e conseqüentemente dar respostas significativas a suas reais necessidades, cumprindo assim o real papel social.

Nossas reflexões nos fazem perceber que as discussões sobre as tecnologias e seu uso é algo que vem acontecendo nos últimos anos, e seu avanço faz a sociedade repensar alguns de seus valores e conceitos até então inquestionáveis, como a comunicação em massa, acesso a informação, espaço, tempo, distância dentre outros. Percebe-se assim, que as tecnologias vêm proporcionando revoluções desde conceitos a



atitudes e para isso é preciso está atentos e abertos, pois mesmo que seja uma revolução gradativa exige de cada um uma atitude crítico-reflexiva.

Assim, para entender como esse processo foi tomando a dimensão a qual temos hoje em dia, ela passou por um processo inicial, o qual Castells (1999) assinala como um processo revolucionário.

Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado. Economias por todo o mundo passaram a manter interdependência global, apresentando uma nova forma de relação entre a econômica, o Estado e a sociedade em um sistema de geometria variável (CASTELLS, 1999, p.39).

Essa revolução acontece, no instante em que os indivíduos controlam programas, ações, interagem com outros, mas ao mesmo tempo, passam a ser controlados por todo um sistema aberto de informação. Neste caso:

Um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldados por ela (CASTELLS, 1999, p.40).

Porém, é preciso destacar que todo avanço tem por base um objetivo, já que investir em tecnologias é voltar o olhar para o mercado de trabalho e, por conseguinte toda uma qualificação da mão de obra. Uma vez que as exigências de uma sociedade pós moderna, não tem espaço para a má formação ou qualificação do indivíduo. Assim, investir em educação, é investir diretamente em tecnologias. Neste caso:

A revolução da tecnologia da informação foi essencial para a implementação de um importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980. No processo, o desenvolvimento e as manifestações dessa revolução tecnológica foram moldados pelas lógicas e interesses do capitalismo avançado, sem se limitarem às expressões desses interesses (CASTELLS, 1999, p.50)

Será esse um processo necessário o qual reflete a real realidade e necessidade desses que adentram a escola, o novo aluno? Em meio a tudo isso, encontramos o professor, que ao longo dos anos teve de se adaptar a realidade da educação e as

necessidades dos alunos, ou seja, ao vir à escola, o aluno já chega com toda uma vivência de mundo, a qual traz para a sala de aula. Muitas vezes tal vivência não é respeitada ou tida como parceira no processo educativo gerando conflitos, desde a não identificação por parte do aluno com o ensino que é oferecido, ao não entendimento do professor em relação a tais necessidades e realidades do aluno. Assim, o que seria o educar nesse processo? Para responder tal questão recorreremos a Moran (2000) o qual assinala que:

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformam suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais tornar-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN, 2000, p.13).

Percebemos, contudo que educar pode ser compreendido como instrumento para superar dificuldades e transformar a realidade. Porém, quando isso não acontece os desafios como o fracasso escolar, a desistência, o abandono dentre outros fatores se tornam empecilho para atuação do indivíduo em seu contexto social, como agente transformador da realidade. Mas para que isso aconteça vamos perceber nas reflexões de Moran (2000) que:

É importante termos educadores/pais com um amadurecimento intelectual, emocional, comunicacional e ético, que facilite todo o processo de organizar a aprendizagem. Pessoas abertas, sensíveis, humanas, que valorizem mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica, capazes de estabelecer formas democráticas e de comunicação (MORAN, 2000, p.17).

E como fica o ensinar em todo esse processo? A resposta também nos é dada por Moran (2000) ao afirmar-nos que:

Ensinar utilizando a internet exige uma forte dose de atenção do professor. A navegação precisa de bom senso, gosto estético e intuição. Bom senso para não se deter, diante de tantas possibilidades, em todas elas, sabendo selecionar, em rápidas comparações, as mais importantes. A intuição é um radar que vamos desenvolvendo a medida que “clicamos” o *mause* nos links que nos levarão mais perto do que procuramos. A intuição nos leva a aprender por tentativas, acerto e erros (MORAN, 2000, p.52).

O mesmo autor chega à conclusão que:

A tecnologia da informação, entendida como os recursos de hardware, software e redes de computadores, pode ajudar a tornar mais acessíveis e conhecidos para os professores as políticas educacionais dos países, os projetos pedagógicos das escolas em todos os níveis, os projetos de aprendizagem construídos por professores e alunos, as opções paradigmáticas e as proposições metodológicas das instituições de ensino, bem como os mais diversos aplicativos que podem ser colocados à disposição dos alunos e de todos os usuários da sociedade (MORAN, 2000, p.96).

Observa-se com isso, como bem assinala o autor, que o professor e o aluno deve ser inclusos nesse novo paradigma, o uso das tecnologias na sala de aula. Mesmo sabendo que nossos alunos vivem em um mundo que está em constante transformação, desde as relações sociais as pessoais. Esse processo, a nosso ver, tem exigido um ser que saiba interagir com o real e ao mesmo tempo domine o virtual. Assim, nesse emaranhado de significados, o processo de assimilação do real e virtual se confundem na mente de nossos alunos sem que os mesmos consigam dar-se conta deste.

Vamos perceber com tudo isso, que o aluno, quando não orientado, acaba sendo o maior prejudicado com todo esse processo, uma vez que suas dificuldades são grandes e pontuais as quais não consegue assimilar os conteúdos desenvolvidos em sala, nem correlacionar os mesmo com sua prática, ou vivência do dia a dia, o conteúdo se torna vazio. Quanto ao professor, este por sua vez enfrenta os dilemas de uma sociedade individualista, capitalista, a qual não respeita o indivíduo e apenas o trata na condição de consumidor, e quando isso não acontece descarta o mesmo, como se este fosse uma mercadoria. A educação passa a ser refém deste mesmo sistema, preparar os indivíduos para o mercado, para cada vez mais ser competente naquilo que fez, mesmo que para isso ele perca sua condição humana e se transforme em mera máquina ou robô social. Respondendo as necessidades básicas sem questionar e refletir o porquê das coisas.

As tecnologias têm desenvolvido significativos papéis na sociedade. Vem dando ao homem a oportunidade de descobrir o novo e se auto descobrir nesse processo. Entre o real e o virtual, tudo tem andado lado a lado e dialogado constantemente, mesmo que este diálogo seja tenso ele vem acontecendo.

Quando vemos os alunos organizados em fileiras, cadeiras supostamente organizadas, respondendo mecanicamente a perguntas nunca refletidas, modificadas ou adaptadas à realidade, o que de fato é real nessa relação, o que se ensina ou o que aprende? Será que nesse processo não estamos mecanicamente transformando essa realidade real em virtual e buscando no virtual algo real que justifique a nossa prática

diária? Como fazer estes caminharem juntos? Lembrando que o contato com o real, nosso aluno tem, pois dele eles vêm, e o contato com o virtual, aos poucos vai adquirindo constantemente fora da escola, em seu contexto social e com este vem aprendendo.

Muitos são os desafios que estão por traz do uso das tecnologias na sala de aula, a preparação para as tecnologias, a adequação do local, e quanto ao uso da internet, é preciso uma conexão que viabilize o acesso e, por conseguinte ajude e facilite a comunicação.

Esse processo de adaptação das tecnologias quer seja na comunicação, na informação ou na formação, não é exclusivo apenas da escola, mas sim, da sociedade como um todo, a escola é apenas uma parcela desse contexto, que lentamente vai se inserindo no processo.

Esse processo tem exigido profissionais mais atentos, já que as formas e técnicas de ensinar não mais se configuram como antigamente, uma vez que a educação com as tecnologias vai exigir além de domínio de conteúdos, o domínio das ferramentas a serem trabalhadas em sala de aula, requerendo assim um maior preparado das técnicas de uso e dos recursos em si.

Santos (2008), em uma reflexão pertinente quanto à questão da ciência em seu posicionamento social, assinala em sua reflexão que as dúvidas e incertezas que o tempo atual tem gerado na mente de cada um, aquilo que foi, mas não é, e o que poderá ser, porém, que ainda não o é, ou seja, a dúvida existencial entre o passado e o futuro e o que fazer nesse processo. O autor afirma que:

Estamos a quinze anos do final do século XX. Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser (SANTOS, 2008, p.13).

O autor observa que todo o processo que envolve o avanço científico e porque não dizer tecnológico, como tal, foi dramático no passado tendo em vista que ainda estava no processo de experimentação e adequação, continuando até os dias atuais, uma vez que em termos científicos vivemos ainda com os pés fincados nos séculos passados, isso nos leva a pensar na situação em que, ainda não vivemos um novo século tendo em

vista as mais diversas situações as quais repetimos hoje em dia, experimentações, adaptações dentre outras.

Neste cenário, qual é o lugar que o professor ocupa? Como conduzir seu olhar de modo a filtrar o que passou e focalizar no que está por vir? A resposta nos é dada por Santos (2008) ao sinalizar que o tempo atual é ambíguo e requer um ser atento a todas essas mudanças, já que a realidade é complexa e a situação do tempo presente é tida como um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita (SANTOS, 2008, p.15)

O novo encanta, ao mesmo tempo que traz consigo medo. Medo esse que se coloca a nossa frente e não conseguimos dele sair. Tudo isso nos leva a reafirmar que não só a escola, mas a sociedade como um todo e, de um modo geral, está sofrendo mudanças constantes, e é preciso estar atento a tais sinais para não perdermos de vista nem o rumo da história a qual estamos seguindo e construindo.

Quando paramos para avaliar a nossa prática, e partimos desta para refletir sobre as contribuições positivas ou negativas em relação ao que fizemos em sala de aula com nossos alunos vamos perceber que na maioria das vezes reproduzimos o que antes fora reproduzido a nós. Não usamos ousar. É preciso abrir ao novo, ao tecnológico, as mídias, as ferramentas e buscar no mesmo as motivações para a inovação.

Vivemos em um mundo no qual os desafios são constantes e contínuos, somos interpelados, mesmo que forçosamente, a responder aos desafios econômicos, culturais, identitários e políticos, que estão sendo interpostos pela nova ordem mundial, e a educação acaba indo na contramão desse processo, uma vez que por mais que esta venha refletindo tais processos, as práticas continuam as de antigamente, ou seja, já não respondem efetivamente as necessidades de nossos alunos, desde o sistema avaliativo as questões curriculares. É preciso repensar as práticas da sala de aula, ampliar o diálogo escola-professor-aluno e repensar a reflexão para a partir daí atuar com mais efetividade.

Nesse processo de ensinar e aprender, é preciso o aluno tornar-se co-participe do mesmo, pois, ele passará a perceber as relações daquilo que se ensina com o seu mundo, e sua forma de pensar. Dessa forma, é preciso entender que o mundo é complicado e a mente humana não consegue compreendê-lo completamente, pois, conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou para a partir daí chegar a conclusões (SANTOS, 2008, p.28)

Pensar as tecnologias, a web e o avanço que a mesma vem tendo no contexto educacional nos últimos anos, é voltar o olhar para a realidade e o que caracteriza a nossa sociedade, dita pós-moderna, bem como suas necessidades.

Sempre houve uma acentuada preocupação com a ascensão da classe social menos favorecida ao sistema educacional, tal preocupação é dada por um sentido duplo, se de um lado surge à necessidade de se ensinar e ampliar tal oferta para a grande massa populacional, por outro, preocupa-se com a qualidade daquilo que se é ofertado como ensino.

É interessante observar que na condição de discurso, passos dão dados, porém, a sociedade em si, ainda não despertou para o fato de que o processo educacional é desenvolvido por experiências as quais envolvem o educador e o educando, nesta, seus anseios, suas dúvidas aprimoram-se ao longo do processo educativo. Ou seja, no instante em que a educação passa a ser prioridade o indivíduo se emancipa, ele vai tendo a oportunidade de poder refazer o seu processo formativo e neles se inserir de forma gradativa.

É pensando nesse contexto e suas necessidades que voltamos nosso olhar para o contexto educacional bem como o uso das tecnologias na sala de aula. Até que ponto estamos preparados para envolvermos as mesmas? De que forma ocorre a inclusão? A nossa escola atual, com esse modelo, está preparada para atender as demandas de nossos alunos?

## 2 A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Sobre a escolha da abordagem metodológica para a realização desse estudo, fomos pensando numa metodologia que facilitasse nossa busca e ao mesmo tempo nos desse base de sustentação para análise e reflexão dos dados. Assim, chegamos à abordagem qualitativa.

Podemos identificar as abordagens qualitativas como modelos diferenciados de abordagem empírica, uma vez que as mesmas estão mais direcionadas para os chamados fenômenos humanos, suas abstrações e subjetividades. Vamos perceber com isso que estes fogem da tradicional conexão com aspectos como medição e controle. O que queremos assinalar aqui é que a abordagem qualitativa não dispense tais fatos, uma vez que ela recorre aos mesmos, como suporte de sua análise, porém, é a complexidade destes que dará o direcionamento quanto à análise dos fenômenos considerados destacados em relação a outros fenômenos.

Segundo Minayo (1998) na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudo vai se estabelecendo ao longo da pesquisa, uma vez que os critérios da realidade e da objetivação perpassam a pesquisa como um todo. A visão de mundo de ambos está implicada em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto, aos resultados do trabalho e à sua aplicação. Ou seja, podemos partir desta definição em que o sujeito sobre o qual se pesquisa é parte importante processo para a construção do conhecimento como tal, pois é a partir da sua perspectiva sobre o objeto de estudos que estão assentas a base analítica do estudo.

Chizzotti (1998) chama nossa atenção e confirma o que Minayo (1998) assinalou acima, quando afirma que:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1998, p.79).

Observamos que a “qualidade” dos fenômenos não aparece imediatamente à experiência, nem se constrói por via da indução. A abordagem qualitativa propõe-se, ao

longo dos tempos, a elucidar e conhecer os complexos processos de constituição da subjetividade, diferentemente dos pressupostos “quantitativos” de descrição, de controle, de medição. Isso não quer dizer que esse tipo de abordagem não envolva números e análises desses, mas sim que seu processo é mais dinâmico e flexível. Assim, é preciso que o sujeito ultrapasse as aparências para poder alcançar a essência dos fenômenos (CHIZZOTTI, 1998, p.80).

Isto levanta algumas questões, tais como: a definição de um método “qualitativo” ou “quantitativo” encontra-se no objeto de estudo, ou na forma de tratamento dos dados? Ou, será realmente inviável a possibilidade de codificação dos “fatos humanos”? Ou ainda, não será necessário revermos nossas próprias concepções a respeito do que caracterizamos como sendo “quantificável” ou não? A resposta nos vem de Minayo (1998)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1998, p.22).

Dessa forma, concordamos com a ideia de que o tratamento dos dados representa, em grande medida, a dificuldade primeira encontrada nas investigações que procuram dados de compreensão da realidade subjetiva do ser humano, ou seja, esse universo de representações e significados que por si só se configuram como complexos. Por outro lado, também consideramos o fato que, ao analisarmos, questionarmos, isolarmos e buscarmos a compreensão deste ou daquele fenômeno humano, estamos na verdade, em busca de um modelo minimamente organizado que sirva como referência à compreensão do mesmo fenômeno (ou de fenômeno similar), num segundo momento. Isso nos revela que não é algo estático, mas sim dinâmico e em constante mutação. Assim, estamos, de fato, em busca de criarmos uma “codificação” – mínima que seja – para o fato humano. Além disso, concordamos ainda com o fato de que um tratamento unilateral da realidade é, necessariamente, limitadora desta e, por conseguinte não permite as coisas serem o que sim, e sim aquilo que as condicionamos a ser, e não é esse nosso propósito.

A pesquisa da experiência humana carrega consigo particularidades e possibilidades que transcendem este ou aquele modelo de acesso ao fenômeno. Estas particularidades ficam mais presentes quando vislumbramos a perspectiva



fenomenológica, já que a fenomenologia representa uma tendência filosófica que, entre outros méritos, eleva a importância do sujeito no processo da construção do conhecimento.

André (1995) observa que a pesquisa qualitativa apresenta de forma geral uma visão holística dos fenômenos, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Não é a negação de um dado quantitativo, ou que uma negue a outra, mas que na nossa realidade especificamente o método qualitativo nos ajudará a entender melhor os objetivos que nos propomos.

Neste caso, para Triviños (1987) é, especificamente na educação, em que os estudos de sala de aula permitem discussões dos pressupostos considerados como naturais e óbvios. Assim, o estudo dos determinantes qualitativos na educação se define pela busca e explicação de processos que não estão acessíveis à experiência, as quais existem em complexas e dinâmicas inter-relações que, para serem compreendidas, exigem o estudo integral dos mesmos e não sua fragmentação em variáveis. Se partirmos da ideia de unidade indissolúvel entre o metodológico e o epistemológico, ou seja, entre a produção e elaboração do conhecimento além das diversas formas deste conhecimento, veremos que a investigação qualitativa não se define instrumentalmente, mas epistemologicamente, apoiada no processo de construção do conhecimento. Já que o fenômeno não é algo imutável ou estático.

Dessa forma, podemos definir a investigação qualitativa a partir de três elementos distintivos, tomando por base aquilo que Triviños (1987) apresenta:

1) Pela inclusão da subjetividade no próprio ato de investigar – tanto a do sujeito pesquisador por um lado (como na observação participante), como a do sujeito pesquisado, pelo reconhecimento de sua alteridade (como no caso da pesquisa “empírico-fenomenológica”);

2) Por uma visão de abrangência do fenômeno pesquisado, realçando a sua circunscrição junto aos demais fenômenos – sociais, culturais, econômicos, etc;

3) E também pela descrição das estruturas da experiência baseada nas análises reflexivas e interpretações dos julgamentos ou histórias dos participantes da pesquisa. Partindo da ideia de que se pode deixar o fenômeno falar por si, com o objetivo de alcançar o sentido da experiência, ou seja, o que a experiência significa para as pessoas que a tiveram em questão e que estão, portanto, aptas a dar uma descrição compreensiva desta.

Assim, percebemos que, qualquer esboço de definição do que é qualitativo ao mesmo tempo em que é considerado como um contraponto aos modelos quantificadores representa, na verdade, um modelo que destaca ou releva certos elementos característicos da natureza humana, os quais as metodologias quantificadoras a nosso entender têm dificuldade de acessar.

Dessa forma, essa pesquisa parte da experiência em sala de aula e tem como objetivo, apresentar os resultados de um estudo sobre o uso das novas tecnologias no contexto da sala de aula da disciplina Língua Portuguesa. Pretendemos observar a influência das novas tecnologias no uso da linguagem, sobretudo através dos processos de comunicação em ambientes virtuais (facebook, e-mail, questionários e etc.) É nessa perspectiva que o estudo adequa-se aos pressupostos da pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica em educação.

## **2.1 Etnografia e Educação**

Ao longo de nossa formação vamos sendo apresentados as mais diversas teorias que buscavam e buscam entre si entender o ser humano, o mundo e suas relações opostas, de construção e destruição, de avanços e retrocesso, mas sempre numa busca constante, o saber. Se para determinada questão uma teoria se adéqüe mais, para outra pode não ser tão conveniente, porém, o contato com ambas ampliou nosso olhar em relação ao que chamamos de conhecimento.

Tal situação revelou-nos que por mais que haja uma resposta à determinada pergunta novas questões passavam a surgir e, por conseguinte nova busca acontece. Isso nos faz refletir as mais diversas questões que norteiam as pesquisas, que tem por base o contexto escolar, desde a relação professor-aluno, as questões de currículo, gestão, processo ensino-aprendizagem dentre outros. Isso nos faz voltar nosso olhar para um foco específico, as interações na sala de aula e, por conseguinte o método etnográfico.

Contudo, percebemos que nenhuma proposta de pesquisa ou uma pesquisa propriamente dita surge do nada ou do acaso, sempre há uma questão que norteia a mesma e que persiste até encontrarmos respostas possíveis, sempre abertas a novas perspectivas. Ela serve de impulso para o pesquisador que se ver diante de um oceano de possibilidades, com apenas um barquinho ao qual se apóie para não naufragar.

Assim, pensar em pesquisa é ter em mente uma metodologia a qual respalde as análises e reflexões posteriores. Mas, qual a abordagem mais adequada? Como saber se esta é melhor que aquela? Cremos que o interesse em pesquisar determinado assunto ou objeto de pesquisa vai configurando na mente do pesquisador o tipo de pesquisa a ser feita e o método a ser utilizado enquanto coleta e análise de dados. Neste caso, pensando o contexto escolar, seu cotidiano, a sala de aula, suas negociações simbólicas, o uso das tecnologias, as linguagens, os sujeitos e espaços existentes, fomos à busca de uma teoria que melhor respaldasse nossa busca. Essa é a única a ser utilizada no contexto escolar? Não. Mas a proposta de pesquisa a qual tínhamos em mente se adequa a ela. Qual seria essa abordagem? Uma abordagem etnográfica que revele as nuances do contexto escolar, seus sujeitos, suas interações.

Neste caso, tendo em mente todas essas questões, concordamos com Mattos e Castro (2011) quando afirma que:

As metodologias ou procedimentos não qualificam ou desqualificam uma pesquisa, o que faz é a rigorosidade, o compromisso, e relevância científica e social, a capacidade do pesquisador em proceder e comunicar aquilo que faz e o que resultou do seu fazer científico (MATTOS e CASTRO, 2011. p. 35).

Creemos que ao assumir a etnografia como uma das ferramentas de pesquisa a concebemos como um caminho teórico-prático possível, dentre outros tantos, porém, as hipóteses, as respostas as perguntas assumem configurações diferenciadas, pois, a partir dos dados coletados e do envolvimento do pesquisador, os resultados ajudarão a entender os objetivos da pesquisa como um todo.

Pensando nesse procedimento é que fomos configurando o universo de nossa pesquisa, percebendo que os sujeitos e a complexidade desta exige de nós uma aproximação com a realidade investigativa, e esta não se dá por um olhar frio e distante da realidade, mas sim, pelas relações simbólicas do contexto escolar.

Assim, voltando o olhar para a realidade percebemos que os fenômenos aí estão, resta-nos um procedimento metodológicos que impulse o direcionamento da pesquisa em si. Parece-se que a escolha dos procedimentos metodológicos tanto é desafiador quanto tentador. Pois ao nos depararmos com as questões que envolvem a pesquisa queremos, na maioria das vezes, encontrar respostas que estejam relacionados com nossa expectativa. Porém, se torna desafiador, pois nos obriga a sairmos da zona de conforto e buscar algo além, ou seja, mesmo sabendo que existem diversas teorias e

métodos científicos, queremos o mais fácil e, por conseguinte o menos trabalhoso. No decorrer da pesquisa e das leituras que foram surgindo, percebe-se que é preciso algo mais aprofundado, que possibilite o diálogo com as questões que nos instigaram e a partir destas possam lançar luz para as possíveis saídas desse caminho incerto que é a pesquisa realizada no contexto da escola e da sala de aula.

André (1995) assinala que toda escolha remete a uma afinidade, a uma identificação daquele que pesquisa com o objeto pesquisado, daí nossa escolha pela abordagem etnográfica de pesquisa escolar, mais especificamente a etnografia da prática escolar. Uma vez que estamos inseridos em um contexto que por si só é complexo nas suas relações, e dinâmico quando à sua constituição, o qual não dá para passar e estar no mesmo sem nos questionar e refletir sobre este. Vamos perceber, contudo, que há um processo de relações e trocas simbólicas de experiências de vida nesse contexto específico.

Dessa forma, para dar conta dessas relações, entender como as mesmas acontecem e vão se firmando enquanto rede simbólica, temos em mente que é preciso buscar uma prática que vise dar ciência desta e ao mesmo tempo a compreenda como tal, e essa é a etnografia, ou seja, é o olhar que no processo busca entender com seus questionamentos e suas reflexões os detalhes das relações bem como seus pormenores, sinalizando dessa forma para a efetivação da prática etnográfica em si. Ela não seria a solução para determinado problema ou a receita para determinada situação pelo contrário é mais uma alternativa dentre as tantas, porém, para o estudo que desenvolvimentos é a que mais se adéqua, sendo assim concordamos com Geertz (1989) ao afirmarmos que:

Certas idéias (...) solucionam imediatamente tantos problemas fundamentais que parecem prometer também resolver todos os problemas fundamentais, esclarecer todos os pontos obscuros. Todos se agarram a elas como um “abre-te sésamo” de alguma nova ciência positiva, o ponto central em termos conceituais em torno do qual pode ser construído em sistemas de análise abrangente (GEERTZ, 1989, p.13).

Isso nos faz perceber que enquanto uma teoria, por mais que tenhamos modelos de pesquisa, métodos de coleta de dados e análises dos mesmos, a utilização de suas técnicas e de seus procedimentos não são fechados, a ponto do pesquisador ter que seguir a risca milimetricamente tais procedimentos, é o senso perceptivo do pesquisador e as

revelações no campo de pesquisa que vão permitir que o trabalho se desenvolva dentro desse contexto social e daí surjam os resultados.

Ao falarmos de contextos e realidades dinâmicas, a exemplo da escola e da sala de aula, como fica a questão das técnicas de pesquisa para um ambiente com tais características? É preciso ressaltar que por está em um ambiente que envolve sujeitos e realidades totalmente distintas, as técnicas de pesquisa devem ser formuladas e adequadas à realidade da pesquisa, tendo por base sua dinamicidade. Assim, perguntas e respostas dialogam conforme o andamento da pesquisa e das análises dos dados coletados. Neste caso, como a etnografia se adéqua a tal situação? A resposta nos é dada por Mattos e Castro (2011), ao assinalar que:

A etnografia é um processo guiado preponderantemente pelo senso questionador do etnógrafo. Deste modo, a utilização de técnicas e procedimentos etnográficos, não segue padrões rígidos ou pré-determinados, mas sim, o senso que o etnógrafo desenvolve a partir do trabalho de campo no contexto social da pesquisa. Os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo. Assim, na maioria das vezes, o processo de pesquisa etnográfica será determinado explícita ou implicitamente pelas questões propostas pelo pesquisador (MATTOS e CASTRO, 2011. p. 50).

Sendo a escola e seus sujeitos nosso o interesse, a sala de aula nosso foco de pesquisa, ao nos depararmos com tal contexto, percebemos as mais diversas situações as quais assinalam a postura que devemos assumir e a posição que devemos ter diante de determinado fato ou situação. Estaríamos sozinhos em um mundo que pertence a todos, o qual todos se identificam, porém, no momento em que se exige uma postura de responsabilidade em assumir determinados posicionamentos, percebemos que este se torna terra de ninguém? Vamos percebendo que, atentamos para os resultados e ao mesmo tempo nos deixamos influenciar pelos mesmos. Como refletir sobre essa realidade fazendo com que todos se sintam motivados e co-participes do mesmo processo? Como fazer com que todos venham a contribuir de forma gradativa e singular dentro do contexto da sala de aula e neste descubram o conhecimento? Essas e tantas outras questões nos fazem olhar a situação e nos projetarmos na mesma, já que, sendo professor e passando pelas mesmas angústias dos colegas de profissão nos deparamos com esses contextos cotidianamente e muitas vezes não conseguimos dá uma resposta plausível a situação.

Assim, cremos que por envolver essa dinamicidade e ao mesmo tempo esse conjunto de elementos – professores, alunos, equipe técnica, gestão, pais, comunidade e outros, que compõem significativamente a escola, estamos a comungar com uma teoria que representa tal significado e deste nos permite entender esse emaranhado. Daí ser de suma importância voltar nosso olhar para um estudo que vise tal contexto. Assim concordamos com André (2005) ao afirmar que:

Para que seja reconhecido como um estudo de caso etnográfico é preciso, antes de tudo, que enfatize o conhecimento do singular e adicionalmente que preencha os requisitos da etnografia. Geralmente o caso se volta para uma instância em particular, seja uma pessoa, uma instituição, um programa inovador, um grupo social (ANDRÉ, 2005, p.24).

Isso demonstra o quanto o pesquisador deve estar atento a pesquisa como um todo e fazer com que o universal seja entendido como tal, mas que a particularidade seja levada em conta nesse processo analítico. Ou seja, nada seja perdido ou deixado de lado, uma vez que o detalhe pode revelar as pistas para entender determinadas situações.

Com a dimensão da pesquisa e o envolvimento do pesquisador com mesma, vamos perceber que a abordagem de investigação se insere no contexto das pesquisas de cunho qualitativo, uma vez que seu interesse está ligado às relações sociais, as trocas simbólicas entre os sujeitos, ou seja, não é algo meramente quantitativo, mas sim dinâmico. A leitura de Geertz (1989) nos conduz ao entendimento de que:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 1989, p.15).

Essas leis e teias de significados são a cada dia firmados pela cultura, uma vez que esta significa a existência do homem e suas relações. Assim, o mesmo autor afirma que:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos: ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p. 24).

Na condição de sistemas entrelaçados como bem assinala o autor, o contexto escolar é pontual quando o assunto é relações e trocas simbólicas, uma vez que ao olharmos para a sala de aula, percebemos que, cada professor que leciona na turma, cada aluno que ali se faz presente, mesmo estando em espaço o qual tende a homogeneizar a tudo e a todos, àquela sala de aula, representa particularidades diversas, já que cada indivíduo é único e traz consigo as marcas históricas e culturais as quais foram marcando o seu processo formativo enquanto ser humano.

É, pois nesta perspectiva que a etnografia empresta significado e oferece sentido aos estudos em educação, especialmente aqueles que envolvem o cotidiano da sala de aula e seus sujeitos. Uma vez que ela permitirá a interpretação dos sujeitos e suas relações com os espaços que os circundam, levando-nos ao cerne daquilo que nos propomos interpretar (GEERTZ, 1989).

## **2.2 Sobre o objeto**

O objeto dessa pesquisa consiste em analisar o uso das tecnologias no contexto da sala de aula da disciplina de Língua Portuguesa através da produção textual dos alunos. Essa observação permitiu entender como a linguagem vai exercendo suas influências no contexto dos alunos. Assim, é de suma importância uma mediação atenta e preparada – esta por parte do professor, pois a mesma vai caracterizar a relação indireta entre o aluno e o mundo que o cerca, e neste caso a tecnologia e, por conseguinte os aparelhos tecnológicos exercem grandes influências nas comunicações por estes desenvolvidas, quer seja pelo uso do celular com uma simples chama ao envio de uma mensagem denominada de Serviço de Mensagem Curta – SMS (*Short Message Service*).

Sabe-se que a pesquisa na sala de aula é dinâmica e complexa, pois envolve sujeitos, professores e alunos, os quais estão em constantes iterações. Dessa forma, cremos que assumir uma prática de pesquisa tendo por base tal dimensão implica numa realidade a qual se constrói a partir das transformações as quais são firmadas pelas ações e interações dos sujeitos.

Neste caso, conhecer a escola mais de perto, seu funcionamento, suas regras, seus projetos, seu modelo de gestão oportunizou-nos olhar o contexto com outro foco ao

passo que entender as forças que impulsionam ou retém as relações neste preestabelecidas além de entender o papel desempenhado por cada um desses sujeitos.

Assim, inseridos no cotidiano da escola, estabelecemos um vínculo amigável com todos os atores nele envolvido, o que permitiu pensarmos, de forma mais ampla, nas representações e discursos que vão se confirmando ao longo dos tempos quanto a relação professor-aluno, professor-tecnologia, aluno-tecnologia e os espaços que cada relação assume no contexto da sala de aula.

Essa dinamicidade nos faz perceber que o ambiente ao qual estamos envolvidos se configura como algo dinâmico, que a cada dia se constrói e se refaz diante da necessidade.

### **2.3 Lócus da pesquisa**

Pensar o ambiente da pesquisa é aproximar-se e distanciar-se deste ao mesmo tempo, uma vez que criamos expectativas antes de chegar a este e ao estamos nele vamos confirmando ou não aquilo que havíamos pensado em um dado momento. Mas para que isso aconteça é de suma importância firmar os contatos além de criar vínculos com a escola, com a gestão bem como os demais envolvidos nesse processo.

Neste caso, após contarmos com a direção da escola, a qual nos acolheu e se dispôs a nos ajudar no que foi possível quanto à coleta de dados e informações pertinentes, iniciamos nossa pesquisa. A escola possui três diretores, dois adjuntos e uma diretora geral, porém, mesmo tendo a autorização por parte destes, sabendo de sua dedicação a frente da direção da escola, optamos por não mencionar o nome dos mesmos, tendo em vista que nosso foco de pesquisa é a sala de aula de Língua Portuguesa.

Com o aceite da direção da escola e da professora, acompanhamos o cotidiano de uma escola pública estadual de ensinos fundamental e médio, tendo como sujeitos a professora de Língua Portuguesa e os alunos de uma turma específica.

Sabemos que por mais que quiséssemos envolver o maior número possível de professores e alunos, uma vez que a escola funciona nos três turnos diariamente, não teríamos condições mínimas de dar conta da pesquisa como um todo, pois, tivemos a certeza que o fator tempo, recursos e disposição para coleta, análise de dados e



dissertação não permitiria algo mais amplo e complexo, por esse motivo, tivemos que delimitar o máximo possível, professor, disciplina, turma, turno dentre outros, para chegarmos a possíveis confirmações ou não daquilo que nos propomos enquanto objetivo em nossa pesquisa.

Desta feita, a nossa chegada e estadia na escola e à turma deu-se a partir de conversas e da aproximação que temos com a direção da escola, pois, ao comentarmos com a mesma a nossa inquietação enquanto pesquisa do mestrado e ao mesmo tempo enquanto processo de escrita desta, ela nos propôs vir à escola e nela fazer a coleta de dados e, por conseguinte dissertar sobre o que pesquisávamos. Tal proposta levou-nos a algumas reflexões que foram nos incomodando, pois, por que não ir para outra escola? Ao voltarmos para um ambiente o qual fomos professores e conhecemos a direção da escola, alguns professores e alunos, não estaria a influenciar os dados e por conseguinte os resultados finais da coleta destes? Fomos percebemos que por mais que questionamentos fossem surgindo, e que haja um problema de pesquisa, este não está naquilo que pesquisamos, e sim, este é o nosso problema de pesquisa, aquilo que nos incomoda enquanto professor, enquanto pesquisador.

Assim, a pesquisa foi realizada na EEEFM Major Veneziano Vital do Rego que fica na cidade de Campina Grande-PB. Esta é uma escola relativamente nova, uma vez que seu funcionamento, ou inauguração, aconteceu a partir de um decreto estadual datado em 16/04/2003. A localização da Escola Major Veneziano fica em um ponto estratégico entre os bairros: Catingueira, Bairro das Cidades, Catolé de Zé Ferreira e o conjunto novo. Porém, na afirmação de todos, este é o colégio da Catingueira. A localização da escola justifica crescente número de alunos, fato este comprovado no último senso escolar – 1.583 (mil quinhentos e oitenta e três) alunos matriculados. Mesmo sendo uma escola grande faz-se necessário o funcionamento de um anexo para que as atividades aconteçam de forma sistemática e os serviços não sejam interrompidos à comunidade escolar. Daí a necessidade de um número de funcionários de apoio relativamente compatível com o número de alunos matriculados.

O quadro funcional da escola é bem heterogêneo uma vez que há funcionários prestadores de serviço e funcionários concursados, sendo que a predominância maior no ano de 2012 ainda é de prestadores de serviços. Observa-se certa insegurança por parte dos prestadores de serviço uma vez que o governo do Estado da Paraíba havia anunciado concurso público para o preenchimento de vagas na Secretaria estadual de Educação para o ano de 2012 tendo início as atividades, na condição de concursado no

ano de 2013. Esse anúncio gerou certa insegurança nos mesmos já que a condição de permanência em seu local de trabalho estava condicionada a existência da vaga, quando a mesma não for preenchida por um efetivo além da própria necessidade da escola em manutenção do quadro funcional.

A heterogeneidade dos funcionários se dá a partir de sua formação, já que é possível encontrar entre os mesmos, os que têm apenas o ensino fundamental, àqueles que possuem pós graduação *lato e stricto sensu*. Observou-se, ainda, que todos os professores tem graduação e habilitação específica para atuar na referida disciplina.

Ao conversarmos com a direção da escola, percebemos que há professores que atuam na escola desde sua fundação, outros foram chegando ao longo dos anos e se juntando a equipe existente. Na sua maioria, até o ano de 2012 são prestadores de serviços na rede estadual de ensino. Os poucos concursados ou efetivos que foram nomeados e respectivamente encaminhados para a escola acabam na maioria das vezes não ficando, alegando a 3ª Gerência Regional de Ensino, à distância entre o centro da cidade e o bairro onde a escola fica localizada, a qualidade nos transportes públicos – desde horários, por não se ter algo bem definido, ao sucateamento da frota-, além da comunidade escolar em si, pois o que se alega é que os alunos não querem nada com a educação, desrespeita os professores e não levando a sério o ensino.

O que motivou-nos a ir à escola foi a experiência que tivemos na mesma, pois, por um período de quatro anos, 2006 a 2009, trabalhamos nesta escola como professor de Língua Portuguesa e de filosofia, momento este que nos permitiu conhecer um pouco da comunidade escolar – gestores, professores, alunos, funcionários, e alguns pais de alunos, conseqüentemente abriria as portas para um possível retorno, quer seja na condição de professor ou até mesmo como pesquisador. Eis o motivo de procurar a direção da escola, apresentar-lhe a proposta da pesquisa e encontrar nesta toda uma disposição quanto à realização da coleta de dados e a permanência nas dependências da escola. Tal iniciativa viria a dar notoriedade a escola Major Veneziano e ao mesmo tempo sinalizar que esta não é apenas uma escola de periferia, mas um espaço o qual o conhecimento ali acontece.

A escola oferece o ensino nos níveis fundamental e médio, nos três turnos - manhã, tarde e noite. Porém, o ensino Fundamental I, que compreende do 1º ao 5º anos funciona apenas no turno da manhã, sendo estas turmas lotadas e as vagas bastante disputadas pela comunidade. Mesmo sendo oferecido na rede pública municipal o ensino Fundamental I e tendo na comunidade uma escola municipal, os pais optam por

colocar os filhos na rede estadual já que nesta inicia e dão continuidade aos estudos até o ensino médio.

No turno da noite há um total de 17 turmas distribuídas nos espaços da escola e em salas anexas que funcionam na frente do prédio da escola. Pelo número de alunos e pela procura crescente a cada ano, as dependências da escola quanto às do anexo ficam sempre lotadas por não comportar o número de alunos matriculados.

Percebe-se dessa forma, que com o crescente número de alunos matriculados problemas como evasão escolar, distorção idade-série, fracasso escolar dentre outros se tornam mais visíveis já que os dados dos censos anteriores assinalam para melhorias em relação à qualidade do ensino como um todo, movimentando toda a comunidade escolar a criar projetos que minimizem tal fato.

É interessante assinalar para o fato que o fracasso escolar é algo presente e constante na realidade educacional brasileira. E que este não se configura apenas por um único viés, mas diversos fatores estão atrelados ao mesmo. Ao analisarmos a obra de Patto (1990), vamos perceber que a autora mostra em seu estudo que o fracasso escolar é fruto de uma produção – e esta vista por diversos fatores bio-psíquico-sócio-econômico-político etc., uma vez que sua persistência se dá nas escolas públicas, se acentuando com mais afinco nas camadas populares. No seu estudo é possível perceber que a autora busca constatar na literatura as causas das desigualdades educacionais na sociedade brasileira e oferece uma análise das raízes históricas das concepções sobre o fracasso escolar das crianças dos segmentos mais pobres da população. A partir da crítica da explicação tradicional do fracasso escolar tão comum entre as crianças pertencentes aos segmentos mais empobrecidos das classes subalternas, ela busca explicar à sua complexidade enquanto acontecimento psicossocial historicamente determinado. Percebe-se, contudo que na produção deste fracasso estão envolvidos aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a classe mais pobre que vão se juntando a outros nesse processo.

Isso faz com que projetos sejam inseridos na grade curricular, corrigindo desde o fluxo escolar as questões cognitivas, além da evasão escolar, desçam-se os seguintes projetos oferecidos pela escola: Revisitando os Saberes – com 80 alunos matriculados; Mais Educação - com 300 alunos; Primeiros Saberes - todos os alunos do 3º, 4º e 5º anos - com 150 alunos matriculados. Além de uma sala de recursos, adaptada para crianças especiais, ou seja, é a sala de AEE, com 30 alunos frequentando regularmente.

Tais programas são financiados pelo MEC e respaldados pela SEE - Secretaria Estadual de Educação. Nestes os alunos estudam em um turno e no horário seguinte vem à escola para dar continuidade as mais diversas atividades. É possível perceber que a escola tem investido no quesito esportes, uma vez que seus alunos tem se destacado em competições locais e nos jogos escolares do estado da Paraíba nas modalidades judô, futebol de campo e xadrez dentre outros. Além de priorizar a dança e alguns cursos práticos como o de hortaliças desenvolvido pelo Mais Educação.

Mesmo sendo localizada em ponto estratégico e abrangendo alunos dos bairros circunvizinhos, na sua maioria, os alunos são moradores do bairro da Catingueira. Em entrevistas ou em conversas com os alunos identificamos que alguns alunos têm emprego fixo, trabalhando formalmente como operários nas fábricas e indústrias localizadas no distrito industrial de Campina Grande-Pb, outros são ajudantes de pedreiro, alguns trabalham no comércio como vendedores e outros ficam em casa cuidando desta e dos irmãos, já que seus pais não tem condições de pagar uma empregada doméstica passam a fazer as atividades domésticas e logo cedo assumem a responsabilidade de “chefes” da família. Percebe-se, ainda, que há um número considerável de alunos que fazem nos horários alternativos as aulas, cursos profissionalizantes com o intuito de preparar-se cada vez mais para o mercado de trabalho e conseqüentemente melhorar o ganho salarial.

Contudo, percebe-se que a escola possui uma estrutura física bem conservada, com salas de aula recém construídas, biblioteca, banheiros masculinos e femininos adaptados a cadeirantes. Sala de professores, sala de direção, secretaria, auditório, cantina, dispensa. Observamos que no ano de 2012 a escola estava ganhando um laboratório de informática, composto com 10 computadores de tela LCD e acesso a internet no local.

De posse de tais informações nos sentimos mais à-vontade familiarizado com o ambiente e aos poucos fomos firmando um contato mais amistoso, tanto daqueles que nos auxiliariam na coleta dos dados quanto àqueles que mesmo indiretamente iam participando conosco desse processo empírico o qual a pesquisa estava imbuída.

## 2.4 Caracterização dos sujeitos e do processo da pesquisa

O processo de aproximação da gestão e da professora de Língua Portuguesa aconteceu de forma espontânea e natural. Assim, ao dialogarmos com a professora responsável pelas turmas do ensino médio regular e escutar da mesma a descrição de cada turma, fomos aos poucos percebendo as particularidades que caracterizam cada uma e ao mesmo tempo fazendo as nossas avaliações prévias quanto à viabilidade da pesquisa com aquele grupo de alunos. Depois da apresentação da proposta de pesquisa, e do reconhecimento das turmas a partir das informações da professora, optamos por priorizar a turma do 2º ano A do ensino regular. As informações davam conta que essa seria a turma mais jovem do ensino médio da noite, ao mesmo tempo seus alunos são mais participativos e responsáveis em relação aos demais e são mais assíduos quanto a presença em sala de aula.

Por ser esta uma turma composta por jovens com idades variando entre 16 a 23 anos e ter como características, a assiduidade e a participação pensamos em avaliar os usos constantes das tecnologias na sala de aula e as influências deste uso na linguagem cotidiana do aluno. Ou seja, tínhamos a turma selecionada, o grupo específico, falta-nos o contato com a turma e a inserção no cotidiano da mesma.

Assim, partindo desse contato - direção, professora, alunos, e das vivências na escola como professor nos ensinos fundamental e médio, como fazer de nossa presença algo significativo na sala de aula, sem que viéssemos interferir nas relações simbólicas da professora com os alunos, dos alunos com a professora e dos alunos entre si? Será essa a escolha correta – escola, turma, turno, para a nossa pesquisa? Aos poucos fomos percebendo que quanto mais questionamentos, maior seria a nossa busca, ou seja, nossa motivação apenas começava e se renovava a cada encontro. Tudo isso fez-nos perceber que alguns caminhos até ali já foram percorridos e outros tantos deveriam ser traçados, porém, o que estava por vir naquele instante tornava-se uma incógnita, já que os sujeitos, o objeto da pesquisa, o ambiente escolar em sua composição são complexos, mas essa complexidade passou a ser ponto de partida para aquilo que buscamos.

Percebemos assim que essas interrogações foram mapeando o contexto em que nos rodeava e ao mesmo tempo assinalava-nos alguns suportes para poder atuar mais e melhor em sala de aula. Assim, recorrer a livros didáticos, a referências bibliográficas e a estudos foi o primeiro passo, de toda uma caminhada que estava por vir. Como

professor da rede estadual de ensino e por vivenciar as mesmas angústias que nossos colegas professores vivenciam na sala de aula, facilitou-nos em alguns momentos, por exemplo, o acesso aos alunos e a escola como um todo, a documentos da secretaria da escola.

Uma dificuldade constante quanto a coleta dos dados deu-se no âmbito organizacional, o horário das aulas de cada professor nas turmas, pois, a cada semana o mesmo era modificado tendo em vista a troca ou falta de professores na escola. Percebemos em certos momentos a preocupação da gestora da escola em não ter professor para assumir determinadas turmas, já que o que lá se encontrava dando aulas teve seu contrato temporário cancelado por parte do governo do estado, e em outras ocasiões, percebemos ainda professores dando aula sem receber por seus salários, já que seus contratos ainda não havia sido renovados.

Observar todo esse contexto, interagir no mesmo, envolver-se em seu cotidiano é imbuir-se das questões que o permeia, é incomodar-se com o que vemos e despertar para outras questões que perpassam os muros que circundam a escola.

Como distanciar-se dessas questões estando em meio a elas e refletindo constantemente seus embates? Assim, diante de sua pertinência entendê-las nesse processo, tornou-se um desafio, já que além de professor e fazendo parte da pesquisa, isso exigiu certo esforço o qual, teoria, prática e estudos nos respaldaram e sinalizaram os caminhos trilhados. Dessa forma, mesmo sabendo dos desafios, da dinâmica do cotidiano escolar e da realidade da escola pública, nossas indagações giraram em torno de questões pontuais, as quais nos impulsionaram a cada dia ir além do óbvio que a nós se apresentava nesse contexto.

## **2.5 Os sujeitos: alunos do 2º ano do Ensino Médio**

As Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino no ano de 2012<sup>2</sup>, dava as orientações quanto a grade curricular de cada série

---

<sup>2</sup>Como forma de organizar melhor o currículo de toda educação básica e ao mesmo tempo interagir com todas as ações que envolvem a educação no Estado da Paraíba, o governo do Estado por meio da SEE – Secretaria Estadual de Educação elaborou as Diretrizes Operacionais. Encontramos nesta logo de início a portaria nº 513/2012, que instrui de forma complementar, a gestão de pessoal para 2012 e adotam outras providencias no que se refere ao funcionamento das escolas, desde a área administrativa à pedagógica, passando ainda pela organização curricular e pelas ações e projetos a ser desenvolvidos para o ano de

que compõe o ensino médio, determinando ainda dias letivos, número de alunos por turma e hora/aulas semanais e anual. Assim, o núcleo curricular do segundo ano do ensino médio ficou configurado dessa forma: 30 a 35 alunos matriculados por turma; 5 aulas diárias, 25 aulas semanais; um total de 43 semanas de aulas e 209 dias letivos com aulas de 45 minutos. O tempo para cada aula segue o que é determinado pelas Diretrizes Operacionais, porém, há certa adaptação a realidade da unidade escolar. Tendo em vista o deslocamento dos professores, transportes públicos, acessibilidade, localização da escola, dentre outros.

Quanto ao 2º ano do Ensino Médio o núcleo curricular tem a seguinte formação: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – língua portuguesa, com um total de 4 aulas semanais e 172 durante o ano letivo; Ciências da Natureza e suas Tecnologias – composto por biologia, física e química; Matemática e suas Tecnologias - matemática; Ciências Humana e suas Tecnologias – história, geografia, filosofia e sociologia; e ainda como parte diversificada do currículo – língua inglesa.

Quando assinalamos para o fato de uma grade curricular fechada em 10 componentes curriculares, lembramos as dificuldades para a execução dos mesmos, ou seja, uma vez que é preciso um professor para cada componente curricular e que ao longo da semana vai sendo distribuído os horários de acordo com a disponibilidade do professor e sua permanência na escola ministrando aulas em outras turmas ou turnos diferentes.

Assim, mesmo sabendo que na turma, 10 profissionais durante a semana tinham contato com os mesmos, reunir estes e incluir a todos na pesquisa seria um grande desafio uma vez que fugiríamos daquilo que nos propomos enquanto objetivo de pesquisa - realizar um estudo sobre o uso das novas tecnologias no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa e observar influência da mesma na questão da linguagem. Neste caso nosso olhar foi direcionado para a professora de Língua Portuguesa, tendo em vista o interesse nos resultados das atividades de leitura e produção textual.

O contato com os professores da escola e em particular os de Língua Portuguesa do turno da noite aconteceu a partir da mediação da direção da escola que aos poucos foi apresentando um a um, suas turmas e os horários que os mesmos estavam presentes na escola. Dessa forma, observamos a turma e os horários que mais se adequavam com o objetivo de nossa pesquisa e fomos conversar com a professora responsável pela

turma. O que nos motivou a convidar essa professora a participar conosco foi a sua preocupação quanto ao processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e seu envolvimento com os alunos, destacando que estes já detêm determinadas noções e informações sobre o objeto estudado, a língua. Daí a necessidade de mostrar a todos que já são falantes e escritores da Língua Portuguesa.

Assim, por sua atuação junto aos alunos, pela relação estabelecida na sala de aula, ao ensinar, escutar e entender os mesmos, a professora exerce de forma significativa certa influência sobre os mesmos, no que se refere ao aprender, levando-os a modificar comportamentos, ideias, atitudes e as mais diversas situações. Desta forma, sua práxis ultrapassa os limites da escola e a simples transmissão ou repasse de conteúdos. Ao observar tais relações fomos a cada instante motivados a estar junto a turma e acompanhar o trabalho desenvolvido.

No caso dos professores que não participaram ativamente da pesquisa, por está lecionando em outras turmas, e até mesmo os que davam aulas na sala do 2º ano A noite, mesmo que na informalidade, repassavam em algumas reuniões de planejamento ou até mesmo nos intervalos informações acerca da turma tais como: comportamento, interação em sala, motivações, avanços e retrocessos no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, fomos aos poucos entendendo o mosaico complexo desse cotidiano escolar.

Mesmo tendo acesso livre e sendo aceito por todos: alunos, professora e gestora, surgiu-nos uma dificuldade pontual que a princípio nos preocupou em relação a coleta dos dados e ao andamento da pesquisa, foi o caso da não definição do horário das aulas de cada professor e de sua flexibilidade. Percebemos que a cada semana nova mudança ia acontecendo devido a falta de professores, por motivos pessoais e em outros casos, por não ter seus contratos temporários renovados. A situação gerou certo desconforto na diretora da escola, já que a mesma solicitou inúmeras vezes a 3ª GRE a renovação dos contratos dos prestadores de serviço, mostrando a real necessidade, porém, até a presente data, Outubro/2012, não havia nenhuma resposta positiva. Ela informou-nos ainda, que sabe da situação enfrentada por cada professor e que fica em uma situação complicada, uma vez que não pode cobrar dos mesmos, assiduidade quanto às aulas ministradas tendo em vista o não recebimento de seus salários. Outra situação até então complicada para a diretora foi ver que os alunos chegam escola, mas não tem aulas. E quando tem aulas, há casos em que o professor tem de revezar -se em três turmas simultaneamente, para evitar que estes voltem para casa sem aulas.



Estar nesse espaço, olhar para o contexto, interagir com o mesmo, é envolver-se em seu cotidiano e imbuir-se das questões que o permeia. É ser passivo e ativo ao mesmo tempo. Incomodando-se com o que vimos e despertando diariamente para outras questões que perpassam as quatro paredes da sala de aula e os muros que circundam a escola.

Como sair dessas questões mesmo estando em meio a elas e refletindo sobre as mesmas? Refletir sobre questões tão pertinentes e ao mesmo tempo entendê-las dentro de um processo de pesquisa de mestrado, faz-se necessário escolher um método, os instrumentos de pesquisa e percebemos que a escolha destes estavam ligadas as questões que norteiam a nossa pesquisa e que mais se aproximam dela tais como o cotidiano escolar e as relações simbólicas dentro da sala de aula.

## **2.6 Os instrumentos da pesquisa**

Com o avançar da pesquisa e nosso envolvimento com a gestão, a professora, os alunos e a comunidade escolar de modo geral, fomos nos dando conta que a definição do objeto de pesquisa bem como a opção metodológica são tão importantes para a mesma quanto os resultados desta. Pois, a escolha dos instrumentos de pesquisa vai determinar a nosso ver, a alternativa metodológica mais adequada à análise dos dados nesta coletados.

Assim, nossas impressões só puderam ser possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e adequamos, além da interpretação e leitura dos resultados a que tais usos permitiram chegar, ou seja, estes nos ofereceram a possibilidade de refazer o caminho, e deste avaliar com maior propriedade as afirmações que fizemos e faremos.

Escolhido o método, ao passo que definida a turma a ser pesquisada, foi necessário criar instrumentos de pesquisa que nos auxiliassem na coleta de dados sobre o objeto a ser investigado.

Os instrumentos utilizados foram: a observação em sala de aula com anotações em caderno de campo e aplicação de questionários (Apêndice 1). Com a utilização destes foram acrescentadas outras formas interativas entre os sujeitos e o pesquisador para a coleta de dados, sendo elas: as discussões no grupo do *facebook* - Alunos do

Major Veneziano Vital do Rego, e as produções textuais realizadas em sala de aula sob a orientação da professora.

Fomos percebendo ao longo dos dias os quais estivemos em sala de aula acompanhando a professora e a turma, que as atividades a ser trabalhadas em sala de aula foram previamente preparadas pela mesma para logo em seguida ser aplicadas, isso faziam com que fossemos preparando nosso olhar para um possível dado ou particularidade no transcurso da mesma, porém, observamos que por mais que tivéssemos algo preparado – como a entrevista, no instante em que entrávamos na sala de aula percebíamos que necessitávamos mais do que aquilo que havíamos preparado. Isso tornou-se uma constante, já que os alunos nos procurava para comentar algo acerca da aula, das atividades desenvolvidas em sala, de um texto escrito, de uma avaliação e etc.

Assim, fomos nos dando conta que a cada atividade desenvolvida ou instrumento de pesquisa foi norteando nossas reflexões acerca do uso das tecnologias em sala de aula e ao mesmo tempo sinalizando sobre a readaptação de novas práticas pedagógicas na sala de aula, práticas essas que venham a ampliar ainda mais o uso ou não das tecnologias e seu envolvimento com o processo ensino – aprendizagem do aluno.

Vamos perceber com isso que na condição de pesquisa científica, esta vai se distinguir de outras modalidades de pesquisa pelo método, ou seja, suas técnicas estão voltadas para a realidade empírica, a vivência e envolvimento direto com os sujeitos pesquisados, e pela forma de comunicar o conhecimento obtido a partir da observação do pesquisador e das evidências dos dados pesquisados.

### **2.6.1 A observação participante**

Partindo de questões e focos de interesses amplos, definidos a partir do contato do pesquisador com os sujeitos e objetos de estudos, vamos perceber que na pesquisa qualitativas o pesquisador faz parte da mesma e interage de forma direta, ou seja, ela passa a ser o primeiro instrumento da pesquisa uma vez que seus questionamentos, suas observações e anotações partem de um local concreto, o chão em que este pisa. Com isso, ao entrar em campo, para pesquisar, ele traz consigo toda uma bagagem

intelectual, política, religiosa, econômica e cultural que foi se formando ao longo de sua formação, e porque não dizer de sua vida como um todo. Tudo isso será referência para a pesquisa e, por conseguinte ampliará cada vez mais o seu olhar diante do que vai sendo observado, quer seja explícita ou implicitamente. O está perto do objeto investigado se torna nesse caso algo privilegiado, o qual vai caracterizar o fazer do pesquisador nesse processo investigativo.

Castro (2011) ao refletir sobre a observação participante nos assinala que:

A observação participante possibilita que o pesquisador se integre ao ambiente investigado mesmo por um curto período de tempo e que desenvolva um sentimento de pertença e de identificação com o grupo de participantes e o contexto da pesquisa (CASTRO, 20011, p.68).

Vamos perceber aqui que a interação vai acontecer pela revelação e descobertas dos fatos que se evidenciam ao pesquisador, fazendo com que haja a partir deste o envolvimento daquele que pesquisa com os sujeitos pesquisados. Neste caso, a observação participante torna-se o instrumento indispensável para o pesquisador por ser a mesma, o modo que mais fornece detalhes a pesquisa, por basear-se na descrição e detalhes dos fatos observados.

Godoy (1995) acredita que do ponto de vista metodológico, a melhor maneira de se captar a realidade, é aquela que possibilita o pesquisador colocar-se no papel do outro, vendo e sentindo o mundo a partir das experiências dos sujeitos pesquisados. Porém, fica-nos a interrogação, é possível isentar-se totalmente da realidade pesquisada e ficar neutro em relação ao objeto de pesquisa? Se o pesquisador é primeiro instrumento da pesquisa e traz consigo toda sobrecarga simbólica e semântica de suas vivências cotidianas, ter em mente essa e outras questões, o faz perceber que o comportamento dos participantes da pesquisa, e até mesmo ele, podem ser visto por um novo prisma, no qual novos contextos vão sendo revelados e mundo descobertos.

Mas para que a pesquisa aconteça sem a interferência direta do pesquisador, tanto na revelação dos dados quanto na descrição dos mesmos, é necessário uma postura mais centrada, a qual a reflexão, a crítica e análise sistemática dos dados não sejam apenas a do pesquisador, mas o que de fato estes evidenciam. Assim, perceberemos que:

A postura do pesquisador crítica e reflexiva é fundamental quando da realização da observação participante podendo ser considerada como um dos

fatores mais importantes para manter a fidedignidade dos dados coletadas. (...) Em etnografia espera-se que a pesquisa provoque em seus participantes uma conscientização para que eles sejam capazes de superar as dificuldades apresentadas nas situações rotineiras do processo interativo. Os dados da pesquisa têm como objetivo ampliar os conhecimentos sobre o tema e informar os resultados, de modo mais próximo possível da realidade, para que possam ser considerados válidos para provocar mudanças e impactos em políticas, programas e práticas pedagógicas (CASTRO, 2011, p.69).

Percebe-se com isso que quanto mais o pesquisador imbuir-se do processo da pesquisa, interagir com o meio e refletir suas ações, poderá ter resultados mais próximos das respostas as quais envolvem sua pesquisa. Assim, cabe ao pesquisador revestir-se de seus dados empíricos e a luz das teorias, responder as indagações iniciais. É preciso está atento a essas questões já que no instante em que sinalizam caminhos também podem encerrar outros, pois, entorno de reflexões e problemas pontuais, erros cometidos, escolhas feitas, dificuldades e descobertas nesse processo podem parar com o andamento da mesma.

Dessa forma, nos damos conta que é de suma importância compreender e interpretar os fenômenos da pesquisa a partir seus significados e contextos específicos, ou seja, da forma a qual a mesma vai se revelando a nós, tal revelação requer um olhar atento e se torna tarefa constante no processo investigativo.

### **2.6.2 A utilização do questionário**

O questionário ajudou a dimensionar um novo olhar sobre a pesquisa, ao passo que revela dados consideráveis a ser analisados pelo pesquisador. Assim, analisando as formas de entrevistas em pesquisas qualitativas, Bogdan e Biklen (1994) assinalam que:

Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizados em conjunto com a observação participantes, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo no investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo (BOGDAN e BIKLEN,1994, p.134).

Os mesmos autores apontam para o fato que uma boa entrevista caracteriza-se pela forma como o sujeito interage com o entrevistado ficando livre e a vontade para falar o que pensa. Neste caso:

As boas entrevistas produzem uma riqueza de dados, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. (...) o entrevistador estimula o entrevistado a ser específico, pedindo-lhe para ilustrar com exemplos alguns dos aspectos que mencionou (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.134).

A análise dos autores se refere a entrevista, porém, percebe-se a entrevista como algo livre, mas com objetivos, os quais a pergunta norteadora serve como pontapé inicial de toda uma conversa. Assim, mesmo tendo utilizado outra modalidade de entrevista, o questionário online, algo torna-se similar as entrevistas comuns, já que todos os envolvidos na pesquisa, opta por participar ou não do processo, ou seja, se torna livre quanto as respostas dadas.

Atualmente a internet está presente no cotidiano de nossos alunos, e vem sendo utilizada com certa frequência por estes mesmos. Tal fato deve ser levado em consideração uma vez que revela-nos acessos as redes sociais e consultas avulsas nos mais diversos sites. Observa-se que o uso da internet é tido como objeto de prazer no qual mesmo gastando dinheiro para acessar por tempo limitado, isso em uma LAN house, os adolescentes e jovens conseguem baixar hits e armazenar os mesmos nas memórias dos celulares, assistir pequenos filmes, principalmente os mais veiculados e comentados no *YouTube*, ou para postar fotos nas redes sociais, jogar com os colegas e fazer novas amizades. Em relação ao questionário online, este quase não existe no universo de nossos alunos, já que a palavra questionário tem uma relação intrínseca com a escola e, por conseguinte com a avaliação e a nota.

Isso fez com que fossemos criando e aplicando os instrumentos – no nosso caso o grupo do *facebook* e o questionário Online, que facilitassem o andamento de nossa pesquisa, compreendendo melhor como se dá o uso de tais aparelhos tecnológicos na sala de aula, as formas de acesso a internet, como o aluno vê a ferramenta no que se refere ao ensino de língua portuguesa no que ajuda e no que atrapalha, e quais as possíveis sugestões para que a aula se torne mais agradável, atrativa e interativa.

Dessa forma, criamos um grupo no *facebook* o qual fomos postando algumas fotos e comentários e ao mesmo tempo fomos deixando os alunos livres para tecer seus comentários acerca do que fora postado. Percebemos por esta ferramenta que os alunos acessam o que foi postado, na maioria dos casos visualiza, outros curtem, mas poucos comentam. A partir da passividade ou inércia do aluno, para determinadas situações da sala de aula, pensamos em criar um questionário online com 12 questões, e pedir para

que os mesmos participassem conosco. Neste utilizamos algumas perguntas com respostas simples e fechadas, para facilitar sua interação ‘com o que se perguntava, porém, a escolha em participar ou não cabia ao aluno e as motivações que fomos dando aos mesmos. As perguntas expostas tomaram por base as observações em sala de aula, fazendo com que o aluno pensasse o seu contexto no dia a dia da sala de aula e reavaliasse seu processo ensino-aprendizagem.

O que nos motivou a criarmos o questionário online foi perceber que a internet como meio de comunicação, oferece aos alunos várias possibilidades e oportunidades a ser exploradas pelos mesmos para a realização de pesquisas e entretenimentos, dado que possui diversas funcionalidades e uma dessas é que pode ser explorada para pesquisa online utilizando-se, por exemplo, o e-mail ou correio eletrônico, uma vez que este é uma ferramenta versátil e dinâmica que permite a comunicação por meio de mensagens curtas ou longas bem como o envio de documentos economizando custos e tempo.

Neste caso, pensando algo dinâmico, fomos envolvendo os alunos a participarem conosco da pesquisa, dessa forma, coletamos o e-mail dos alunos para logo em seguida enviar-lhes o questionário via e-mail. Percebemos que há na turma alguns alunos que não tem e-mail, mesmo tendo acesso à internet, fazendo algumas pesquisas, mas não tem e-mail. O fato de não ter e-mail não os incomoda, pois alegam que acessam normalmente a internet sem precisar de tal recurso. Mesmo assim, conseguimos captar o maior número possível de endereço eletrônico dos alunos, um total de 24 e-mails coletados.

Assim, o uso do questionário aliado a criação do grupo no Facebook possibilitou um retorno com respostas rápidas de todos os sujeitos participantes da pesquisa. Observa-se ainda que em muitos casos, o uso de questionários impressos não recebe o real retorno ou envolvimento dos alunos, já que na maioria das vezes o questionário tem um tom avaliativo e por este podador. O aluno que foi participando pode ao longo do processo perceber o quanto a ferramenta possibilita meios práticos de formação e informação e ao mesmo tempo o insere no processo, tal observação é dada pela escrita de uma aluna que expressa para o grupo à satisfação em ter participado da pesquisa e ter respondido o questionário. Assim, a aluna expressou *“bom professor na minha opinião a diferença é simples pois o texto virtual podemos fazer da nossa maneira sem precisarmos seguir ao pé da letra as regras básicas para se escrever um texto. Já na sala de aula nos prendemos tanto em acabar não seguindo as regras que acabamos nos perdendo nos nossos próprios texto. Michele”*

Assim, vamos perceber que no decorrer da vida escolar, o aluno deve ser despertado a buscar pelo conhecimento em todo o processo formativo. E para isso acontecer, é preciso que ele saia da condição de mero receptor passivo do conhecimento para assumir a condição de ser pensante e agente do saber, para isto ele deve ser estimulado pelos professores como uma forma de complementar o aprendizado da sala de aula, fazendo as relações do saber com seu contexto, a sua vida. Essa busca, porém, não deve ser feita de qualquer maneira, sem orientações, para isso existem métodos que devem ser seguidos de maneira organizada e sistemática, as quais objetivo, estímulos e tempo se tornem constantes em todo o processo.

Neste caso, para compreendermos melhor as respostas dadas pelos alunos as questões propostas para a pesquisa, faremos um paralelo com os escritos descritivos das aulas as quais participamos e aplicaremos a técnica da etnografia educacional.

### **2.6.3 Preceitos éticos em pesquisa**

O nosso estudo conta com parecer técnico do comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba sob o **número do Protocolo emitido pelo CEP-UEPB: 0363.0.133.000-12, data da 1ª relatoria: 24 de outubro de 2012**. O qual nos assegura a condição de pesquisador e nos gabarita quanto a nossa postura ética diante dos sujeitos, das coletas dos dados e da análise das mesmas. Resultado final da análise do Comitê de Ética foi à seguinte: o comitê de ética da Universidade Estadual da Paraíba, após análise de nosso projeto de pesquisa aprovou o mesmo com o seguinte parecer: o estudo encontra-se com uma fundamentação teórica bem estruturada atendendo as exigências protocolares do CEP/UEPB mediante a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/10/2001 que rege e disciplina este CEP. A presente proposta de pesquisa é de suma importância quanto papel e atribuições das Instituições de Ensino Superior (IES), mormente pesquisa (bem como extensão), estando dentro do perfil das pesquisas de construção do ensino aprendizagem significativa, perfilando a formação profissional baseada na tríade conhecimento-habilidade-competência, preconizada pelo MEC. Portanto, tem retorno social, caráter de pesquisa científica e, contribuição na formação de profissionais do

ensino superior na área da Educação, dentre outras áreas afins do saber científico (Apêndice 2).

Para proporcionar o andamento da pesquisa e fazer com que tudo ocorresse da melhor forma possível, entramos em contato com a direção da escola, munidos de um Termo de autorização Institucional o qual foi assinado pela direção Geral da escola (Apêndice 3). O termo está embasado de acordo com o Conselho de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. O mesmo nos respaldava nos trabalhos a serem executados em sala de aula, desde a coleta de dados à análise dos mesmos. Aceito o mesmo, fomos trilhando alguns caminhos, dentre eles os sujeitos da pesquisa e ao passo que buscando informações sobre a turma junto à secretaria da escola. Assim, para que os alunos fossem participar ativamente de nossa pesquisa pedimos que estes assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual dava informações sobre a pesquisa e nosso compromisso enquanto professor e pesquisador junto a todos (Apêndice 4)

Mesmo com a autorização da professora, direção e alunos, optamos por não mencionar os nomes dos participantes. Assim, todas as vezes que nos referimos a sala de aula e as aulas de Língua Portuguesa, mencionaremos o termo a professora, bem como a direção e os alunos.

#### **2.6.4 Procedimentos para o estudo**

Com o objetivo de realizar um estudo sobre o uso das novas tecnologias no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa e observar influência da mesma na questão da linguagem, junto aos alunos de uma turma do ensino médio do turno da noite de uma escola pública da rede estadual de ensino na Paraíba, caminhamos com a coleta dos dados, participando das aulas, firmando contatos mais próximo e amistosos com os alunos.

Percebe-se que, tal observação nos proporcionará perceber como a linguagem exerce um papel crucial e mediador na constituição do psiquismo do aluno e, portanto, no desenvolvimento do pensamento humano ao longo de seu período formativo. Assim, é de suma importância uma mediação atenta e preparada – esta por parte do professor, por está a frente da turma, pois a mesma vai caracterizar a relação indireta entre o homem e o mundo que o cerca, feita por meio de sua interação com outras pessoas e do



uso de instrumentos e sistemas simbólicos. Com isso, vamos observando como se dá o uso das tecnologias em sala de aula, a interação do moderno com o tradicional em um ambiente rico de trocas simbólicas e interações sociais.

De um total de 40<sup>3</sup> alunos matriculados na turma, ou seja, que consta no diário da professora, dois estavam alocados na mesma, uma vez que a idade 16 anos, não permite ser matriculados no turno da noite, de acordo com as diretrizes operacionais de 2012 editada pela Secretaria de Educação do Estado. Questionamos a secretária da escola o porquê de tal fato, e a mesma explicou-nos que por ser alunos que tem um bom comportamento, responsáveis e trabalhar ou cuidar da casa para ajudar os pais, foi acordado que os mesmo estudariam no turno da noite, mesmo constando no censo escolar o nome destes em turmas do turno da tarde, turmas essas as quais a idade é compatível com a deles.

Em relação à situação do número de alunos - 40 alunos matriculados na turma, optamos, por trabalhar com todos, uma vez que temos em mente a real situação da escola pública, a evasão, a reprovação, além da transferência para outras escolas ou turmas.

Fez parte ainda da pesquisa a professora da turma. Está tem graduação em Letras e em Pedagogia, atua nas redes Municipal e Estadual de ensinos na cidade de Campina Grande-Pb. Com mais de 25 anos em sala de aula. Sua preocupação com a sala de aula, o processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa de seus alunos é contagiante, uma vez além do livro didático fornecido pela instituição a ser trabalhado com os alunos, assinala que é preciso ir além deste, criando materiais extras que envolva os alunos e faça refletir sobre a língua e o uso desta no cotidiano. Essa preocupação faz a professora criar alternativas que minimizem as dificuldades do aluno, e isso é percebido em determinada aula, quando a mesma trouxe um material – fotos diversas, e pediu para que os alunos fossem descrevendo o que via e logo em seguida fizesse um texto descritivo em primeiro pessoa.

Tais sujeitos aos poucos foram sendo envolvidos na pesquisa e ambos, professora e alunos participaram ativamente dando-nos dados e informações necessárias a nossa pesquisa.

---

<sup>3</sup> De acordo com o censo escolar do ano de 2012, a turma Nº 32418, tem registrado o número de 38 alunos matriculados. Desse total, 07 alunos têm 17 anos; 11 alunos têm 18 anos; 14 alunos têm 19 anos; 04 alunos têm 20 anos; 01 aluno tem 21 anos; 01 aluno tem 22 anos. Observa-se ainda que o número de aluno do sexo feminino é maior, um total de 23, já os alunos do sexo masculino matriculados na turma é de 17.

O passo seguinte ao questionário foi a seleção dos dados, categorização dos mesmos e a análise minuciosa fazendo referência a teoria e aos estudos feitos que envolvam a etnografia da sala de aula. Tais análises sinalizaram para possíveis encaminhamentos da pesquisa e reflexões concretas acerca do uso de novas tecnologias na sala de aula.

### **2.6.5 Sobre o processo de análise de dados**

Desde sua origem através das necessidades, o homem sempre cuidou de obter o conhecimento sobre o mundo, os objetos e as coisas que o cercam, para dominá-lo e adaptá-lo a suas necessidades. Isso se deu na Grécia antiga com os primeiros filósofos. Percebe-se que esse conhecimento primitivo era movido por algo externo que afetava diretamente cada indivíduo e conseqüentemente sua atividade cognitiva. Tudo isso nos leva a crer que o conhecimento acontece das mais diversas formas, da experiência, à técnica, desta à teoria, as quais se unificam para assim gerar a ciência (*episteme*) propriamente dita. Para Chibeni (2006) o termo 'ciência' indica o ideal máximo do saber humano, a apreensão completa e definitiva da realidade de um objeto ou processo.

O mesmo autor ao referir-se ao método indutivo, destaca que sendo qualquer experiência necessariamente particular, o qual está ligada a objetos individuais, é possível passar de uma observação tida como particular para o caso geral. Isso só vai ser possível epistemologicamente pela indução, uma vez que não há meios racionais ou empíricos com, certezas absolutas capaz de assegurar a verdade das leis científicas a partir de experiências ou raciocínios lógicos.

Assim, o método indutivo vai se configurando como científico por proporcionar uma observação mais específica do geral ao particular a partir de premissas ou hipóteses quer seja da observação e do registro dos fatos, à análise e classificação destes. Isso significa que, após uma observação preliminar, da análise e classificação dos fatos, apresenta-se a hipótese que pode ou não solucionar o problema.

Tomando por base tais observações, realizados os procedimentos para a coleta de dados, a qual depreendeu-se dos mesmos as categorias temáticas de descrição, análise indutiva e triangulação. As possibilidades analíticas ampliam-se para encontrar a perspectiva dos sujeitos e suas explicações sobre o objeto de estudo. De acordo com Deslauriers (2008, p.340) através da análise indutiva é possível aos pesquisadores

compreender e extrair as propriedades significativas de uma classe de objetos, ou seja, partindo da experiência sensível, dos particulares ora apresentados, permite ao pesquisador um estudo mais aprofundado, e em particular, no nosso estudo, observamos o uso das tecnologias e a influência das mídias na linguagem.

Depreendeu-se da análise de dados as temáticas em função da decorrência das mesmas, sendo elas a produção textual a partir das perspectivas interativas: do presencial ao virtual e o uso do vídeo como elemento de expressão da linguagem através dos recursos tecnológicos na perspectiva do aluno. Vídeo esse por eles produzido a partir de suas visões acerca da escola e do espaço escolar. Foram realizadas leituras subsequentes nas produções textuais dos alunos para o entendimento sobre o modo como os alunos descreviam o uso de tecnologias em sala de aula, utilizando mídias a partir da disciplina Língua Portuguesa.

A primeira temática apresenta aspectos relacionados aos diferentes modos que os alunos apresentam para comunicar – a produção textual proposta em sala de aula, produção a qual foi orientada pela professora em aulas que antecederam o dia determinado para a descrição do texto. No dia ao qual a atividade foi aplicada, os alunos ficaram posicionados em sala da mesma forma que as aulas anteriores, porém, cada um foi recebendo um texto não verbal e desta foi criando um texto descritivo. Para que a produção fosse correspondente as aulas anteriores, o aluno deveria escrever o texto em primeira pessoa. Foi ressaltado e bastante frisado pela professora que o mesmo seria para uma “nota” para o bimestre, por esse motivo o preparo e a dedicação seriam fundamentais.

A segunda temática surgiu a partir das observações em sala de aula, uma vez que os alunos comentavam algumas postagens das redes sociais no período em que a aula ia acontecendo. Ao observar tais comentários, fez com que criássemos um grupo no *facebook* que oportunizasse outros momentos de escrita, os quais os alunos não só verbalizasse as postagens feitas, mas escrevessem sobre as mesmas. Momento este que fosse aberto para o aluno postar o que pensa sobre o mundo, seu posicionamento, sem a preocupação com a nota, mas que o aluno viesse a interagir das mais diversas formas. Escrevendo, postando, curtindo, comentando alguma postagem de seu colega e etc. Aqui, percebe-se dois lados bastante delimitados, por um, o aluno sente inibido ao comentar algo, por ser um grupo em que a professora participa e um professor – no nosso caso como pesquisador, está a interagir com eles, por outro, os alunos verificam

as postagens e mesmo um pouco inibidos, conseguem postar algumas frases e tecer certos comentários.

### **3 A PRODUÇÃO TEXTUAL A PARTIR DAS PERSPECTIVAS INTERATIVAS: ENTRE O PRESENCIAL E O VIRTUAL**

Nosso propósito neste capítulo foi refletir sobre o processo pelo qual acontece a produção textual na sala de aula, mais especificamente, como os alunos interagem neste espaço, entre a produção textual in-loco e a produção online. Para tanto, fizemos uma leitura das questões que envolvem os gêneros textuais, sua concepção e como os mesmos estão presentes nas práticas desenvolvidas no cotidiano da sala e aula. A partir destas observações, explicaremos a atividade realizada, com imagens, produção escrita em sala, e as postagens feitas pelos alunos junto a um grupo do facebook.

Como estratégia metodológica, utilizaremos alguns modelos de textos verbais e não-verbais, que serviram como material de análise, distribuídos pela professora aos alunos além das produções feitas a partir destes textos não-verbais. Nosso trabalho aconteceu junto a uma turma do ensino médio da rede Estadual de Ensino do turno da noite. A escolha da turma deu-se devido a sua interação e envolvimento com a escrita, ao passo que nos possibilitou ver a importância que os alunos davam a produção textual tendo em vista que são alunos que estão em fase de conclusão do ensino médio e em preparação para exames e seleções, tais como vestibular e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

#### **3.1 O texto enquanto prática social**

Antes mesmo de buscarmos respostas junto aos autores, refletimos a nossa condição enquanto escrito, o que é o texto para mim? Escrevo de que forma? De qual lugar? Para qual objetivo? As percepções semânticas do dia a dia ajudam a configurar nossa produção textual e sinalizam o espaço que habitamos.

Partindo desta e de outras questões, fomos encontrar em Travaglia (2009) o seguinte conceito da palavra texto. Neste caso:

O texto será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa específica (...). Dessa forma o texto será o resultado, o produto concreto da atividade

comunicativa que se faz seguindo regras e princípios discursivos sócio-historicamente estabelecidos que têm de ser considerados (TRAVAGLIA, 2009, p.67).

O que o autor assinala, nos leva a perceber que aquilo o qual procuramos produzir tende a interagir com o mundo o qual habitamos. Porém, mesmos concebendo o texto como atividade comunicativa na qual os discursos são construídos sócio-historicamente como bem assinala o autor, quando partimos para o contexto da sala de aula percebemos que a situação passa a ser diferente, tendo em vista que o sócio-histórico como processo, na maioria das vezes, torna-se ausente. É preciso conceber a produção textual como uma competência, na qual o sujeito consegue dizer ao mundo, por intermédio da escrita, aquilo que ele capta, sente e pensa deste.

O que se é desenvolvido na sala de aula como produção textual não é algo simples, uma vez que envolve preparação, tempo, orientação, leitura, debate, escrita e reescrita da produção como um todo. Esse processo nem sempre acontece e, por isso, o aluno não se sente motivado a escrever uma vez que o texto por ele feito tem um caráter avaliativo e punitivo, ou seja, se produz um texto sobre um tema qualquer, na maioria das vezes sem preparo prévio, para ser atribuída uma nota. Usa-se um pretexto com a intenção de um texto, porém, não há preparação alguma que propicie uma produção textual de fato. Perde-se com a prática deste o processo o gosto pela produção.

Percebe-se a necessidade de envolver o aluno para que este faça parte de todas as etapas da produção e veja que não há um único gênero textual, mas vários, com os quais interage cotidianamente, sem se dar conta. Assim, quanto ao trabalho com o texto na sala de aula, é preciso rever o mesmo, e seguir o conselho do mestre, pois:

Nosso trabalho com textos, teremos de usar textos dos mais diferentes tipos, produzidos pelo aluno e por outros produtores e não só os textos literários escritos, como habitualmente se tem feito, por que não estamos preparando os alunos só para um tipo de interação linguística (TRAVAGLIA, 2009, p, 96).

Tal análise nos leva a perceber que é preciso fazer com que o aluno traga para a produção escrita ou oral, a partir das orientações do professor, as observações de mundo que ele faz, bem como seus contatos com os diversos gêneros sociais encontrados no dia a dia. Ou seja, que o contexto faça parte desse processo.

Comungando da mesma ideia, Antunes (2003) refletindo sobre o trabalho com a escrita na sala de aula, afirma-nos:

No que se refere às atividades em torno da escrita, ainda se pode constatar: - um processo de aquisição que ignora a interferência decisiva do sujeito aprendiz, na construção e na testagem de suas hipóteses de representação gráfica da língua; - a prática de uma escrita mecânica e periférica, centrada, inicialmente, nas habilidades motoras de produzir sinais gráficos e, mais adiante, na memorização pura e simples de regras ortográficas: para muita gente, não saber escrever ainda equivale escrever com erros de ortografia (ANTUNES, 2003, p.26).

A autora chama-nos a atenção para o fato de que a produção textual deve orientar os alunos a se auto-perceber como sujeitos capazes de comunicar por escrito seus pensamentos, suas angústias, suas leituras de mundo, utilizando assim as diferentes formas de discursos. Escrever não é apenas olhar para a ortografia ou prender-se ao signo linguístico, mas perpassa todo esse processo para se re-significar enquanto produção. Afinal, a escrita como forma de comunicação permite ao sujeito interagir com o outro a partir de sua comunicação textual. Quando isso acontece, perceber-se a língua enquanto atuação social, ou seja, sistema-em-função, vinculado as circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização (ANTUNES, 2003).

Toda produção textual, seja ela oral ou escrita, deve priorizar alguns componentes da situação descritiva como um todo, ou seja, quem fala ou escreve, para quem, fala ou escreve quais as intenções e objetivos destes? Porém, quando o aluno em sala de aula não encontra sentido prático no que é desenvolvido, nada tem a dizer, daí sua resistência quanto a atividade em sala de aula.

No que se refere à atividade escrita, esta é entendida como produção textual, Antunes (2003) assinala que:

A atividade escrita é, então, uma atividade interativa de expressão, (ex-, para “fora”), de manifestação verbal das ideais, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, parta, de algum modo, interagir com ele. Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever (ANTUNES, 2003, p.45).

Observa-se assim, que trabalhar a produção textual em sala de aula é algo desafiador, pois requer do professor atenção aos assuntos recorrentes e pertinentes que perpassam o universo de seus alunos e ao mesmo tempo deve trazer estes a refletir com ele, para que dessa forma, em seu texto expresse o que acredita ser e não apenas aquilo que o professor queira que ele escreva, ou seja, essa oportunidade permite o aluno observar o processo em que se deu a escrita, ao passo que sair da condição de uma

escrita condicionada. É por esses e outros motivos que o texto, em geral, é fruto de um processo intenso de reflexão, escrita e reescrita.

Tudo isso nos faz perceber e enxergar a escrita como algo dinâmico da mesma forma em que dinâmica é a comunicação entre os sujeitos, que diz ou escreve algo, diz por querer ser ouvido, e escrever com o intuito de que o texto seja lido. Porém, aquele que deveria ser o local de estímulos e incentivos à produção escrita, na maioria das vezes serve para tolher o que é expresso pelo oral e molda o que é produzido escrito. Uma vez que socialmente, nas palavras de Antunes (2003), não existe a escrita “para nada”, “para não dizer”, “para não ser ato de linguagem”. Ou seja, toda escrita é intencional.

Dessa forma, não há como ensinar o aluno a escrever sem colocá-lo perante o desafio da comunicação escrita, e mais ainda, fazendo-os refletir a condição de usuários da língua e escritores de textos informais do dia a dia. Apropriar-se da escrita implica atuar como autor e aprender, gradativamente, a perceber e resolver as questões que as peculiaridades e adequações de cada situação comunicativa os impõem cotidianamente.

É importante frisar que a produção textual enquanto resolução de uma situação-problema para os alunos, ou seja, que estes tenham condições prévias e mínimas de reflexo para dar conta da tarefa e em igual medida que sejam desafiados ao longo desse processo. Daí, ser de suma importância a predisposição para buscar as respostas a situação-problema, com o apoio e mediação do professor.

De que forma o ensino de Língua Portuguesa a partir da produção textual vem acontecendo na sala de aula? Sobre essa questão Bronckart (1999) chamam-nos a atenção para a necessidade das situações comunicativas acontecerem de forma reflexiva e com sentidos pontuais e no caso do trabalho com o texto destaca que:

A noção de texto pode ser aplicada a toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita (...) cada texto está em relação de interdependência com as propriedades do contexto em que é produzido; cada texto é composto de frases articuladas mas às outras de acordo com regras de composição mais ou menos estrita; enfim, cada texto apresenta mecanismos de textualização enunciativos destinados a lhe assegurar coerência interna (BRONCKART, 1999, p.71).

Tal definição é reforçada e acompanhada, até então, pelos PCN's (Brasil, 2001), ao destacar que:

Um texto não se define por sua extensão. O nome que assina um desenho, a lista do que ser comprado, um conto ou um romance, todos são textos. A



palavra “pare”, pintada no asfalto em um cruzamento, é um texto cuja extensão é a de uma palavra. O mesmo “pare”, numa lista de palavras começadas com “p”, proposta pelo professor, não é nem um texto nem parte de um texto, pois não se insere em nenhuma situação comunicativa de fato (BRASIL, 2001, p.36).

Observa-se aqui a necessidade de mostrar ao aluno no contexto da produção o significado que o mesmo está desenvolvendo, ao passo que é de suma importância trabalhar a questão dos gêneros textuais, mostrando o sentido de um texto em seu contexto, como exemplo, a palavra “atenção” em sinal de trânsito a um texto escrito em periódico local. Uma vez que mesmo não sabendo qual o gênero se enquadra determinado texto, o aluno consegue localizar os sinais que o faz identificá-lo como sendo de determinado gênero em comparação a outros. Daí a necessidade de trabalhar os gêneros textuais bem como as tipologias textuais.

### **3.2 O texto na sala de aula: do escrito aos gêneros textuais**

Com o propósito de orientar os professores como deve atuar e a escola como deve se portar diante da realidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais orienta justamente para uma formação próxima à realidade, ou seja, toma por base o contexto do aluno e faz com que o mesmo seja visto como um cidadão que atua e atuará em seu contexto (BRASIL, 2001). Dessa forma, o ensino deve aproximar-se da vida real, das práticas de oralidade e escrita que cada sujeito vai tendo e que na sua maioria circulam e interagem fora da escola.

Há como desenvolver um trabalho com a escrita e fazer com que o mesmo venha a ser um trabalho prazeroso? O que vem se observando é o contrário, uma escrita sem sentido, uma escrita vazia, sem conexão com a realidade que tem por objetivo apenas avaliar quantitativamente o aluno. Esta quando colocada na condição de irrevogável, a que não oportuniza a reescrita e leitura crítica do que fora produzido, inibe o desenvolvimento do pensar do aluno, que não vê o porquê de retornar ao texto. Isso nos faz perceber o quanto é necessário ao aluno revisar o seu texto já que ele é o primeiro leitor, porém, é preciso o professor mediar tal processo para que ao voltar o seu olhar para o texto o aluno consiga ter as habilidades necessárias para a auto-correção. Que não seja um ver por ver, mas sinta-se motivado a entender e criticar sua produção.

Assim, vamos pensar nas seguintes indagações, os textos produzidos em sala são de interesse social dos alunos? Que tipo de textos os alunos têm escrito ultimamente? Ao olharmos para as tecnologias, o aluno tem escrito textos longos ou textos curtos? Ao interagir com os colegas, que forma de textos os alunos vem utilizando?

Algumas respostas sinalizam para nós que os gêneros textuais são meios comuns e vem sendo utilizados para a efetivação da comunicação verbal e não-verbal, com isso deve-se propiciar a participação do indivíduo na produção e construção do sentido do que fora escrito. Isso nos leva a perceber que é de suma importância o professor escolher estratégias que permitam uma produção contextualizada, aquela que o aluno traga para o escrito suas vivências de mundo, os gêneros que circulam em sua comunidade discursiva. Percebe-se com isso que não existe um gênero fechado em si mesmo, já que a característica deste é a transmutabilidade, ou seja, de novas formas que vão sendo geradas a partir das já existentes, como exemplo da carta ao e-mail.

A noção de texto vai além do óbvio, uma vez que designa toda uma produção de linguagens as quais organizadas linguisticamente tendem a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Assim, ela vai se tornando ao longo do processo uma unidade comunicativa, ou seja, a língua é tratada em seus aspectos discursivos e enunciativos (BRONCKART, 1999).

No caso de Marcuschi (2008), o trabalho com produção textual não tem um limite superior ou inferior, para a exploração de qualquer tipo de problema lingüístico, uma vez que a categoria texto, inclui os falados e os escritos. O mesmo autor crer que para se trabalhar com os mesmos na sala de aula é preciso atentar para aspectos específicos e de potencialidade exploratória, para isso ele elenca uma lista de possibilidade que vai desde as questões do desenvolvimento histórico da língua, passando pelo estudo dos gêneros textuais até os problemas residuais da alfabetização. Ou seja, as propriedades funcionais, o estilo e a composição textual são organizadas em razão do objeto que tendem a cumprir na situação comunicativa.

Dessa forma, ao lermos um texto escrito ou interagirmos em um debate, por exemplo, o sucesso destas leituras se dá na medida em que se procura estabelecer interações com o autor, já que há uma situação comunicativa. E ao considerarmos, neste caso, o leitor como um agente, que não exerce o papel passivo durante a interação com essas formas de leitura, mas como sujeito que atribui significados ao texto, sua ação sobre os mesmos acontecerá a partir das pistas deixadas pelo autor as quais

atribuirá sentido e interpretações em seu ato, interagindo dessa forma autor e leitor dialogicamente.

Tudo isso nos revela a dinamicidade da língua, bem como se constrói ao longo do processo formativo do aluno o entendimento da mesma. Neste caso, Marcuschi (2008) dirá que:

A língua é uma atividade cognitiva. Pois ela não é simplesmente um instrumento para reproduzir ou representar idéias (pois a língua é muito mais do que um espelho da realidade). A língua é também muito mais do que um veículo de informação. A função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sócio-histórico e permitir que se entendam (MARCUSCHI, 2008, p.67).

Qual o papel do professor nesse processo? O próprio autor nos responde, ao afirmar que:

Todos temos uma competência textual-discursiva relativamente bem desenvolvida e não há o que ensinar propriamente. Nosso papel neste momento é compreender como isto funciona e como podemos fazer com que funcione ainda melhor (MARCUSCHI, 2008, p.81).

Neste caso, é preciso perceber que tanto o texto oral quanto o escrito devem ser explorados na sala de aula fazendo o aluno refletir sobre a língua e adequação da mesma nos mais diversos contextos sociais. Será esse o fascínio de nossos alunos pelas tecnologias? Uma vez que nesse ambiente eles se entendem, interagem de forma frequente e ativa sem se preocupar com o que escreve estão atentos em algo dizer, em algo comentar ou curtir. Aqui o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico. De certo modo, pode-se afirmar que o texto é uma (re) construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo deste.

Tudo isso nos leva a perceber que o contexto e o cotidiano sinalizam para saídas quanto à comunicação e interação social dos mais diversos tipos e gêneros, atentar para tal fato nos indicará quais caminhos trilhar quanto a produção textual em sala de aula, desde os mais simples, uma mensagem – *SMS* a um email. E envolver o aluno nesse processo é fazer com que este pense e reflita a língua como um processo dinâmico que se constrói nas relações sociais do dia a dia.

Quanto mais exposto e atento aos diferentes gêneros textuais, mais o leitor/aluno estará ambientado com a variedade disponível no círculo discursivo. Daí ser de suma importância trabalhar o uso das tecnologias na sala de aula, envolvendo o aluno nesse

processo, uma vez que o mesmo tem contato com as tecnologias e faz uso destas em seu contexto social. Sendo assim, ao desenvolver um trabalho complexo como a produção textual, o professor deve buscar em seus alunos respostas para a execução do mesmo, desde as leituras as quais estes vêm tendo ao acesso e interação nas redes sociais.

### **3.3 A produção textual: a prática desenvolvida**

Dentre as visitas à escola para a realização da observação participante, em uma terça-feira, dia 13/11/2012, na segunda aula, a professora de língua portuguesa deu continuidade ao assunto que havia iniciado no dia anterior – tipos de narradores de um texto. A partir de modelos e exemplos específicos, os quais os alunos tiveram a oportunidade de ver, ler e refletir, a professora foi sinalizando as diferenças e semelhanças dos tipos de descritivos de uma produção textual descritiva. A partir de modelos e exemplos específicos, os quais os alunos tiveram a oportunidade de ver, ler e refletir, a professora foi sinalizando as diferenças e semelhanças dos tipos descritivos de uma produção textual descritiva.

Mesmo tendo trabalhado com alguns temas, e oportunizado ao aluno contato com as mais diversas formas de textos descritivos, os alunos se sentiam um pouco incomodados quanto à questão da produção, perguntando qual o número de linhas deveria fazer o texto, e antes que a professora respondesse, esses já sinalizavam a resposta, argumentando que “*quando se faz um texto se escreve pouco, para não errar muito*”. O discurso do aluno nos mostra que, por mais que o trabalho com o texto aconteça previamente este tem um peso significativo na vida escolar do aluno. Ou seja, o “*escrever pouco, para não errar muito*”. É claro nessa fala do aluno o caráter punitivo da produção textual em sala de aula.

Dando continuidade à aula, a professora aproveitando a oportunidade, entregou aleatoriamente uma imagem a cada aluno, como os exemplos expostos na Figura 1. Estes olhavam, teciam alguns comentários acerca do impacto da figura, achando-as feia ou bonita, se gostavam ou não, se a entendiam ou não. A cada instante, estes ressaltavam o impacto que cada imagem lhes causava.

De posse dessas imagens, estes iam tecendo alguns comentários com os colegas e ao mesmo tempo querendo ver qual a imagem que o colega havia recebido, se havia

ou não semelhanças com a sua. Alguns exemplos dessas imagens sinalizam para as mais diversas leituras possíveis a partir do olhar dos alunos.



*Figura 1 – Textos não verbais*

Após esse contato com a imagem, o aluno pode pôr em prática aquilo que a professora havia orientado. Porém, não deu tempo de iniciar a produção textual, uma vez que tocou o sinal e a professora tinha de sair de sala para se dirigir a outra turma. Mesmo assim, antes que o professor da aula seguinte chegasse, ela orientou os alunos a começar a atividade em casa e trazer pronta na aula seguinte.

Na aula do dia seguinte, mais uma vez foi dada continuidade a atividade que vinha sendo desenvolvida anteriormente, ou seja, a produção textual. Tendo dado orientações no dia seguinte e trabalhado as questões da narrativa-descritiva, a professora incentivou os alunos para que, ao término do texto fizessem uma leitura silenciosa do mesmo. Dessa forma, vários textos foram produzidos. Alguns com mais facilidade, outros com certas dificuldades, mesmo assim, a professora oportunizou a inclusão de todos nesse processo produtivo. Mesmo tendo contato com os textos produzidos em sala, selecionamos num universo de dezoito produções, dois textos produzidos pelos alunos. Assim, o primeiro texto tem por base o modelo 1, assinalado nas imagens e o segundo texto tem como referência o modelo 4, das imagens apresentadas (Figura 1). Lembrando que para cada texto uma imagem diferente, ou seja, 18 imagens e, por conseguinte 18 produções textuais.

O primeiro texto tem por base o modelo um escrito por uma aluna. Este ilustra bem o que foi orientado pela professora quanto à produção de um texto narrativo-

descritivo e ao mesmo tempo sinaliza para o fato de que a autora do texto consegue assumir a o papel de narrador-observador ao longo do mesmo, uma vez que ao contar a história na 3ª pessoa, sem participar das ações, fica de fora desta. Isso o faz reconhecer todos os fatos e, por não participar deles, narra com certa neutralidade aquilo que vai apresentando. Percebe-se que o narrador aqui não tem conhecimento íntimo dos personagens nem das ações vivenciadas.

Mesmo sendo um texto curto, a aluna dá conta do gênero textual proposto pela professora. Percebe-se com isso, que quando se sabe claramente que gênero textual é proposto e quem é exatamente o leitor daquele texto a ser produzido, torna-se mais fácil o processo de produção e é isso que vai orientar a composição escrita (Figura 2).

Outro detalhe importante, é perceber como a aluna descreve o estar diante de uma tela de computador “*Viajando em descobertas, ver a clara realidade de decidir o que realmente contribui para a sua busca*”. Ou seja, na condição de narrador, esta consegue expressar outros mundos desvendados e a desvendar com o uso das tecnologias.

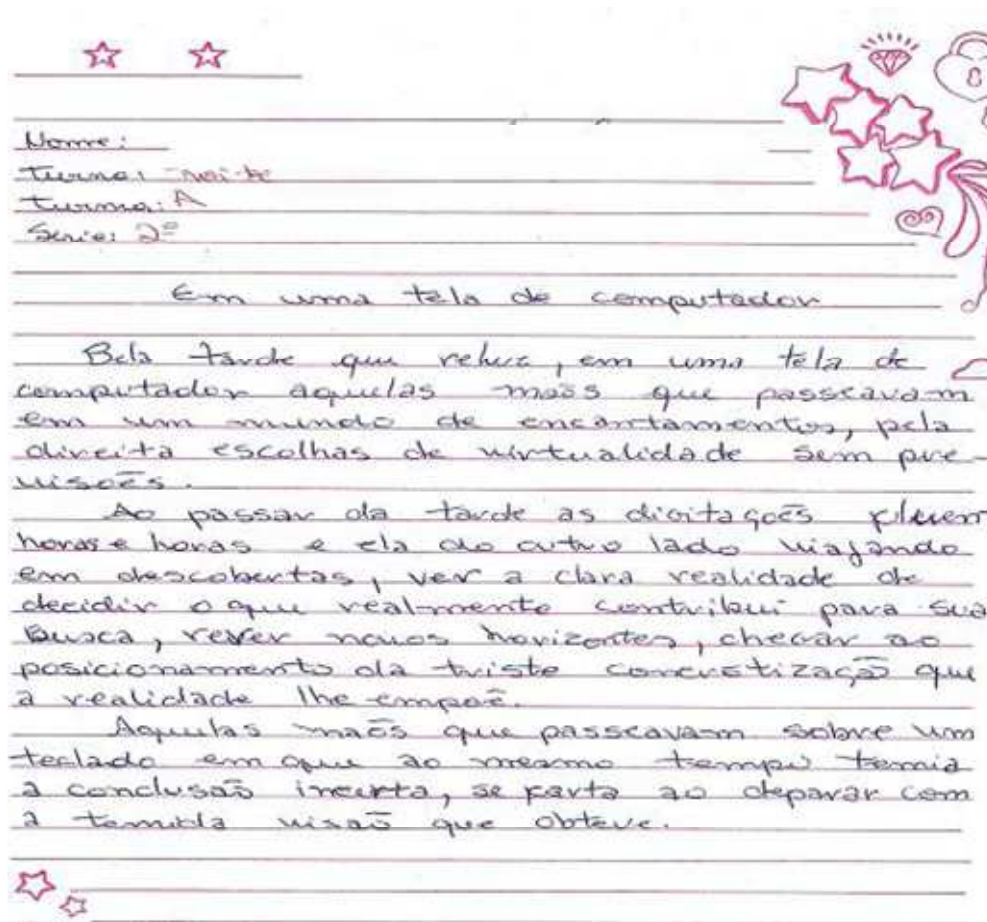


Figura 2: Texto verbal – produção in loco da aluna Micaelle

O segundo texto tem por base o modelo 4, vamos perceber que este em relação ao narrador difere da produção desenvolvida no primeiro texto. O narrador do texto se configura como narrador-personagem, evidenciado pelo sujeito narrativo, que é em 1ª pessoa. Aqui ele participa ativamente da história como sendo o personagem principal, isso é possível observar em algumas partes do texto, como na frase: “*Há algumas semanas atrás, me vi a beira da morte*”. Mantém certa relação íntima com os outros elementos da narrativa, trazendo para a mesma, marcas da subjetividade. Com isso a narrativa é parcial e impregnada pelo ponto de vista do narrador.

Com as observações da análise realizada, concluímos que a partir dos modelos aqui assinalados, foi necessário criar situações reais contextualizadas que permitam reproduzir fatos concretos de produção textual, ou seja, que o aluno saiba dizer o que quer dizer, de forma clara e objetiva, a quem dizer e como dizer, sendo compreendido nesse processo. Daí concordarmos com Marcuschi (2008, p.243) quando o mesmo sinaliza-nos para o fato de que um texto é produzido sob condições concretas, por um autor com certos conhecimentos e determinados objetivos e intenções. Isso nos leva a perceber que tais mundos e intenções se tornam claros, quando paramos para observar quando é oportunizado ao aluno pensar seu mundo, mesmo que criando-o a partir de uma imagem, como nos textos aqui sinalizados, estes sempre tem algo a dizer (Figura 3).

Aluna (a)  
Prézi

14.11.18

2º ano A

Salvo pelos médicos.

Há algumas semanas atrás, me vi a beira da morte... Foi um acidente de carro, não sei como tudo ocorreu, pois quando aconteceu, estava em cima da maca da ambulância, e ao meu redor estava cheio de paramédicos, socorristas e civis que estavam por perto, logo me desorientei, pois apesar deste acidente ter acontecido comigo, não sabia do que estava acontecendo naquele momento, de como estava meu corpo, e que via era eu e comigo sobre o meu corpo.

Hoje, estando em observação, num quarto de hospital, estou me recuperando bem. Mas uma coisa posso garantir, e dia em que sou o acidente foi o pior dia da minha vida!

Figura 3: Texto verbal – produção in loco da aluna Rennaly

Fica-nos evidente que a produção textual desenvolvida em sala de aula, exige do aluno certas leituras de mundo, bem como interação com o mesmo. Desencadeando assim, o domínio da escrita, como sistema convencional, além das categorias gramaticais e a organização do discurso escrito e de despertar a consciência crítica e reflexiva. Cremos que é função do texto exercer papéis importantes nas relações sociais, desde a simples comunicação, a um artigo de opinião. Isso faz com que o texto não seja apenas um simples registro a ser avaliado ou guardado no caderno. Mas se torne algo significativo para o autor.

### 3.4 Novas produções: o texto virtual e a interação nas redes sociais

As observações da sala aula contribuíram para criar novas estratégias para envolver os alunos sem necessitar pontuação ou da nota, a qual o aluno participasse diante das motivações que viesse a ter. Para tal, criamos um grupo, a princípio fechado, no *facebook*, com o intuito de incentivar os alunos a participar conosco fazendo suas postagens livremente. Aos poucos, os alunos foram aderindo a ideia e participando conosco ao longo da pesquisa.

Pelo fato de a escola Major Veneziano Vital do Rego ter um número expressivo de alunos, ao criarmos o grupo, ficamos na incerteza quanto ao nome, uma vez que poderia existir um grupo já formado nas redes sociais com o mesmo nome – Alunos do Major Veneziano Vital do Rego. Porém, para a nossa surpresa, isso não aconteceu, o que de certa forma nos motivou ainda mais, uma vez que ao término de nossa pesquisa, abriremos o acesso para os alunos que estão matriculados e estudando além dos que são ex-alunos da escola (Figura 4). Percebemos ao longo das observações junto ao grupo, várias pessoas enviaram o convite para participar do mesmo.



*Figura 4 – Grupo do facebook – Alunos do Major Veneziano Vital do Rêgo*



As relações sociais tem nos últimos anos se ampliado cada vez mais, as formas de contato e relacionamentos ganham novos sentidos, o real tornou-se virtual, o bate – papo é o chat, o álbum de fotos passou a ser o *facebook*, mais interativo e participativo modificando assim, comportamentos e interações sociais. Percebe-se com isso que saímos de uma vida compartimentada, de amigos do trabalho, da escola, do clube, da família, dentre outros, os quais o controle do contato, da fala e das relações em si, ditavam o teor de como cada um deveria comportar-se frente ao outro, para algo mais dinâmico e interativo, o qual falo com várias pessoas ao mesmo tempo, sobre os diversos assuntos, ao passo que participo dos mais diversos grupos sem me expor ou ter medo de expressar-me já que meu contato com o outro é virtual (MORAN, 2000). Assim, sabíamos gerir esses relacionamentos pelo controle a nós imposto, desde nossa identificação na condição de membro do grupo, criador deste e professor, a posturas e posicionamentos que devíamos ter ou assumir diante de determinadas situações, éramos controlados no instante em que controlávamos automaticamente. Fomos percebendo que, ao longo da pesquisa, era preciso interagir e motivar o aluno a vir a ser aluno conosco neste processo.

Assim, fomos percebendo que ao ser convidado a participar do grupo, o aluno não vinha só, uma vez que seus amigos virtuais, seus grupos – os quais participa, as páginas que este curte e etc, o acompanham nesse processo. Percebe-se com isso que com o *facebook*, todos esses grupos acabam imbricando-se, por mais que haja uma particularidade do grupo, o qual o identifique como tal, observa-se que dentro de um grupo existem outros, uma vez que cada membro participa de outros tantos grupos, e é isso o que vai caracterizar o grupo das redes sociais como grupos heterogêneos. O que você fala no *face* ( ou o que falam de você), o que você publica ou o que publicam de você, quando te marcam em determinados momentos, fica exposto para que outras pessoas vejam, comentem, curtam ou compartilhem. O sujeito agora não mais participa de um grupo, tribo ou gueto separadamente, mas sim de um grupo, ao qual outros a este vão sendo agregados e todos as pessoas passam a fazer parte de sua vida existindo e interagindo no mesmo ambiente, o virtual.

As formas de interação e participação nas redes sociais se tornam aleatórias, porém é preciso motivação para que os alunos participem ativamente com as postagens feitas no *facebook*, daí ser as mesmas instáveis, fugindo também aos padrões típicos da escola, as paredes ou muros (SIBILA, 2012). Estas acompanham o perfil dos sujeitos,

uma vez que ao criar seu perfil este opta por deixá-lo incompleto e aos poucos ir complementando as informações de acordo com suas características, interesses e identificações. Isso é possível a partir da adição de alguns aplicativos disponíveis na própria página do usuário, chamados de *feeds*. Os mesmos revelam-nos o perfil do sujeito, as coisas as quais ele se identifica, posta, curte, comenta e etc.

Assim, no que se refere aos textos produzidos, longos ou curtos, estes passam a ter vida própria, no sentido em que reflete a situação do aluno naquele momento, sinalizando seu posicionamento social, ou seus comportamentos, mas ao mesmo tempo sua vida é ‘curta’, uma vez que por não ter pessoas que o comente ou até mesmo ‘curta’, isso faz com que a durabilidade deste passe por horas ou dias. É preciso perceber ainda que a vida curta dos textos postados, respondem ao momento, é como se ele ditasse o estado de espírito do autor naquele momento, um desabafo, um contentamento, uma desilusão. Passando deste momento, o texto já não mais tem significado. Isto é o que caracteriza a configuração do texto nas redes sociais.

Em uma de nossas postagens, fomos instigando os alunos a participar conosco, a partir de uma foto a qual mostrava um grafite feito por um dos alunos da escola, como prova cumprida na gincana escolar do ano de 2012, além disso, postarmos uma foto da gincana. O nosso comentário instigou, mesmo que parcialmente a participação dos alunos.

O tema proposto para a gincana de 2012 foi: *Inclusão digital e o respeito a diversidade: o uso das redes sociais na formação do cidadão*. Este foi sugerido pela gestão escolar aos professores, os quais aceitaram e interagiram dando sugestões de provas a ser realizadas, equipes concorrentes, professores e turmas a ser representadas pelos professores. Porém, o tema norteador direcionou os trabalhos de todos. A partir deste, os alunos foram motivados a executar uma das provas, fazer um grafite no muro da escola, tendo por base seu entendimento, algo que envolvesse a inclusão digital. Tal prova foi acontecendo ao mesmo tempo em que no auditório da escola, os demais alunos davam continuidade as provas sugeridas. Observa-se que a escolha de um grafite para a prova não foi por acaso, uma vez que esta é uma experiência de linguagem que possui tem uma característica juvenil e caráter dialógico na qual os sujeitos interagem a partir das significações dos signos linguísticos. É preciso destacar ainda, que o meio natural, entendido aqui como natural, este é o suporte, deve ser analisado como parte essencial para a significação do grafite enquanto linguagem. Assim, pensar o grafite como escrita inserido num contexto escolar e cidadão, o direciona como escrita urbana

ícone em que a observação e a duração, ou sua vida útil enquanto texto, é estável, fugindo a norma padrão e tendo como característica maior a aproximação com a linguagem coloquial. Tais características nos revelam as aproximações de textos coloquiais – grafite e facebook, e ao mesmo tempo o seu poder de envolvimento quando o assunto é a participação dos adolescentes e dos jovens em tais contextos.

Assim, a partir do que foi sugerido aos grupos, captamos uma imagem de uma produção e a postamos no grupo do facebook, observamos que entre aqueles que curtiram, comentaram e visualizam, dois alunos, teceram seus comentários acerca do momento que vivenciaram na escola – a Gincana escolar (Figura 5).



**Figura 5 – Grafite e gincana escolar**

É interessante observar o quanto os alunos têm a dizer quando os mesmos são instigados (Figura 6). Mesmo sendo poucos os que comentaram a pergunta, cremos que as respostas sinalizadas refletem bem o sentimento do aluno em fazer parte da escola, além de tornar aquele momento significativo para si e para todos.

Isso nos leva a refletir algumas questões: até que ponto é proporcionada ao aluno a oportunidade de ser aluno no contexto escola? Por que será que há tanta motivação em participar de uma gincana escolar, sabendo que esta é um momento único ao longo do ano letivo, além de ser um espaço em que capacidades, tempo e competitividades norteiam as ações do momento, se dentro da sala de aula temos as mesmas situações determinando o contexto? Para tentarmos entender tal situação, buscamos uma resposta possível em Castro (2011), que ao refletir e analisar os processos pelos quais o aluno torna-se aluno no contexto escola e na sala de aula, afirma-nos que:

As diversas formas de construção de identidades pelo aluno no interior da escola sugerem que este recria para si, em diferentes momentos, o papel do aluno. Ele tenta se adaptar a uma nova condição identitária interposta em diferentes momentos de sua vida escolar. O sujeito flexibiliza suas ações, atitudes e valores de modo a tornar-se aluno para si e para os outros que permeiam o espaço da escola e da sala de aula. (CASTRO, 2011, p. 21).

Vamos perceber dessa forma que quando o aluno se sente protagonista de suas ações, ele consegue em quaisquer dos ambientes da escola, dos corredores à sala de aula, pensar por si só, ao passo que reflete sobre o processo pelo qual passa.

Mas o que seria esse pensar por si mesmo, em um contexto no qual os pensamentos são moldados, os conhecimentos prontos a partir de conteúdos e os discursos são ideológicos? Para tal questão Schopenhauer (2009) é objetivo quando nos assinala que:

Quando alguém pensa por si mesmo, segue seu mais próprio impulso, tal como está determinado no momento, seja pelo ambiente que o cerca, seja por alguma lembrança próxima. No caso das circunstâncias perceptíveis, não há uma imposição ao espírito de um determinado pensamento, como ocorre na leitura, mas elas lhe dão apenas a matéria e a oportunidade para pensar o que está de acordo com sua natureza e com sua disposição presente. (SCHOPENHAUER, 2009, p.40).

Concordamos dessa forma com o autor, ao afirmar-nos que pensar por si mesmo é seguir o seu próprio impulso, pois, sabemos que o mesmo impulso é motivado pelo ambiente, pelas circunstâncias e ao mesmo tempo, pelas oportunidades. No nosso caso, aquelas em que o professor e a escola permitem o aluno ser aluno, e como exemplo concreto, a gincana escolar. Tal posicionamento fica-nos evidente nas respostas que os alunos dão a questão proposta.



Figura 6 – Reflexão dos alunos sobre a gincana escolar

As respostas dos alunos são claras e sinalizam para nós o local que os mesmos ocupam no espaço escolar (Figura 6). Tais observações nos levam a perceber que, por mais que o aluno não expresse seu pensamento, quer seja em sala de aula, ou até mesmo nas redes sociais, este interage mesmo que indiretamente, pois, observamos que muitos visualizaram a postagem, porém, apenas dois comentaram. Mesmo assim, tais comentários reforçam o pensamento destes sobre os eventos da escola bem como seu sentimento em ter participado deste.

Para instigar ainda mais a participação quanto às postagens, lançamos a pergunta: “Esse foi um grande momento de interação entre todos. Porque será que momentos como esse temos a participação de todos alunos?”.

A resposta de uma das alunas foi a seguinte: “eita foi bom de mais”

Já seu colega de sala, respondeu da seguinte forma: “Porque sai da rotina de aulas em sala de aula, e conseqüentemente chama a atenção dos alunos...”

Observa-se aqui nas respostas de ambos, certa interação em relação ao que foi posto para os mesmos enquanto questionamento, uma vez que nossa intenção era provocar o aluno, levando-o a refletir sobre dada situação e posicionamento frente à mesma. A resposta da aluna estava direcionada para emoção e ao mesmo tempo para a oralidade, isso é bastante evidente a partir do uso da interjeição “eita”, expressando assim o quanto foi significativo para a mesma ter participado de tal momento.

A mesma resposta leva-nos a refletir a questão da oralidade, presente na escrita, ao passo que sinaliza para o tipo de escrita e textos comuns presentes nas redes sociais, mas especificamente no *facebook*, que é o nosso caso.

Já o seu colega, foi mais condicionado a refletir a pergunta e ao mesmo tempo tentar responder a mesma. Isso não descarta os traços da coloquialidade bem como da oralidade, uma vez que a resposta por ser um texto mais longo que sua colega, tem uma característica dialógica, ou seja, o aluno responde de forma direcionada a pergunta proposta. Observamos ainda, como aluno vê a sala de aulas e qual sua posição acerca da situação, ou seja, o que é a sala de aula na visão do aluno? A resposta aqui apresentada, mostra com clareza a sua visão – local onde as aulas rotineiramente acontecem.

Tudo isso nos faz refletir nossa prática diária e sinaliza para o fato de que, é preciso re-significar nossa prática, dá um sentido aquilo que estamos desenvolvendo em sala de aula, para que o aluno participe ativamente conosco. Daí ser de suma importância ceder espaços e ouvir a voz do aluno para que ele possa refletir sobre seu processo formativo, desenvolvendo sua autonomia e criticidade. Cremos que no instante

em que o aluno for visto como co-participe no processo, a mudança passa a acontecer e, por conseguinte o ensino avança.

## **4 AS TECNOLOGIAS, AS REDES SOCIAIS E A SALA DE AULA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Refletir sobre o uso das tecnologias e do acesso as redes sociais em sala de aula torna-se um desafio para o modelo de escola que temos hoje em dia. Mesmo observando os avanços tecnológicos, acessos e outros, percebe-se que a realidade difere dessa situação. Pois, as mudanças vêm acontecendo a passos lentos, uma vez que troca-se o quadro negro pela lousa branca, o giz pelo pincel atômico, mas não se inova no que se refere às tecnologias educacionais. Como o aluno percebe esses momentos de transição? Qual o posicionamento do mesmo frente a tal situação? Sendo assim, buscaremos neste capítulo apresentar algumas análises possíveis, de como essa relação pode acontecer e das possibilidades de um trabalho em comunhão, tecnologia e escola. Um mediando o trabalho do outro.

A metodologia a ser trilhada foi sendo construída a partir do acompanhamento e das observações que fomos tendo, junto à turma selecionada para a pesquisa. Ao entrarmos em sala, nessa pesquisa, fomos percebendo como a participação do aluno ia acontecendo, alguns interagindo a partir de perguntas, outros com comentários que não eram pertinentes com o assunto abordado em sala, mas que faziam questão de comentar algo para chamar a atenção da professora e dos colegas. Sem contar o número significativo de alunos que a cada instante atendiam o celular na sala de aula, sem colocar o mesmo para vibrar, fazendo questão que a turma como um todo escutasse a música escolhida como toque de celular. Música esta do momento – baladas, funk, forró-, dentre outros, fazendo com que todos os colegas interagissem tecendo certos comentários sobre o som escolhido como toque do celular e curtindo o mesmo.

Observar o uso do celular, o fone de ouvidos sendo compartilhado pelos colegas em uma dada aula, conduziu-me a seguinte reflexão: de que forma o celular pode ajudar a melhorar os conteúdos estudados na sala de aula, transformando a condição de passividade do aluno para ativo? De que forma as músicas mais populares, escolhidas pelos alunos como toque do celular podem ajudar na aula de língua portuguesa no que se refere ao ensino de língua e a produção textual? O que de fato está por traz de cada escolha musical dos alunos? O que eles querem dizer? O que tudo isso nos diz?

Estariam aqui algumas questões que norteiam a nossa compreensão acerca da internet na sala de aula além do uso das tecnologias, tais como o celular, o computador,

o tablet e outros. Assim, na condição tanto de professor quanto de pesquisador, nessa pesquisa, foi possível observar que são muitos os desafios encontrados nesse cotidiano simbólico que é a sala de aula e por mais que deixemos de lado essa condição de agente transformador, para em determinada situação nos tornarmos efetivamente pesquisador, não há como ser neutro em determinadas situações, bem como na coleta de dados. Pois nesse caso, os dados a serem pesquisados, assinalados e refletidos geram certas motivações e a partir destes, damos passos mais significativos quanto à compreensão dos dados. E os pontos de partida que despertaram esses passos, já não são os mesmos como pontos de chegada, pois nem os pontos motivacionais nem o pesquisador são os mesmos. Por mais que sejamos imparciais, nossa atuação como pesquisador, foi marcada pela necessidade de compreender como na prática pedagógica equipamentos, professor e aluno podem interagir num espaço dinâmico da sala de aula sem que um venha a sobrepor o outro, e harmonicamente ensino-aprendizagem aconteçam de forma gradativa e motivadora.

Tais observações nos levaram a perceber o tipo de questionário que iríamos compor para apresentar aos alunos norteando nossa busca e ajudando a compreensão dos dados, uma vez que o uso ou não de tais aparelhos na sala de aula nos sinalizavam algumas direções. A partir deste, foi possível ouvir a voz do aluno no processo formativo e ao mesmo tempo, reconhecer seu posicionamento acerca do uso das tecnologias e da internet no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa.

#### **4.1 O contexto e as possibilidades de reflexão**

O atual avanço e a disseminação das tecnologias da informação e da comunicação em todos os âmbitos sociais vêm criando novas formas de convivência, novos comportamentos e contextos os quais interferem diretamente na vida do indivíduo. E quando paramos para pensar a influência das tecnologias digitais no contexto escolar, percebemos que seu uso ainda é limitado e em alguns casos inexistentes. Se por um lado a escola não oferece meios que facilitem o uso, desde a existência de aparelhos ao acesso a internet banda larga, por outro, torna-se difícil mexer em um contexto cultural o qual ao longo dos anos vem sendo formado, contexto este ditado por um currículo fechado, pautado em conteúdos e ditado pelo livro didático



o qual passa a ser a única ferramenta acessível na sala de aula. Neste caso, o que deveria ser incluído acaba ficando a margem, os espaços para a reflexão e uso de novas ferramentas acabam não existindo e o ensino continua a ser nos moldes tradicionais.

Sobre essa questão Mosé (2013) em sua análise sobre a escola e os desafios da contemporaneidade, sinaliza-nos que:

A exclusão do saber, do conhecimento, é a raiz de toda exclusão. É especialmente em função disso que precisamos de uma nova escola. Precisamos, na verdade, nos recusar a ser o que somos e repensar o tipo de individualidade do que nos foi imposto durante tantos séculos, a subjetividade do sim ou do não, do certo e do errado, do bonito e do feio. É promover novas formas de lidar com a vida. (MOSÉ, 2013, p.45)

São essas marcas de individualidades impregnadas nos rincões da sala de aula e em todos os espaços escolares os quais não favorecem ao melhor aproveitamento daquilo que se ensina. Isso nos faz pensar como as práticas desenvolvidas na escola têm proporcionado novas formas de lidar com a vida e com os desafios do cotidiano. Pensar esses desafios foi um dos objetivos dessa pesquisa, para entender o emaranhado simbólico e complexo que é a sala de aula de Língua Portuguesa.

#### **4.2 O uso do questionário online: uma ferramenta possível**

Dada às interações e as participações junto à turma suscitou a criação de uma ferramenta que nos sinalizasse respostas ao que buscávamos e ao mesmo tempo levasse o aluno à reflexão. Já que nossa pesquisa tomou por base o desenvolvimento da aula e a visão que os mesmos têm das tecnologias e de seu uso no dia a dia. Com esse propósito surge o questionário, aproveitando as redes sociais, mais especificamente o facebook, a conta que o aluno possui e os acessos periódicos que os mesmos fazem. Com este objetivamos levar o aluno para além da sala de aula, criando novas situações de reflexão, provocando nestes o pensar em seu processo formativo.

Assim, as perguntas do questionário (Apêndice 8) foram delineadas de modo que os alunos se sentissem livres para responder. Perguntas simples e diretas, que motivasse os mesmos a interagir sem enfado ou resistência, o que em geral foi observado durante a execução de tarefas no cotidiano da sala de aula. A primeira pergunta sinaliza para a questão tecnológica como um todo, ou seja, observando as

tecnologias e seu uso, qual palavra define melhor o termo tecnologia. Oportunizamos ao aluno escolher dentre as palavras sinalizadas àquela que ele mais se identificava. Assim, para nossa surpresa, diante de outras palavras, a escolha dos alunos na sua maioria foi à palavra facilidade.

**Gráfico 1: Qual palavra você utilizaria para definir tecnologia?**



O resultado sinalizou a escolha da palavra facilidade. Ao refletirmos sobre esta escolha a mesma nos remete para um grupo de jovens, com sonhos, perspectivas futuras, e ao mesmo tempo se observarmos sua realidade e seu contexto, perceberemos que as tecnologias e a web têm proporcionados aos jovens alcançar mundos até então inalcançáveis, ultrapassar barreiras até então intransponíveis. Possibilitando aquilo que a escola ainda não conseguiu, conduzir o aluno a mundos desconhecidos e fazer com os mesmos se tornem protagonistas de suas buscas. É preciso ressaltar ainda que esse mesmo grupo já nasceu envolvido em meio a diversas formas que envolvem tecnologia, desde o som a imagem, do teclado ao digital. Tudo isso nos leva a perceber que quanto maior a variedade tecnológica e a interação social, mais o sujeito vai determinando o uso e o que faz desses recursos. Ou seja, a escolha do que se usa, como se usa e para que se usa determinado aparelho, é dado pelo sujeito, ele exerce a autonomia do que fazer ou não fazer com o equipamento o qual dispõe.

Na contramão dessa interação de uso e escolhas esta o contexto escolar, uma vez que em seus espaços o uso das tecnologias e do computador é na maioria das vezes inexistentes, pois quando há laboratórios de informática, não se tem acesso, e quando o acesso é permitido torna-se limitado pelo número de máquinas que funcionam e pela falta de acesso a internet. Além de não serem aproveitadas as ferramentas que o aluno dispõe, dentre elas o celular. Uma vez que seu uso é proibido dentro da sala de aula<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Existe uma lei no Estado da Paraíba, a de número N° 8.949, de 03 de novembro de 2009. De autoria do deputado estadual Nivaldo Manoel (PMDB), a qual dispõe sobre a proibição do uso de telefone celular nas escolas da rede pública e privada do Estado da Paraíba. Todas as informações estão disponíveis no Link: <http://www.paraiba.pb.gov.br/22689/diario-oficial-04-11-2009.html>

Estes são alguns dos desafios relevantes os quais professores e alunos enfrentam no cotidiano escolar quanto ao uso ou não uso das tecnologias.

O contexto da escola e principalmente fora desta nos permite perceber o quanto a sociedade tem avançado e evoluído tecnologicamente, ao passo que vem atingindo rapidamente aos alunos, de forma que os métodos utilizados pelos professores em sala de aula se tornam obsoletos e desestimulantes. Em um contexto de mudanças constantes professores e alunos não podem ficar de fora desse processo. No instante em que outras ferramentas vão sendo somadas ao livro didático, quer seja o celular ou o computador, estes podem ajudar a construir novos formatos para as velhas ou antigas concepções de ensino e aprendizagem, visto que, em condições específicas, podem instaurar a diferença na qualidade dos conteúdos ensinados.

Assim cremos que no caso do uso do computador e do acesso a internet, se tornar ferramentas importantes para o aluno quer seja na escola ou fora desta, é sua capacidade de rearranjos constantes, o que fascina o aluno a buscar as redes sociais além de usar essas ferramentas, pois, uma vez que o mesmo pode acrescentar novos acessórios e aumentar a capacidade de armazenamento de dados, e sempre que necessário este vai acrescentando jogos, sons e imagens de seu interesse. Assim, os únicos limites são dados pelas características da máquina e dos acessórios que ela possui (hardware), além da velocidade de acesso à web e, podendo dessa forma, fazer atualizações (upgrades) no computador, sem precisar substituí-lo. Ou seja, o indivíduo passa a controlar o que quer ou não em seu suas buscas e em seus equipamentos.

Mas por que a escola, a sala de aula, não oferece ao aluno momentos de desafios, de buscas, de questionamentos constantes, oportunizando a estes o direito de modificar seu contexto e interagir melhor no mesmo?

Sabe-se que quando mais fragmentado o sujeito, mais fácil dominá-lo. Daí a necessidade de termos práticas engessadas em currículos que não dão espaços a inovação nem a interação de alternativas que venham a somar com as discussões desenvolvidas em sala de aula.

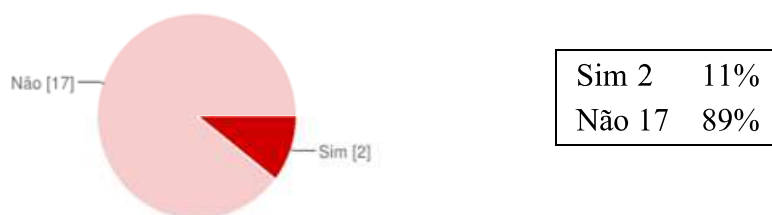
Assim, concordamos com Mosé (2013) quando afirma-nos que:

Não formamos pessoas, mas fragmentos desconectados. E nos tornamos especialistas cada vez mais fragmentados, desvinculados das grandes questões humanas, sociais e planetárias (...) Aprendemos, quando muito, o específico, mas ignoramos o todo, as múltiplas relações que cada coisa estabelece com todas as outras, ignoramos o contexto. (MOSÉ, 2013. p.51)

Quando paramos para pensar o que a autora sinaliza enquanto formação, nos damos conta que muito nos falta, tendo em vista que repetimos junto a nossos alunos as mesmas práticas que fomos tendo em nossa formação ao longo de nossa vida escolar e acadêmica. Seguimos as mesmas cartilhas, sem perceber que as necessidades dos jovens de hoje são outras. É preciso assumir que os contextos mudaram e exigem professores atentos e conectados ao mundo pós-moderno. Tudo isso nos leva a perceber que, da mesma forma que fomos sendo fragmentados quanto ao conhecimento e a informação, passamos a fragmentar.

Num mundo em que as relações são pautadas pela comunicação, pelo imediatismo e pelo virtual. É possível viver sem a interferência das tecnologias e da internet em nosso meio? É de suma importância dar vez ao aluno para que este pense o contexto como um todo, mas se coloque enquanto sujeito pensante neste processo. Assim, de qual lugar fala o aluno?

**Gráfico 2: É possível viver hoje em dia sem usar a tecnologia e a rede mundial de computadores?**



As respostas aqui sinalizadas refletem como os alunos vêem a tecnologia em seu dia a dia, uma vez que estando antenados eles têm consciência de um mundo globalizado em que a comunicação, os contatos, as interações sociais são movidas hoje em dia pela internet e pelas tecnologias de ponta. Dessa forma, não dá para ficar inerte a todo esse processo. Daí justifica-se na sua maioria o não viver sem as tecnologias e a rede mundial de computadores. É nesse contexto que surgem os relacionamentos virtuais, as amizades, os encontros e reencontros, ditando as novas regras sociais e psicológicas que vão se formando junto ao perfil criado. Nasce aqui os novos sujeitos, os sujeitos virtuais.

Refletindo sobre tais questões, Wolton (2007) crer que as tecnologias influenciam diretamente no psicológico do indivíduo, uma vez que os atrai justamente por vir ao encontro do profundo movimento de individualização a qual a sociedade pós

moderna vem passando. Ou seja, elas dão ao indivíduo a sensação de liberdade e a capacidade de dominar o tempo e o espaço.

Daí ser esse o fascínio que as tecnologias vêm exercendo na sociedade, mais especificamente no público jovem, pois de perto ou de longe estes acabam sendo seduzidos pelo aparelhos tecnológicos de última geração. O mesmo autor assinala para o fato de algumas palavras serem essências para a definição das tecnologias: autonomia, domínio e velocidade. Cada uma tem uma semântica específica, mas que neste conjunto ambas se interligam. Assim, o sujeito que tem isso bem definido em mente, pode agir, sem intermediário, quando bem quiser, sem filtro nem hierarquia e, ainda mais, em tempo real (WOLTON, 2007, p.86)

Será que é esse fascínio pelo novo que faz o aluno buscar atualizar-se quanto às tecnologias e ao mesmo tempo usar as redes sociais para manter-se antenado com o mundo e interagir diretamente neste? Para Wolton (2007) o caráter tecnológico é mágico daí o seu encanto junto ao público jovem. Ele assinala que:

A sedução exercida pelas novas tecnologias, seu caráter mágico, o fato de que a cada cinco anos suas capacidades aumentam e os preços diminuem a extensão das áreas de aplicação, o caráter lúdico de suas utilizações, seu caráter “democrático”, as utopias que elas reativam, compreende-se o encanto que elas operam em uma boa parte dos jovens (WOLTON, 2007, p.90)

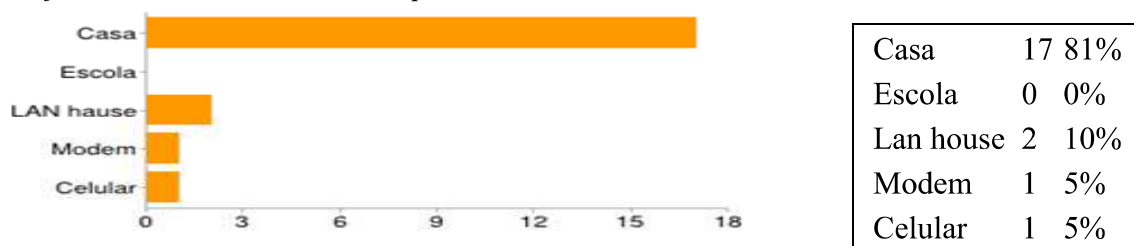
Essa mesma sedução a nosso vê, tem de perpassar o espaço escolar para que dessa forma as tecnologias se tornem um aliado e não um inimigo. Assim, concordamos com Behrens (2000) quando a mesma afirma-nos que é necessário refletir as benesses das tecnologias como um todo. Uma vez que:

A abertura de novos horizontes mais aproximados da realidade contemporânea e das exigências da sociedade do conhecimento depende de uma reflexão crítica do papel da informática na aprendizagem e dos benefícios que a era digital pode trazer para o aluno como cidadão (BEHRENS, 2000, p. 74).

Porém, num cenário em que não se estimula e não se oportuniza o uso, nem tão pouco propicia um ambiente de extrema interação, o aluno busca fora da sala de aula àquilo que não consegue encontrar dentro dela. É preciso ter um olhar mais envolvente para que a sala de aula venha a ser um lócus privilegiado, como ponto de encontro e reencontro, em que possa acessar o conhecimento, discuti-lo, depurá-lo e transformá-lo (BEHRENS, 2000, p. 75).

Dessa forma, que conhecimentos são transformados na sala de aula e como estes acontecem? A partir das respostas assinaladas pelos alunos percebe-se que, muito falta para se chegar a algo mais significativo e prazeroso nas atividades desenvolvidas na sala de aula. Pois quando refletimos sobre o uso do computador e do acesso à internet na sala de aula e no contexto escolar, dados comprovam que o local em que menos o aluno acessa a web é a escola. Assim, é de suma importância fazer à aprendizagem, algo mais preciso, significativo e desafiador, mediando ao aluno no ambiente escolar o estímulo necessário para tal iniciativa. Quando o aluno sinaliza-nos que acessa internet, menos nas dependências da escola espaço escolar, nos faz refletir mais uma vez a seguinte questão, nossas práticas hoje em dia, respondem as necessidades de nossos alunos?

**Gráfico 3: Você acessa a internet de qual local ou meio?**



Neste caso, observa-se com a resposta aqui sinalizada que a escola caminha na contramão de todo o avanço e uso tecnológico. Ainda não se mostrou nesse novo jeito do fazer educacional. O local onde o acesso deveria ser constante, ilimitado e estimulado, mediando à prática e o conhecimento e auxiliando diretamente no processo ensino-aprendizagem, é o que não é utilizado pelo aluno com tal finalidade. Pois cremos que fazer uso do computador e da internet na sala de aula de maneira racional, implica num processo de mediação na qual as atividades são empregadas com a utilização de tais ferramentas. Percebe-se com isso que as tecnologias não seriam apenas novas formas de facilitar o processo de ensino tradicional, em que o professor é o dono do conhecimento, o administra e repassa a informação a seus alunos e estes passivamente o recebem sem questionar, ao ponto de ao término desta, avaliar o grau de absorção de conteúdos por meio de provas e exercícios. Creemos que o objetivo principal é transformar o sistema atual de ensino, a fim de levar o aluno a ser dono de seu próprio processo de construção do conhecimento, a refletir sobre o seu contexto e interagir de forma racional junto ao conhecimento e a informação.

Se o ensinar é um processo social e pessoal, que depende de um querer aprender e está apto a aprender em determinado nível - maturidade, motivação e competência, é preciso olhar para tais situações e perceber que os alunos sinalizam constantemente para o professor como melhorar o contexto da sala de aula, os conteúdos desenvolvidos, as práticas diárias, tendo em vista as coisas que nela tem e as que nesta faltam, porém, na maioria das vezes, o posicionamento destes não é levado em conta, sua voz é silenciada, suas ações são castradas. Como ser aluno nesse ambiente?

Tudo nos leva a crer que é preciso ampliar as práticas tradicionais de se ensinar, incentivando a participação do aluno e com esta o uso das tecnologias na sala de aula e considerando que mudanças são necessárias e urgentes nesse processo. Sabe-se que ao propor tais mudanças muitas dificuldades e barreiras vêm à tona, as quais, em sua maioria são impostas pela falta de familiaridade do professor com o procedimento em questão e interesse pelo novo, uma vez que o mesmo é trabalhoso. Além de outros fatores como tempo, formação e em alguns casos os aparelhos e o acesso a internet. Sem contar que a escola que temos foi construída ao longo dos tempos, e mudar a forma de pensar esse contexto, é mexer com a cultura que foi sendo formada ao longo de sua existência. Assim, o medo de mudar em si assusta o ser humano, de migrar do conhecido para o desconhecido, de sair do confortável para o desconhecido, desconfortável. Por isso ser de suma importância que tais discussões aconteçam gradativamente nos espaços da escola para que o medo de se trabalhar com o novo seja superado, e a partir daí o ato de lecionar se torne mais humano e próximo das necessidades dos educandos.

Neste caso, ao olharmos para as mais diversas situações do cotidiano vamos perceber a influência da informática e da rede mundial de computadores desde os meios econômicos, religiosos, culturais aos sociais, trazendo novas formas de se vê o mundo e o homem nesse processo. Estando presente no dia a dia das pessoas é inevitável que a escola fique fora desse contexto e não se deixasse envolver por tais novidades, porém, observa-se que a mesma continua distante dessa nova realidade.

Assim, devido a seus recursos, bem como os aspectos atrativos, na agilidade e dinamicidade quanto ao tempo e a distância, cada vez mais os adolescentes e jovens têm despertado para tal fato e usam os recursos tecnológicos e acessam a internet sem medo. E quando tais recursos forem percebidos bem empregados na sala de aula como mais um recurso, este potencialmente pode tornar-se um grande aliado do processo ensino-aprendizagem como um todo.

Refletindo sobre algumas práticas inovadoras na sala de aula, Moran (2000) observa que podem surgir avanços no processo ensino aprendizagem a partir de práticas inovadoras, mediados pelas tecnologias. Assim, assinala-nos que:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando. (MORAN, 2000, p.15)

Na condição de desafio, é preciso olhar para as tecnologias e a internet como auxiliar do processo ensino-aprendizagem e não restringir o seu uso no contexto escolar. Que o aluno acessa a internet usa as tecnologias em seu cotidiano, nos mais diversos locais e contextos, menos na sala de aula, isso é fato. Que ele foi aprendendo a usar e a acessar a web quer seja pela curiosidade ou com a ajuda os colegas, tudo isso fora do ambiente escolar, é evidente. Porém, o desafio é trazer tais práticas e contextos, tão significativos fora dos muros da escola, para dentro da sala de aula, já que não há espaços nem mobilizações para que seu uso aconteça efetivamente e de forma gradativa. Daí ser de suma importância a participação e o empenho do professor na mediação quanto ao uso e tais ferramentas e instrumentos.

Não podemos deixar de concordar com KENSKI (2007), quando afirma-nos que:

Na ação do professor na sala de aula e no uso que ele faz dos suportes tecnológicos que se encontram à sua disposição, são novamente definidas as relações de exploração das tecnologias disponíveis para garantir melhor aprendizagem pelos alunos. (KENSKI, 2007, p.19)

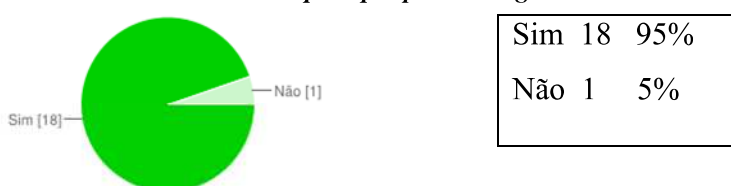
Dentre eles aquele em que os computadores e a internet são introduzidos na escola como símbolo de renovação e modernidade centradas em si mesmo, ou seja, centrando-se a inovação na tecnologia como elemento inovador. Tais iniciativas são superficiais e muito pouco, pois, por si só, a tecnologia não pode realizar a esperada revolução pedagógica tão esperada. Dessa forma, só equipar as escolas com laboratórios de informática e acesso à internet banda larga não é garantia de um avanço pedagógico mais efetivo e significativo. Também a introdução do uso do computador/internet não pode se dar apenas porque essa é uma demanda da sociedade atual. É importante compreender que estes como instrumentos, são apenas objetos, coisas, máquinas e que é



a mediação humana em seu contexto de utilização que os transforma como meios de ensino e instrumentos de aprendizagem. Esta função cabe ao professor.

Neste caso, crer-se que, se há estímulos, haverá respostas. Assim, ao ser questionados sobre as buscas na internet, as possíveis pesquisas de matérias e aprofundamentos de assuntos abordados em sala de aula já que o aluno sempre está conectado, o dado foi expresso e sinalizado para o fato que, a escola e o professor não atentaram as questões do uso da pesquisa na internet como suporte que favorece ao ensino. Daí a seguinte dado, quanto ao uso da internet para pesquisas propostas em sala de aula.

**Gráfico 4: Você utiliza a internet para pesquisa de algum conteúdo das disciplinas da escola?**



Será que ainda não se descobriu o quão útil é a internet e a rede mundial de computadores? Porque é tão difícil à escola despertar para tais práticas? É preciso fazer e acontecer para que o aluno encontre sentido naquilo que venha a ser desenvolvido como práticas que favoreçam o a aprendizagem, e neste interaja significativamente. Assim, pensar e aprender nesse espaço privilegiado, de práticas significativas e buscas constantes, que é sala de aula, vai sendo a máxima de tudo o que nela existir. E ensinar com as novas mídias só será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do modelo de ensino que temos o que mantêm distantes do conhecimento e do contexto social, professores e alunos. (MORAN, 2000)

Os resultados do estudo realizado apresentam indicativos de que a escola caminha, mais uma vez, na contramão de seu processo histórico de produção do conhecimento, enquanto a sociedade avança, vislumbra outros meios que favorecem a comunicação, as relações sociais e até mesmo a aprendizagem. Observamos que as práticas desenvolvidas na sala de aula não conseguem superar a “mesmice” de ontem e vivenciar o futuro no hoje. Cremos que é preciso modificar tal realidade trazendo para o debate o uso das tecnologias e, ao mesmo tempo, o acesso direto a conteúdos e pesquisas na própria sala de aula, ensinando ao aluno como fazer, onde buscar e o que buscar. Dessa forma a prática poderá ser entendida de forma mais atrativa tornando as aulas mais dinâmicas e participativas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui e observar o caminho percorrido é ter a certeza de que passos foram dados, e que um longo caminho fomos desbravando nesses últimos anos. A cada instante tentamos marcar nossa existência, significando nossa práxis, revendo nossos conceitos. Mas tudo com um único propósito, melhorar nosso fazer educacional a partir da teoria e da empiria do cotidiano.

Sair da condição de artífice para a de observador nesse vasto oceano que é a educação e o cotidiano escolar, às vezes sem bússola, sem barco e em mares sombrios, é acreditar nas poucas certezas que temos a de que não caminhamos sós, que sempre há alguém a nos ajudar quanto à direção do nosso barco e dos sopros do vento.

Assim, dar por encerrado o que apenas começamos, é não perceber a dinâmica da pesquisa e os caminhos que ela foi nos orientando. Daí assinalarmos aqui algumas considerações acerca do trabalho executado.

Começamos nossa pesquisa com as diversas indagações, as quais nos orientavam desde o uso ao não-uso das tecnologias no ambiente escolar, do acesso a internet, aos incentivos para o trabalho com os mesmos neste contexto. Com isso buscamos entender de que forma as tecnologias e as redes sociais podem ajudar o professor nas atividades desenvolvidas na sala de aula, dentre elas a produção textual. Olhando principalmente para a sala de aula, as aulas e o ensino de Língua Portuguesa, nos deparamos com iniciativas significativas, mesmo que simples e isoladas, porém, aquém daquilo que se espera quanto à exploração desses recursos didáticos como aliados das práticas pedagógicas. Isso sinalizou-nos que por mais que haja o desejo por parte do professor em inovar, fazer de sua aula algo criativo e motivador, existem vários entraves que dificultam suas ações, o tempo da aula, a falta de recursos, a resistência e o medo em desafiar-se e ousar quanto ao novo e desconhecido.

Assim, ao longo de nossa pesquisa percebemos a partir das observações, metodologia e análises das mesmas, que as práticas desenvolvidas continuam aquém do esperado e distante da real necessidade do aluno. Mesmos sabendo que diante do esperado para a situação é o máximo, diante das condições, que o professor pode desenvolver naquele contexto. Isso nos leva a perceber que a sociedade está vivendo um momento de transformações constantes em relação às tecnologias e a comunicação às quais formam, transformam e informam os sujeitos cotidianamente, à escola e o sistema

educacional vem caminhando na contramão de todo esse processo. Tendo em vista que por mais que haja discussões acerca das tecnologias, por parte do governo, não se pensa na realidade das escolas, nem no contexto dos professores quanto a tais questões. Ou seja, é feito um paliativo em relação ao uso e introdução das tecnologias e inclusão digital no ambiente escolar. Isso nos leva a perceber que passos são dados, porém, lentos, como se tais mudanças não fossem possíveis de ocorrer e fazer parte do cotidiano escolar.

Percebe-se assim, que esses são alguns dos desafios encontrados pelos professores para pôr em prática uma nova metodologia, que auxiliem o conteúdo com as necessidades dos alunos. Observamos que quando não há nenhum recurso, incentivo ou motivação, estes tendem a ser artistas, buscam alternativas e criam meios que amenizem sua práxis. Como exemplo concreto, desse fazer diário, observamos a atividade desenvolvida pela professora – a produção textual in loco, na sala de aula.

É notório, a partir dessas observações que por mais que tenhamos desafios, é preciso ousar quando o assunto é tecnologias e web. Uma vez que surge um novo sujeito social que pensa suas reações a partir do virtual, do on-line. É necessário e urgente refletir sobre tais contextos tendo em vista as relações necessidade, busca, acesso, tempo, distância, conhecimento, informação e contatos que os alunos vem tendo nos últimos anos. Se a escola não consegue oferecer tais oportunidades, o contexto fora dos muros da escola proporciona tal iniciativa.

Assim, se por um lado temos observado o avanço das tecnologias e da internet, chegando aos mais diversos rincões, revolucionando e transformando todas as relações sociais, do individual ao coletivo, esse tem sido um processo que forçadamente tem incluído a escola e seus sujeitos: professores, alunos, comunidade escolar como um todo, mesmo que estes não se dêem conta. Uma vez que, mesmo não usando em suas aulas ou explorando tais recursos tecnológicos, o professor tem a certeza de sua coexistência e que um dia este poderá fazer parte de sua aula.

Está atento a tais posicionamentos, nos permitiu captar a maneira como se pensa e convive com as tecnologias no âmbito escolar, mesmo que seu debate seja tímido e esporádico. Pois, não adianta dar o aparelho, no caso do tablet ou equipar a escola com equipamentos, computadores, TV's e outros sem capacitar o professor para que estes saibam usá-los no ambiente escolar e ao mesmo tempo, sem que haja manutenção e reparos constantes, além do espaço no currículo para explorar tais recursos pedagógicos.

Com isso, observamos ao longo da pesquisa que a escola ainda não despertou para o novo. Mesmo havendo iniciativas de práticas inovadoras, as mesmas se tornam isoladas e únicas, uma vez que na sua grande maioria, os mesmos modelos tradicionais de sempre continuam a imperar e a ditar o ritmo dos trabalhos nesta desenvolvido.

Por outro lado, os alunos estão antenados ao que acontece ao seu redor. E é ledor engano de todos, achar que os alunos são apáticos, desmotivados e sem compromissos, quando o assunto é as tecnologias e a internet. É preciso questionar-se a partir de qual referencial fala-se, pois, o modelo de escola e as práticas nela adotadas fazem com que o aluno a rechace constantemente, já que as mesmas não correspondem as suas necessidades. Daí prender um aluno entre quatro paredes, moldá-lo de acordo com o sistema, limitando sua forma de buscar, pensar e ser aluno, não preenche a lacuna de seu ser. É preciso deixar o aluno ser aluno no espaço escolar.

Práticas como essas funcionavam há tempos, porém, o aluno hoje está mais antenado, conectado as informações que à escola não chegam, usa aparelhos que na escola não tem, conhece mundo e faz viagens que à escola não permite. É neste ambiente que o aluno deposita energias, gasta seu tempo e encontra sentido em todas as coisas que desenvolve junto a seus pares, fora do ambiente escolar. Daí os mesmos sinalizarem como palavra significativa, felicidade. Esta sintetiza para nós o momento que o jovem vivencia ao usar a internet.

Observamos com tudo isso que em uma sociedade a qual os valores são substituídos diariamente, vale mais quem mais tem e nela se destacam na aquisição de novos aparelhos, no uso das tecnologias, no domínio e aperfeiçoamento destas, além da captação de amigos e contatos ampliando ainda mais o seu status virtual. Esse novo sujeito que foi se configurando começa a situar-se no mundo de outras formas. Já não se expressa os sentimentos sobre o mundo, usando os signos lingüísticos tradicionais ou convencionais, mas com apenas um clique, curtindo o que se posta, interagindo com um grande número de pessoas online ou offline. O destaque não é dado pela retórica, pela aparência, mas pelas “curtidas” feitas por seus pares a partir das postagens feitas em sua conta junto às redes sociais, o facebook. Temos aqui um novo desafio, olhar para esse sujeito conectado em rede e buscar fazer as “descrições densas” de seu comportamento virtual.

É possível perceber que mesmo que a escola tenha alguns aparelhos tecnológicos, computadores, retroprojektor, data show, TV, DVD, microsistem, é como se não fizesse parte deste espaço, pois não se sabe como usar e não há um incentivo

maior da adequação deste ao conteúdo e, por conseguinte ao currículo. Percebe-se com isso a falta de um espaço que favoreça a utilização dos mesmos, ganhando assim, tempo e comodidade. Daí a necessidade de envolver todos nesse trabalho, tornando o ambiente escolar dinâmico e diversificado. Pois cremos que não adianta usar o computador, o data show, apenas por usar, para repassar conteúdos, substituindo a lousa e o pincel pela imagem projetada. É preciso ir mais além, utilizando tais recursos para aguçar o pensamento, incentivar o aluno a refletir sobre respostas possíveis a partir de suas buscas e iniciativas. Percebemos com isso que quando estes são envolvidos nesse processo, passam a participar mais ativamente das atividades desenvolvidas na sala de aula.

Tais observações e reflexões nos levam a perceber a produção textual. Assim, fomos identificando como a produção textual é desenvolvida no contexto da sala de aula e fora desta, a exemplo a produção nas redes sociais. Sabe-se que o trabalho com o texto é algo que envolve tempo, preparação, as mais diversas leituras de mundo bem como os contextos os quais os sujeitos estão inseridos. Percebe-se, contudo, que a interação do aluno quanto às orientações para pensar o texto enquanto algo concreto, faz com que o mesmo se torne agente no processo e reflita sobre o mesmo, encontrando sentido naquilo que se escreve.

No instante o qual as práticas desenvolvidas na sala de aula acontecem de forma planejada e articulada com as necessidades dos alunos, estes passam a desenvolver competências discursivas mais claras, daí correlacionarem o que se ensina com suas leituras de mundo. Ou seja, estas ajudam ao aluno melhorar sua capacidade em lidar com a linguagem, tornando-o sujeito hábil na compreensão e na construção de significados por meio das atividades que envolvam a escrita.

Assim, considerando as reflexões aqui assinaladas, percebemos que a atividade de produção textual na escola, na maioria dos casos, serve apenas como instrumento de avaliação e não de aprendizagem. E porque não dizer de silenciar do aluno. O feedback dado ao aluno na maioria dos casos é uma nota a qual não o instiga a pensar a linguagem escrita como algo dinâmico. Cremos que, este seja o real fascínio dos alunos pelas redes sociais, uma vez que nestas, eles conseguem expressar de forma clara, objetiva, em textos curtos, o seu posicionamento sobre algo que venha a interpelar em seu cotidiano. Não queremos com isso afirmar que é preciso priorizar tal modalidade escrita em detrimento ao texto em sala de aula, pelo contrário, a partir dos exemplos assinalados e das práticas observadas, quer seja na sala de aula ou no grupo do

facebook, observamos que quando os alunos são instigados, eles têm o que falar e sabem como falar, a partir de suas vivências, de seu contexto.

É preciso juntar o útil ao agradável, fazendo com que tais práticas sejam constantes no cotidiano da escola e que o aluno encontre sentido e objetivo no que é desenvolvido. Percebe-se com isso que é preciso trazer à discussão novas formas de produção textual, desde textos simples aos mais complexos, ao mesmo tempo pensar em alternativas que colaborem com tais práticas, associando a necessidade do aluno ao processo ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

Desta feita, nossa posição em relação ao uso dessa escrita e das tecnologias na sala de aula, mediadas pela internet e pela presença do professor, é que os mesmos tendem a auxiliar cada vez mais as práticas desenvolvidas, quer seja no ambiente escolar ou na extensão da escola a casa, com isso, teremos um sujeito mais participativo e crítico.

Assim, ao longo de nossa pesquisa, fomos percebendo que a teoria apontava-nos para o fato que vivemos em uma sociedade digital (CASTELLS, 1999), nos formamos no que somos e não sabemos o que poderemos ser. Até aqui, muito avançamos e temos a consciência que avançaremos muito mais. Contudo, não conseguimos diminuir as desigualdades sociais, acabar com os vários problemas que assolam a humanidade, por mais que o acesso as tecnologias e rede mundial de computadores tenham crescido ultimamente e alcançado todas as camadas sociais (GENTILLI, 2001). E, no que se refere à educação, não conseguimos a fórmula mágica que acabe com os problemas relacionados à aprendizagem de nossos jovens. Mesmo assim, temos a certeza que conseguimos dar passos significativos quanto à comunicação, informação e visões de mundo. Além de mudar comportamentos, criar novos sujeitos, desenvolver novos códigos e escrever novos textos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia na prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel G. **Experiências de inovação educativa: O currículo na prática da escola**. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (org.). **Currículo: Políticas e práticas**. 4 ed. Campinas : Papyrus, 1999. (Magistério: Formação e trabalho pedagógico).
- BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2000.
- BOGDAN, R.C; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2001 v.1; il.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sóciodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura**, volume I. Trad. Roneide Venâncio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, P. A. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico**. 2012. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CHIBENI, S.S. **Algumas observações sobre o “método científico”**. Departamento de Filosofia – Unicamp. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~chibeni/textosdidaticos/metodocientifico.pdf>.> Acesso em 12 de Agosto de 2013.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GENTILI, P. **Pedagogia da exclusão**. Crítica ao neoliberalismo em educação. 7ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2001.
- GODOY, A.S. **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas, V. 35, n.2, Mar/Abr. 1995a.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da inovação**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS, C. L. G; CASTRO, P. A (Orgs.) **Etnografia e educação conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAN, J. M. **Novas tecnologia e mediação pedagógica**. Campina, SP: Papirus, 2000.

ORLANDI, E. P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PARAIBA. **Diário Oficial do Estado da Paraíba**. <http://www.paraiba.pb.gov.br/22689/diario-oficial-04-11-2009.html>> Acesso em: 05 de Janeiro de 2013.

PARAÍBA. **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino 2013**. Disponível em: <http://www.paraiba.pb.gov.br/educacao/diretrizes-operacionais-para-o-funcionamento-das-escolas-da-rede-estadual-de-ensino>> Acesso em: 05 de Julho de 2013

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: história de submissão e rebeldia**. - São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

POUPART, J; DESLAURIERS, J. P; GROULX, Lionel-H (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil**. 10ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1988.

MORAIS, R (Org.) **Sala de aula: que espaço é esse?** 3ª. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, D. **Educação Brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SIBILA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de escrever**. Tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. -Porto Alegre : L&PM, 2009.



SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. – São Paulo: Editora Ática, 1987.

TARDIF, M; LESSARD, C. **O Trabalho Docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino da Gramática.-14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. – São Paulo: Atlas, 1987.

WOLTON, D. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina. 2007.

# APÊNDICE

## APÊNDICE 1 – OBSERVAÇÃO DE CAMPO – CADERNO DE ANOTAÇÕES

Diá: 14/11/12

- O dia da aula foi uma quarta-feira (14/11/12) que antecedeu um longo feriado. Ao acompanharmos a professora Sônia até a sala de aula entrei com a mesma.

- Assim que a professora entrou em sala, os alunos foram logo perguntando a ela se na sexta-feira (16/11) teria aula? Ela disse que não sabia.

- Antes de entregar a proposta a ser trabalhada em sala a professora comentou como queria que a gramática e a produção textual, ou melhor, a atividade fosse trabalhada. Uma narrativa-desortiva - Se narrador personagem ou narrador observador. A partir das orientações de produção textual - pontuação, adequação, coesão e etc. Ela pediu para que ao terminar a produção, fizesse uma leitura do texto.

- Um dos alunos em voz alta disse: O número de linhas do texto é 25. Já outros ficaram perguntando quantas linhas a professora determinaria para ser escrito o texto.

- Uma aluna perguntou: professora, nós vamos inventar é...?

- A partir de uma figura que a professora deu (um quadro) alguns alunos já foram dizendo que não ia dar tempo para produzir o texto e um aluno pediu para le-

var o quadro para casa.

- Alguns alunos ficaram comentando a figura, enquanto outros ficaram observando como que tendo a mesma.

- A professora pediu para os alunos criar- ilufar na imaginação, deixar a ideia fluir.

- Outras alunas perguntou se era para entregar ainda hoje. O colega ao lado indagou que a imaginação dela é lenta.

- Sobre o título, alguns perguntaram se era para criar um título.

- Estavam presentes em sala 21 alunos, desses, 14 eram meninas e o restante meninos.

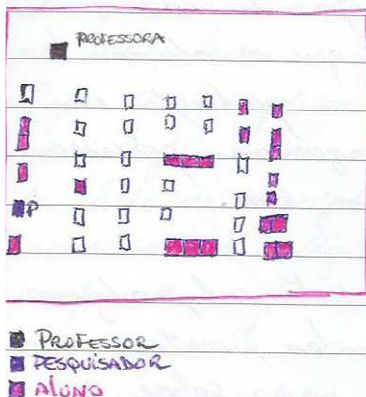
- O início da atividade foi um pouco conturbado, mas em pouco tempo, estes se concentraram para fazer a atividade. Ficando a turma em silêncio, a professora disse que ia aproveitar para fazer a chamada.

- Ao observar a imagem e dizer que não sabia do que se trata, um aluno se levanta e vai para a cadeira que estava vazia na outra fila, para conversar com o colega e pedir a este que trouxe a figura com ele.

- No instante em que a professora ia acontecendo, os alunos perguntavam se podia escrever de lápis. A professora falou da professora foi a de que não.

- Outros alunos se levantam e perguntam aos colegas se estes têm uma caneta pra emprestar a eles. Um colega interage dizendo que ele não devolve.

Foi interessante observar como a sala ficou organizada a partir da lógica que os próprios alunos fizeram antes da professora entrar em sala.



### A SALA DE AULA

22 alunos. 14 meninas.

organização em parceria / apoio.  
(AJUDA)...

ATIVIDADE DO DIA: narrativa. (papel para analisar)

- Os alunos que estavam em duplas comentavam sobre a atividade lamentando, dialogando, discutindo ideias acerca do fato que tinha em mãos para descrever e ao mesmo tempo iam descrevendo a mesma.

A atividade (produto escrita) foi retomada da aula anterior a qual a professora havia explicado as tipologias textuais, como se configurava o narrador e deu exemplos das mesmas em alguns fragmentos de textos.

- Diante do silêncio, a professora comentou "Gente as folhas que vocês já rasgaram vá para fazer outro caderno". A resposta de uma aluna foi: "É o rascunho!" E os demais alunos começaram a sorrir.

## APÊNDICE 2 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS –  
CEP/UEPB



COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA.

**PARECER DO RELATOR: (19)****Número do Protocolo emitido pelo CEP-UEPB: 0363.0.133.000-12****Data da 1ª relatoria: 24 de outubro de 2012****Pesquisador(a) Responsável: Silvio César Lopes da Silva**

**Apresentação do Projeto:** O projeto é intitulado: “ Da “casa” a “escola”: a linguagem das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa. O presente estudo é para desenvolvimento da Dissertação de Conclusão do Mestrado Profissional em Formação de professores da Universidade Estadual da Paraíba.

**Objetivo da Pesquisa:** Tem como Objetivo Geral: “realizar um estudo sobre o uso de novas tecnologias no contexto da sala de aula de língua portuguesa e observar influência da mesma na questão da linguagem”.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:** De acordo com a intenção da pesquisa não trará riscos aos sujeitos a serem pesquisados. **O projeto apresenta a contribuição teórica e metodológica para a prática docente do pesquisador e dos professores participantes da pesquisa.**

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:** O estudo encontra-se com uma fundamentação teórica bem estruturada atendendo as exigências protocolares do CEPUEPB mediante a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde e RESOLUÇÃO/UEPB/CONSEPE/10/2001 que rege e disciplina este CEP. A presente proposta de pesquisa é de suma importância quanto papel e atribuições das Instituições de Ensino Superior (IES), mormente pesquisa (bem como extensão), estando dentro do perfil das pesquisas de construção do ensino aprendizagem significativa, perfilando a formação profissional baseada na tríade conhecimento-habilidade-competência, preconizada pelo MEC. Portanto, tem retorno social, caráter de pesquisa científica e, contribuição na formação de profissionais do ensino superior na área da Educação, dentre outras áreas afins do saber científico.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória e Parecer do Avaliador:** Encontram-se anexados os termos de autorização necessários para o estudo. Diante do exposto, somos pela aprovação do referido projeto. Salvo melhor juízo.

**Recomendações:** Atende a todas as exigências protocolares do CEP mediante Avaliador e Colegiado. Diante do exposto, não necessita de recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:** O presente estudo encontra-se completo sem pendências ou inadequações, devendo o mesmo prosseguir com a execução na íntegra de seu cronograma de atividades.

**Situação do parecer:**

**Aprovado**(X )

**Pendente** ( )

**Retirado** ( ) – quando após um parecer de pendente decorre 60 dias e não houver procura por parte do pesquisador no CEP que o avaliou.

**Não Aprovado** ( )

**Cancelado** ( ) - Antes do recrutamento dos sujeitos de pesquisa.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



---

Prof.ª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

## APÊNDICE 3 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



**SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
E. E. E. F. M. MAJOR VENEZIANO VITAL DO RÊGO  
END: RUA MARIA CANDIDA DA SILVA, S/N  
BAIRRO: ACACIO FIGUEIREDO  
CAMPINA GRANDE-PB  
CEP: 58421-295  
TEL: (83)33350448**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Estamos cientes da intenção da realização do projeto intitulado: Da “casa” a “escola”: a linguagem das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa. Desenvolvido pelo aluno Sílvio César Lopes da Silva, do Curso de Mestrado Profissional em Formação de Professores da Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Dra. Paula Almeida de Castro. Responsabilizo-me, igualmente, em facilitar todo o trabalho que será realizado durante a pesquisa. Outrossim, declaro que todos os procedimentos do presente estudo, conforme esclarecimentos recebidos, estão em consonância com as condições e deliberações impostas pelos regulamentos da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB e do Conselho Nacional de Saúde na Resolução 196/96 - Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos.

Campina Grande-PB, 17 de outubro de 2012



## APÊNDICE 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do Projeto de Pesquisa: **Da “casa” a “escola”: a linguagem das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa**

**Informações sobre o projeto:** você está sendo convidado a participar, voluntariamente, neste estudo, que tem como objetivo realizar uma análise de como o uso das novas tecnologias vem sendo abordadas no contexto da sala de aula e ao mesmo tempo observar as formas como os professores vem se dando conta desse fato e como interagem com o mesmo no contexto da sala de aula de língua portuguesa.

**Como será realizada a pesquisa:** A pesquisa será realizada através da abordagem etnográfica de pesquisa sendo realizadas visitas semanais a escola e a sala de aula utilizando observações participantes, entrevistas, registro de imagens (filmadoras digitais), gravação de áudio (gravador digital) e fotografia (câmera digital). Os participantes serão convidados a participar de atividades extraclasse desenvolvidas nas dependências da própria escola, para discussão e encaminhamentos com o pesquisador e sua respectiva orientadora, para juntos refletir sobre alguns encaminhamentos de atividade que foi e que virá a ser desenvolvida. Além disso, outros documentos que forem necessários para maiores esclarecimentos sobre os dados da pesquisa poderão ser solicitados aos participantes.

**Riscos possíveis na participação da pesquisa:** A proposta desse estudo e a metodologia a ser adotada não oferecem riscos e desconfortos à integridade física e emocional dos participantes. Além disso, o pesquisador orientará para que sua participação seja a melhor possível. Você estará todo o tempo acompanhado e apoiado pelos pesquisadores.

Pesquisadores responsáveis: Sílvio César Lopes da Silva e Paula Almeida de Castro.

**Benefícios da pesquisa:** Espera-se que com esse estudo possamos construir ferramentas que venham auxiliar o professor em sua prática diária, mais especificamente o professor de Língua Portuguesa. Para tanto utilizaremos desde um acervo bibliográfico sobre as tecnologias na sala de aula e o uso das mesmas, a exploração prática do conceito “letramento digital”. Espera-se construir recursos didáticos/metodológicos em colaboração com a escola envolvida na pesquisa contribuindo para capacitar e ampliar os conhecimentos sobre os temas da pesquisa. Pretende-se, ainda, trabalhar colaborativamente com a escola pesquisada evidenciando melhores formas de funcionamento e articulação com a universidade. Os participantes poderão acompanhar todas as etapas da pesquisa desde a coleta dos dados (entrevistas, observações), assistências dos vídeos até a análise dos dados. Ressalta-se que os objetivos dessa pesquisa estão pautados na colaboração entre os pesquisadores e os participantes.

**Garantias:** Garantimos que você tem o direito a retirar-se do presente estudo a qualquer momento, antes ou durante sua realização, sem sofrer penalidade alguma ou ônus de qualquer tipo. Você poderá fazer perguntas a qualquer momento e pedir quaisquer esclarecimentos. Os resultados desta pesquisa, quando divulgados, não mencionarão a identidade dos voluntários. A confidencialidade de seus dados será assegurada pelos pesquisadores. Você não terá despesas pela sua participação neste estudo.

**Divulgação:** A divulgação dos resultados poderá ocorrer em artigos científicos, aulas, palestras, dissertações acadêmicas, vídeos ou outras formas audiovisuais de comunicação, em âmbito local, regional, nacional ou internacional, tendo como autores os pesquisadores responsáveis com finalidade, exclusivamente, acadêmica e científica.

**CONSENTIMENTO:** Declaro ter sido, suficientemente, informado sobre o estudo acima citado, tendo lido as informações e/ou obtido esclarecimentos dos pesquisadores. Ficaram claros os propósitos da pesquisa e os procedimentos a serem realizados. Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas ou remunerações para mim. Entendo que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento. Entendo, também, que estou cedendo voluntária e gratuitamente os dados e imagens provenientes deste estudo, que poderão ser explorados, analisados e divulgados, a qualquer tempo, pelos pesquisadores e colaboradores por eles indicados e, nada tenho a reclamar a respeito no presente e no futuro.

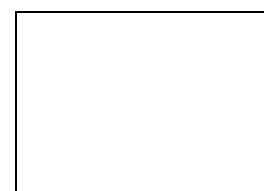
Nome do aluno voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável: \_\_\_\_\_ end. \_\_\_\_\_

Nome do pesquisador: Sílvio César Lopes da Silva / Assinatura do Pesquisador: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_, data \_\_\_\_\_

Assinatura Dactiloscópica  
Responsável legal



Em caso de dúvidas os participantes desse estudo podem entrar em contato com o pesquisador responsável pela pesquisa: Mestrando Sílvio César Lopes da Silva, por meio do endereço eletrônico: [sclopes2@yahoo.com.br](mailto:sclopes2@yahoo.com.br) - Telefone: (83) 9690-2757.

APÊNDICE 5 - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR  
RESPONSÁVEL



TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

**Pesquisa: Da “casa” a “escola”: a linguagem das novas tecnologias nas aulas de  
Língua Portuguesa**

Eu, Profa. Dra. Paula Almeida de Castro, Professor(a) do Mestrado em Formação de Professores da Educação Básica, portadora do RG: e CPF: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_-\_\_\_ comprometo-me em cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humano.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

---

Assinatura do(a) Orientador(a)

**Campina Grande, 10 de Outubro de 2012**

**APÊNDICE 6 – DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

**DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa: Da “casa” a “escola”: a linguagem das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa**

Eu, Sílvio César Lopes da Silva, professor de Educação Básica III na Rede estadual de ensino do Estado da Paraíba, portador(a) do RG:2307858-SSP-PB declaro que estou ciente do referido Projeto de Pesquisa e comprometo-me em verificar seu desenvolvimento para que se possam cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

---

Orientadora

---

Orientando

**Campina Grande, 15/10/2012**

APÊNDICE 7 – **TERMO DE COMPROMISSO INSTITUCIONAL****TERMO DE COMPROMISSO INSTITUCIONAL**

Eu, \_\_\_\_\_,  
 representante do estabelecimento de  
 ensino \_\_\_\_\_ na  
 qualidade de \_\_\_\_\_, responsável pela  
 Instituição declaro que assumo o compromisso de contribuir e ajudar com toda e  
 qualquer informação, bem como colaborar na realização da pesquisa de campo e  
 nos procedimentos que serão realizados nesse espaço escolar. Durante a  
 realização do projeto de pesquisa intitulado: **Da “casa” a “escola”: a linguagem  
 das novas tecnologias nas aulas de Língua Portuguesa.** Responsabilizo-me,  
 igualmente, em facilitar todo o trabalho que será realizado durante a pesquisa.

Outrossim, declaro que todos os procedimentos do presente estudo,  
 conforme esclarecimentos recebidos, estão em consonância com as condições e  
 deliberações impostas pelos regulamentos da Universidade Estadual da Paraíba –  
 UEPB e do Conselho Nacional de Saúde na Resolução 196/96 - Diretrizes e  
 Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos.

Campina Grande, 15 de Outubro de 2012.

---

## APÊNDICE 8 – MODELO DO QUESTIONÁRIO ONLINE

**Questionário**

As questões abaixo estão organizadas na sequência, ou seja, para passar a questão seguinte é necessário responder as mesmas na sequência.

1. Qual palavra você utilizaria para definir tecnologia?

Tempo - Comodidade - Interatividade - Facilidade - Criatividade

2. Você acessa a internet de qual local ou meio?

Casa - Escola - Lan house - Modem - Celular

3. Quantas vezes você acessa por semana?

1 - 2 - 3 - 4 - 5 - Mais de 5 vezes por semana

4. Ao acessar a internet, quanto tempo você permanece conectado?

1 hora - 2 horas - 3 horas - 4 horas - Mais de 5 horas

5. Você possui conta de facebook, MSN, email?

Sim Não

Quais você utiliza?

Com que frequência?

Se você acessa todos os dias, ou algumas vezes por semana?

6. Você conhece todos que fazem parte da sua lista de amigos do facebook?

Sim Não

7. Olhando para a sala de aula, de que forma a internet e o uso das tecnologias pode melhorar as aulas?

Pense em algo que possa melhorar as aulas e por conseguinte a aprendizagem.

8. Você utiliza a internet para pesquisa de algum conteúdo das disciplinas da escola?

Sim Não

9. Você procura saber se a informação do site acessado é confiável?

Sim Não

10. Se fosse possível utilizar o celular durante as aulas, como você o usaria?

11. É possível viver hoje em dia sem usar a tecnologia e a rede mundial de computadores?

Sim Não

12. Se você fosse resumir o uso da internet e das tecnologias na sala de aula, que palavra ou frase você utilizaria?